



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS - FACEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
NÍVEL: MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA

ETNOGEOMORFOLOGIA NA SERRA DO FEITICEIRO: A TRILHA DA
DEVOÇÃO

MOSSORÓ/RN
2022

EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA

ETNOGEOLOGIA NA SERRA DO FEITICEIRO: A TRILHA DA
DEVOÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGeo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN para obtenção de título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Paisagens Naturais e Meio Ambiente.

Linha de pesquisa: Dinâmicas dos Sistemas de Superfície Terrestre

Orientadora: Prof^a. Dra. Silvana Praxedes de Paiva Gurgel

MOSSORÓ/RN
2022

EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA

ETNOGEOGRAFIA NA SERRA DO FEITICEIRO: A TRILHA DA
DEVOÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Geografia – PPGeo, da Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte – UERN para obtenção de título
de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Silvana Praxedes de Paiva
Gurgel

Aprovada em: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Silvana Praxedes de Paiva Gurgel (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^a. Dra. Jacimária Fonseca de Medeiros (Membro Interno)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Membro externo)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Wendson Dantas de Araújo Medeiros (Suplente Interno)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dr. Osvaldo Girão da Silva (Suplente Externo)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

MOSSORÓ/RN
2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D418e de Oliveira Silva, Everaldo
ETNOGEOLOGIA NA SERRA DO
FEITICEIRO: A TRILHA DA DEVOÇÃO. / Everaldo de
Oliveira Silva. - Mossoró-RN, 2022.
106p.

Orientador(a): Profa. Dra. Silvana Praxedes de Paiva
Gurgel.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação
em Geografia). Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte.

1. Serra do Feiticeiro. 2. Etnogeomorfologia. 3.
Paisagem. 4. Religiosidade. 5. Turismo. I. Praxedes de Paiva
Gurgel, Silvana. II. Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradecer a Deus pelo dom da vida e pelas capacidades para estar produzindo este trabalho, ainda mais diante de tantos acontecimentos como o aumento da violência e essa pandemia que abalou o mundo.

Agradecer aos meus pais seu Luís e dona Lourdes, que apesar da vida simples na agricultura e suas dificuldades, sempre me mostraram que a educação e os estudos formam o caminho do homem de bem e me incentivarem, meu muito obrigado.

Ao meu irmão e amigo, Erivaldo, que assim como eu, vai vencendo na vida por meios próprios, adquiridos em virtude de sempre acreditarmos nos nossos estudos. A minha querida companheira que conheci aqui nesse mestrado, Marlene Yara, um amor que se constrói a cada dia, obrigado por aparecer na minha vida e ser essa pessoa tão especial.

Aos meus amigos e professores João Bosco Vieira de Moura, professor de História e ao professor Nivaldo Mangueira, professor de Física ambos do Ensino Médio, grandes incentivadores. Ao professor Filipe da Silva Peixoto, que me incentivou a fazer a seleção do mestrado, e aqui estamos hoje, concluindo mais um ciclo.

À professora Silvana Praxedes de Paiva Gurgel, minha orientadora, por acreditar e confiar na nossa capacidade. Ao Cícero (Cícero Lajes), sempre disposto a ajudar quando precisávamos de informações, aos entrevistados, pois, são fundamentais para que a pesquisa exista nos moldes que foi construída.

Aos meus comandantes imediatos que na medida do possível me alocaram em funções que me permitiram ter condições de estudar. A todos os meus amigos que sempre me incentivaram. Enfim, a todos que estão juntos comigo felizes por estar concluindo mais esta etapa da minha vida. Aqueles que não lembrei do nome agora, não se sintam esquecidos, serão lembrados e reconhecidos na memória.

RESUMO

Esta pesquisa surge a partir do projeto de pesquisa intitulado “GeoRoteiros Potiguares” e tem como finalidade analisar a relação do autóctone residente na comunidade de Boa Vista, com o geomonumento Serra do Feiticeiro e as mudanças na paisagem que levam ao surgimento de uma tradição que já tem mais de um século e como essa feição geomorfológica favorece a manutenção desses eventos simbólicos culturais. A história tem início com o desaparecimento de um garoto ao pastorear animais e se perdeu na serra, sendo encontrado três dias depois já sem vida sob uma pedra e após alguns anos foi construída uma capela para o garoto e passado algum tempo foi dito que uma pessoa alcançou um milagre através da Pedra do Anjo, dando início ao que hoje se configura como uma tradição religiosa local. A disseminação desses eventos acaba angariando visitantes para o local, dessa forma, levantamos as seguintes hipóteses: Será que aquela manifestação religiosa encontrada na Serra do Feiticeiro se dá em razão da topografia alta? Quais os traços na paisagem que caracterizam o apoio popular para esse simbolismo religioso e como se relacionam com a geomorfologia local? Para tanto, utilizamos como base para nossos estudos, a Etnogeomorfologia, que trabalha com análise de comunidades rurais mais isoladas e a forma como os residentes dessas comunidades se relacionam com a geomorfologia e, se compreendem as mudanças na paisagem e como utilizam delas para atividades de seu cotidiano. Para tanto realizamos visitas ao campo de estudo, inicialmente para reconhecimento da área, analisando as mudanças na paisagem, posteriormente aplicação de um questionário no dia da romaria, 3 de maio, no entanto, em razão da pandemia do Sars-Cov-2, tivemos muitas dificuldades em razão do pequeno número de devotos que foram ao local, retornamos em um segundo momento para aplicação de um novo questionário, agora na comunidade de Boa Vista, com vistas a analisar como era a relação e importância do geomonumento para a manutenção da tradição religiosa local, qual a importância do meio ambiente para os residentes e como apontam as potencialidades que podem ser desenvolvidas na serra que podem favorecer a geração de renda para comunidade atenuando ou até mesmo solucionando os déficits econômicos existentes na comunidade pela falta de empregos formais, uma vez que por serem agricultores em sua maioria, dependem diretamente dos índices pluviométricos que são bastantes irregulares na região que é a mais seca do estado. A pesquisa aponta para uma relação da comunidade com a paisagem que favorece as tradições culturais religiosas lá existentes que fazem do local um novo georoteiro potiguar com potencialidades para o turismo religioso e também o turismo de aventura.

Palavras-Chaves: Serra do Feiticeiro; Etnogeomorfologia; Paisagem; Religiosidade; Turismo.

ABSTRACT

This research arises from the research project entitled "GeoRoteiros Potiguares" and aims to analyze the relationship of the native resident in the community of Boa Vista, with the Serra do Feiticeiro geomonument and the changes in the landscape that lead to the emergence of a tradition that already is more than a century old and how this geomorphological feature favors the maintenance of these cultural symbolic events. The story begins with the disappearance of a boy while herding animals and he got lost in the mountains, being found three days later already lifeless under a stone and after a few years a chapel was built for the boy and after some time it was said that a person achieved a miracle through Pedra do Anjo, starting what today is configured as a local religious tradition. The dissemination of these events ends up attracting visitors to the place, thus, we raise the following hypotheses: Is that religious manifestation found in Serra do Feiticeiro due to the high topography? What are the features in the landscape that characterize popular support for this religious symbolism and how do they relate to local geomorphology? Therefore, we use as a basis for our studies Ethnogeomorphology, which works with the analysis of more isolated rural communities and the way in which the residents of these communities relate to geomorphology and, if they understand the changes in the landscape and how they use them for their activities. daily. For that, we carried out visits to the field of study, initially to recognize the area, analyzing the changes in the landscape, later applying a questionnaire on the day of the pilgrimage, May 03, however, due to the Sars-Cov-2 pandemic, we had many difficulties due to the small number of devotees who went to the place, we returned in a second moment to apply a new questionnaire, now in the community of Boa Vista, in order to analyze how was the relationship and importance of the geomonument for the maintenance of the tradition religious community, what is the importance of the environment for the residents and how they point out the potentialities that can be developed in the mountains that can favor the generation of income for the community, mitigating or even solving the existing economic deficits in the community due to the lack of formal jobs, a since they are mostly farmers, they depend directly on the pluviometric indices that are quite irregular in the region that which is the driest in the state. The research points to a relationship between the community and the landscape that favors the existing religious cultural traditions that make the place a new potiguar georoute with potential for religious tourism and also adventure tourism.

Keywords: Serra do Feiticeiro; Ethnogeomorphology; Landscape; Religiosity; tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do município de Lajes e da Serra do Feiticeiro.....	14
Figura 2: Mapa topográfico do município de Lajes/RN.....	20
Figura 3: Serra do Feiticeiro.....	21
Figura 4: Cristas da Serra do Feiticeiro.....	21
Figura 5: Comunidade Boa Vista.....	40
Figuras 6 e 7: Mina desativada localizada na Serra do Feiticeiro.....	44
Figura 8: Duas estradas que faziam parte das rotas da mina e ligam, à esquerda, a comunidade Boa vista e à direita, a BR-304.....	45
Figura 9: Pedra do Anjo.....	52
Figura 10: Capela da Divina Santa Cruz.....	52
Figura: 11: Bolão de Vaquejada na comunidade.....	55
Figura 12: Cavalgada com romeiros.....	55
Figura 13: Grupos de amigos em motocicletas chegando para a romaria.....	56
Figura 14: Folder de anúncio da Romaria.....	56
Figuras 15; 16: Assistência da Prefeitura de Lajes na Romaria.....	56
Figura 17: Capela da Divina Santa Cruz vista no alto da serra.....	57
Figuras:18; 19: Romeiros.....	58
Figuras 20;21: Dia de romaria na Serra do Feiticeiro em tempos de pandemia do Sars-Cov-2.....	58
Figuras 22, 23: Peregrinos subindo a trilha da Serra do Feiticeiro.....	58
Figuras: 24, 25: Romeiros deixando pedras sobre os galhos das árvores.....	60
Figura 26: Idosos participando da romaria.....	60
Figura 27: criança trajada de bata pagando promessa.....	60
Figura 28: Romeiro subindo a trilha descalço.....	61
Figura 29: Parte da trilha.....	61
Figura 30: Conhece alguém que alcançou graça através da Pedra do Anjo?.....	65
Figura 31: Por qual motivo sobe a serra?.....	67
Figuras: 32, 33: Romeiros na Capela Divina Santa Cruz.....	68
Figuras 34, 35: Subida da Capela da Divina Santa Cruz e romeiros subindo em momento de devoção.....	69
Figura 36: Exterior da Capela da Divina Santa Cruz.....	69
Figura 37: Interior da Capela da Divina Santa Cruz.....	69
Figura 38: Já deixou algum objeto que simbolizasse cura?.....	70
Figuras: 39 e 40: Pedra do Anjo e local utilizado para acender velas.....	71
Figura 41: Como ficou sabendo da história de milagres da Pedra do Anjo?.....	73
Figuras: 42, 43: Placas para conscientização dos visitantes e romeiros.....	76

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1 MATERIAIS E MÉTODOS.....	10
2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	15
2.1 <i>Geomorfologia de Lajes</i>	15
2.2 Geodinâmica da paisagem e a Serra do Feiticeiro.....	18
3 PAISAGEM, PERCEPÇÃO AMBIENTAL, GEOMORFOLOGIA E ETNOGEOMORFOLOGIA	26
3.1 <i>Geodiversidade, Geoconservação e sua relação com a Etnogeomorfologia</i>	30
3.2 <i>Patrimônio cultural, natural e geomorfológico</i>	33
4 O SAGRADO E O SIMBÓLICO: a representação religiosa popular	35
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	42
5.1 <i>Economia da comunidade de Boa Vista</i>	45
5.1.1 <i>A agricultura e criação de animais</i>	45
5.1.2 <i>A mineração</i>	47
5.2 GEOMONUMENTO, LUGARES ALTOS E FÉ: a construção simbólico-religiosa da Serra do Feiticeiro	50
6 POTENCIALIDADES DA SERRA DO FEITICEIRO: turismo religioso e de aventura	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE A- Roteiro de entrevista com romeiros do dia 03 de maio	97
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com o Secretário de Turismo de Lajes/RN	99
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com a comunidade de Boa Vista – Lajes/RN	100
APÊNDICE D – Entrevista com os guias turísticos	101
ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	102
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	104

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge como um desafio lançado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Central-Mossoró, por meio do projeto de pesquisa intitulado “Geo-Roteiros Potiguares”, onde são analisados os locais que apontam enormes potenciais e não são explorados ou conhecidos pelo restante da população no Estado do Rio Grande do Norte.

Os próximos capítulos tratarão de questões teóricas voltadas para conceituações de Etnogeomorfologia, percepção ambiental, a importância dos patrimônios geomorfológicos, sagrado e simbólico e como as comunidades tradicionais se relacionam com a natureza.

A Etnogeomorfologia é um ramo da geomorfologia que trabalha com as questões do ser humano e sua relação com o meio natural, leva em consideração nas suas análises a interação e atividades desenvolvidas entre homem e natureza. Na pesquisa que se segue, buscamos analisar nas relações entre os autóctones da comunidade de Boa Vista e a natureza, as questões simbólicas culturais existentes na Serra do Feiticeiro há mais de um século e fazem parte da história da comunidade.

Ribeiro (2021), referência nos estudos de Etnogeomorfologia, afirma que ela é uma ciência ainda jovem, e se faz necessária uma abrangência desse campo de estudo e os processos de aprimoramento por meio de novas pesquisas.

O campo cultural e das tradições dessas comunidades mais isoladas podem subsidiar novas pesquisas sobre a construção de símbolos a partir da interação do homem e natureza, corroborando para compreensão do modo de vida e de alternativas para uma relação harmoniosa com o meio em que vivem.

Dessa forma, propomos uma análise da paisagem a partir da percepção dos residentes na comunidade de Boa Vista, bem como da construção e manutenção de um símbolo cultural da tradição local oriundo de um mito religioso que existe há mais de um século e ganha adeptos a cada ano.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação dos moradores da comunidade de Boa Vista com a feição geomorfológica Serra do Feiticeiro, a partir do simbolismo religioso e potencialidades turísticas locais.

E como objetivos específicos foram definidos: Análise da relação homem-meio e percepção ambiental; Os usos e costumes evidenciados no relacionamento do autóctone com a paisagem e simbolismos religiosos; Apresentar potencialidades da Serra do Feiticeiro para ser um novo georroteiro no Estado do Rio Grande do Norte.

Como norte, foram elaborados questionamentos como: Que elementos favorecem aquela manifestação religiosa encontrada na Serra do Feiticeiro? Quais os traços na paisagem que caracterizam o apoio popular para esse simbolismo religioso e como se relacionam com a geomorfologia local?

A pesquisa se justifica uma vez que não podemos esboçar a paisagem como elemento integrante do espaço geográfico que está ilógico, se faz necessário analisar os diversos fatores que compõem aquela paisagem em uma retórica corroborada por um dinamismo que compreende elementos físicos, fatores biológicos e antrópicos (BERTRAND, 2004).

Dessa forma, a presente pesquisa analisa a importância em identificar na paisagem as manifestações religiosas, a cultura e formas de manejo da comunidade Boa Vista, contribuindo para uma melhor compreensão do lugar onde vivem, aliado ao conhecimento científico etnogeomorfológico, proporcionando a elaboração de projetos governamentais que assista à comunidade com maior eficácia, e a partir das potencialidades destacadas durante as coletas no campo de pesquisa, a possibilidade de inserção da Serra do Feiticeiro como novo georroteiro para o Estado do Rio Grande do Norte.

1 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa tem caráter qualitativo, em que o pesquisador busca estabelecer o significado de um determinado fenômeno a partir do ponto de vista dos participantes (CRESWELL, 2007). Como também tem caráter exploratório, descritivo e bibliográfico, pois busca descrever as características de determinado fenômeno, a partir de materiais já elaborados e analisados com o intuito de obter contribuições significativas.

A metodologia desta pesquisa baseia-se tanto na apropriação de dados secundários como trabalhos acadêmicos, pesquisas em mídias sociais locais ou não, site oficial da Prefeitura Municipal de Lajes, quanto na coleta de dados primários a partir de pesquisa de campo pautada no reconhecimento da área de estudo, na captura de imagens do local, entrevistas com devotos presentes na Serra do Feiticeiro no dia 3 de maio de 2021, apesar de não ter ocorrido a missa da romaria devido a pandemia do Covid-19, mas ainda assim foram pagar seus votos, também foram entrevistados os moradores da Comunidade de Boa Vista, guias turísticos e secretário de turismo do município.

A pesquisa aponta para uma relação da comunidade com a paisagem que favorece as tradições culturais religiosas lá existentes que fazem do local um novo georroteiro potiguar com potencialidades para o turismo religioso e também o turismo de aventura.

Descreve-se a seguir as etapas da pesquisa de forma mais detalhada, que por sua vez, foi dividida em 6 etapas, a seguir:

Etapa 1. Foi realizado um levantamento bibliográfico para subsidiar o referencial teórico, a pesquisa se apoia em dados secundários a partir de artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, e-book com temas chaves como religiosidade, Etnogeomorfologia, percepção ambiental, geoturismo, por exemplo, além da visitação de blogs locais e do site da prefeitura municipal de Lajes/RN para levantamento histórico e dados oficiais sobre a comunidade estudada.

Para Mattar (1996, p. 134), “[...] dados secundários são aqueles que já foram coletados, tabulados, ordenados e, às vezes, até analisados, com o propósito de atender às necessidades da pesquisa em andamento, e que estão catalogados à disposição dos interessados”.

Etapa 2. Primeira atividade de campo. Momento destinado ao reconhecimento do campo de pesquisa, foi realizada uma viagem de campo no mês de novembro de 2020, na qual foram inicialmente coletadas imagens do local e de diversas práticas religiosas

lá encontradas, bem como análise da paisagem e modificações decorrentes da ação antrópica.

Etapa 3. Com base em um novo viés de pesquisa geográfica, no qual partimos para análise de dados que precisam de tradução, diálogos pautados por questionários semiestruturados que tentam extrair dos romeiros que vão a Serra do Feiticeiro, suas percepções daquele espaço, ora imbuído de sentidos (HEIDRICH; PIRES, 2016).

Nesse momento ocorreu uma segunda visita a Serra do Feiticeiro, justamente no dia 3 de maio de 2021, dia em que acontece a romaria. Infelizmente em razão da segunda onda da pandemia do Sars-Cov-2, a Prefeitura Municipal de Lajes, divulgou uma nota na qual não recomendava que as pessoas fossem até o local para seus cultos religiosos.

Apesar das intempéries, era preciso aplicação do questionário com as pessoas que por ventura se fizessem presentes no dia que atrai mais devotos para o local, pois só ocorre uma vez no ano a peregrinação com maior intensidade em alusão ao dia em que o menino foi encontrado, ou seja, maior fluxo de pessoas sendo cenário importante para coleta de dados da pesquisa.

A aplicação do primeiro questionário, com o objetivo de identificar os locais de origem de cada um dos romeiros presentes, a frequência e finalidade das subidas na Serra do Feiticeiro, se o ato de subir influencia no recebimento de bênçãos bem como se foram agraciados ou conhecem alguém que alcançou bênçãos. Também foram questionados se conhecem a história da Pedra do Anjo e a percepção deles em relação à paisagem e o simbolismo religioso presente na Serra do Feiticeiro. As entrevistas foram realizadas e gravadas em áudio, além de registros fotográficos. Apesar da pequena demanda de devotos devido o momento pandêmico vivenciado, foi possível entrevistar pessoas dos mais variados locais do município e de fora dele.

Quando nos deparávamos com grupos, escolhíamos no máximo duas pessoas, para evitar que ocorressem respostas semelhantes em decorrência de ouvir o primeiro entrevistado e reproduzir as mesmas ideias, bem como, o cuidado com interferências externas dos acompanhantes.

Felizmente, conseguimos realizar 12 entrevistas com devotos do menino e aqueles que buscavam conhecer o local, em razão do pequeno número de romeiros, buscamos entrevistar o máximo de romeiros e visitantes no local.

“Como é inerente a qualquer prática de metodologia, ela requer adaptação ao foco da pesquisa” (HEIDRICH; PIRES, 2016, p. 22). Iniciamos com aqueles que eram visíveis as demonstrações de fé, seja por alguma vestimenta, característica de quem foi pagar

promessas, idosos e por fim, os mais novos acima de 17 anos de idade, dessa forma, pudemos trabalhar com gerações diferentes.

Etapa 4. Uma terceira visita ao campo de pesquisa foi realizada na comunidade de Boa Vista, para aplicação de uma nova entrevista, com a finalidade de coletar dados acerca da percepção ambiental, do simbolismo religioso da Serra do Feiticeiro e sua importância para comunidade, assim como se eles interpretam a serra como espaço turístico que beneficie a comunidade, também entrevistamos guias na tentativa de analisar o potencial turístico local e se há algum apoio por parte da prefeitura municipal.

Foram realizadas no total 22 entrevistas, sendo elas: 2 guias ou condutores turísticos, 2 devotos que residem no município de Lajes e 18 moradores da comunidade de Boa Vista. Na comunidade residem 39 famílias, no entanto, muitos moradores não se encontravam em suas residências, seja em razão de trabalho ou passaram a residir em Lajes e frequentam a comunidade apenas em finais de semana ou feriados, de acordo com alguns entrevistados.

Inicialmente fomos à comunidade com o objetivo de entrevistar os moradores com idade a partir dos 60 anos, porém em razão das dificuldades de localizá-los, buscamos por indivíduos com maior tempo de residência na comunidade.

Esse envolvimento do sociocultural é absorvido a partir do momento que buscamos na oralidade e memória dos residentes na comunidade e romeiros, esmiuçar e compreender os significados e sentidos que são atribuídos ao simbolismo religioso lá encontrado. São os levantamentos da pesquisa qualitativa os caminhos para trabalhar em tal perspectiva (HEIDRICH; PIRES, 2016).

Pensar na pesquisa qualitativa é direcionar a visão do pesquisador para as relações existentes entre sociedades humanas e um determinado espaço, onde a formação social segue critérios específicos. Tanto os “indivíduos, os grupos e as classes atribuem significados e intencionalidades a suas ações, concepções e construções históricas”, quer dizer, aqueles grupos de indivíduos dão significância a seus espaços, seus símbolos representam sua produção cultural ao passar do tempo (LIMA; MOREIRA, 2015, p. 27).

Escolher um método e técnica de pesquisa não é uma tarefa fácil, necessário se faz realizar uma fundamentação do referencial teórico e metodológico mais próximo do nosso objeto de estudo (LIMA; MOREIRA, 2015).

Por sua vez, a entrevista consiste na busca pelo objetivo do pesquisador em construir o máximo de informações que sejam adequadas ao que ela se propõe, utilizando do

modo de entrevista semiestruturada, que se pauta em questões abertas e fechadas, permitindo que o entrevistado possa discorrer com mais liberdade sobre o tema proposto ou questão, permitindo ainda, a formulação de outras questões durante o diálogo (LIMA; MOREIRA, 2015, p. 39).

A análise qualitativa nos remete ao encontro das características particulares dos indivíduos, em razão da subjetividade e do simbolismo, elementos intrínsecos no contexto social e situacional, direcionando o pesquisador para a interpretação de cada fala particular (LIMA; MOREIRA, 2015).

Apesar de trabalharmos com uma entrevista semiestruturada, não deixamos de aproveitar fatos marcantes dentro de cada entrevista, já que “a descrição de situações em particular, com mais raridade podem ser previamente consideradas” (HEIDRICH; PIRES, 2016, p. 23). O que de fato aconteceu, cada relato trazia novidades que denotavam para a importância de pesquisar naquele espaço.

O campo de pesquisa proporciona “uma interpretação que destaque aspecto, o relevo de alguma qualidade que tenha resultado do diálogo, do registro, da articulação de nossos valores referenciais, que muitas vezes conseguimos ver na experiência empírica” (HEIDRICH; PIRES, 2016, p. 27-28). Além da questão religiosa que se debruça sobre a Serra do Feiticeiro, buscamos analisar como o ambiente interfere nesse simbolismo, e como ele importa nos diferentes sentidos, para comunidade de Boa Vista.

Etapa 5. Compilação dos dados obtidos no campo de pesquisa nas duas viagens que foram realizadas, fazendo uso das imagens coletadas, dos dados obtidos a partir do questionário e de conversas informais com aqueles que não se sentiram confortáveis em participar oficialmente da entrevista, sendo que esses relatos, serviram apenas de apoio aos coletados em documentação exigida pelo Comitê de Ética da UERN.

A partir da compilação dos dados foi possível a confecção de gráficos com amostragem em porcentagem do quantitativo de respostas, bem como, analisar as respostas que mais se repetiam.

Etapa 6. Elaboração dos mapas: Para confecção dos mapas elencados nesta pesquisa que abrangem a localização, geomorfologia e topografia da área de estudo foram utilizados *shapefile* das camadas *rasters*, material que está disponível no banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, acessando a área dos municípios do Estado do Rio Grande do Norte, com características geomorfológicas do estado e de unidades federativas do Brasil, também foram utilizados dados do Instituto

Nacional de Pesquisas Espaciais-INPE, fizemos uso de imagens de satélite georreferenciadas e por fim, da plataforma Google, com imagens de satélite.

Após a coleta desses dados foi realizada a categorização, classificação e rotulação dos dados através do software QGIS na versão 3.16. Posteriormente, foram ajustados todos os dados para enfim, chegarmos à composição gráfica dos mapas por meio da ferramenta denominada compositor de mapas que está disponível na própria plataforma do QGIS. Essa etapa ainda se caracteriza por adicionarmos a escala, grade, coordenadas, legenda e textos, em seguida exportamos os dados do mapa para o formato de imagem (PNG, JPEG e TIFF), essa etapa conclui a elaboração dos mapas para então serem incorporados ao corpo texto da dissertação de mestrado.

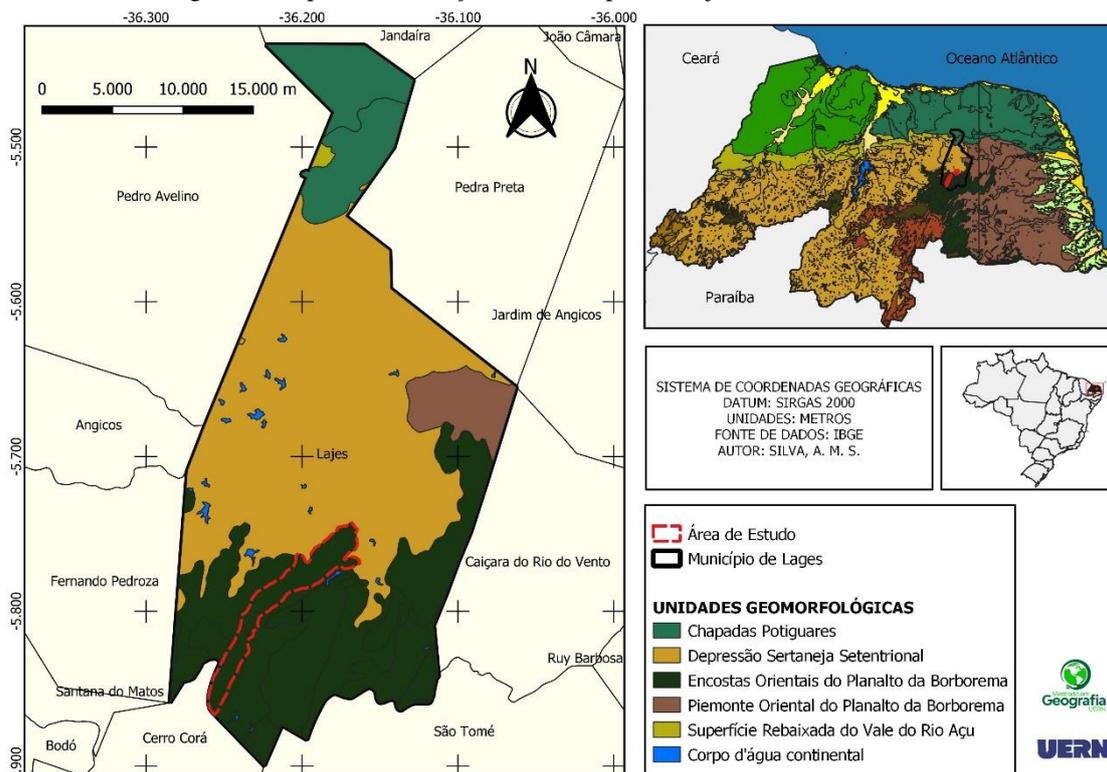
O trabalho foi dividido em 6 capítulos que objetivam inicialmente uma apresentação da área de estudo, compreensão da teoria utilizada e sua relação com o objeto de estudado, e por fim, desenvolvimento e discussão central da pesquisa concluindo com as considerações finais dos autores.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1 Geomorfologia de Lajes

O município de Lajes está situado a 125 km da capital Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Segundo Bezerra et. al. (2016), compreende a Mesorregião Central potiguar, situada na porção setentrional do Planalto da Borborema, na microrregião de Angicos, do Planalto da Borborema e a Depressão Sertaneja, como mostra a figura 1.

Figura 1: Mapa de localização do município de Lajes e da Serra do Feiticeiro



Fonte: IBGE, 2020. Elaborado por: SILVA, A. M. S.

Segundo o IBGE, o município de Lajes conta com uma população de 11.410 habitantes (censo 2021). O zoneamento populacional do município divide-se predominantemente em: 77% residentes na zona urbana e 22,28% residindo na zona rural, com densidade demográfica é de 15,34 hab./km² (2010) (LAJES PREFEITURA, 2022).

Possui uma extensão territorial de 676,625km², faz divisa com os seguintes municípios: Pedra Preta, Caixara do Rio dos Ventos, Fernando Pedroza, Pedro Avelino, Angicos, Cerro Corá, São Tomé e Jandaíra. Está inserida no bioma caatinga, na Região Intermediária de Mossoró, Região Imediata de Açu, Microrregião de Angicos. Suas coordenadas geográficas são: Latitude: 5° 42' 00'' Sul; Longitude: 36° 14' 41'' Oeste (LAJES, PREFEITURA MUNICIPAL, 2022).

O município de Lajes está localizado na região mais seca do Estado que se caracteriza por um período prolongado de seca, estando susceptível aos efeitos desertificação. O período chuvoso que propicia o acúmulo de água fica restrito a poucos meses e a distribuição das chuvas também é outro fator marcante que prejudica a região (SZILAGYI, 2007).

De acordo com Nimer (1989), o que caracteriza a região semiárida é a pluviometria que não ultrapassa os 800 mm por ano, bem como longos períodos de estiagem ocasionando secas com índices pluviométricos ainda menores. O clima predominante é Tropical Semiárido Quente com 7 a 8 meses seco.

O período chuvoso do município se restringe aos meses de março a abril (CPRM, 2005), segundo Cavalcanti (2008), o clima de Lajes é do tipo BSh, semiárido e sua estação seca vai de julho a dezembro, tem uma média de chuvas durante o ano de 500 mm, possui um índice de aridez do solo de 12,7 e umidade média de 70% durante o ano. Apresenta temperaturas que variam de 21, 0°C até 33,0°C (CPRM, 2005).

No que concerne à geomorfologia local, o Planalto da Borborema exerce predominância morfoestrutural na Região Nordeste, seu relevo se caracteriza pela presença de morros e serras de cotas baixas, pequenas cristas e escarpas que são superfícies planálticas recobertas por coberturas cenozóicas, a delimitação ocorre por rebordos erosivos e escarpas serranas (BEZERRA et al, 2016).

Souza (1998, p. 26) apud Szilagyi (2007), aponta que as formações rochosas que compõem o Planalto da Borborema, no caso de Lajes, Serra de Santana e Serra do Feiticeiro, acabam interferindo na chegada dos ventos Alísios do Sudeste e das Ondas de Leste por meio do sombreamento, esses ventos que garantem chuvas no período de maio e agosto, com esse barramento dos ventos o período de estiagem fica prolongado.

“Os processos morfogenéticos possuem uma dinâmica própria e são elementos componentes de um conjunto maior, refletindo a influência do clima regional” (CHRISTOFOLLETTI, 1980, p. 31).

Para Bezerra et al (2016), a evolução geológica do embasamento cristalino no Rio Grande do Norte surge por meio da acreção de arcos magmáticos com contribuição do material juvenil decorrente do Paleoproterozóico, as acreções deram origem a formação Domínio São José do Campestre e Domínio Rio Piranhas-Seridó.

Segundo Cavalcanti (2008), o município de Lajes está inserido na folha de Pedro Avelino (SB.24-X-D-VI) na escala 1:100.000 pertencente à Formação Jucurutu, componente do Grupo Seridó, Província da Borborema, no Domínio das Supracrustais.

A formação se constitui por biotita gnaisses, biotita xistos, mármore, quartzitos, calciossilicáticas, formações ferríferas e metavulcânicas máficas e félsicas, como afirma Jardim de Sá (1984) e na folha de São Bento do Norte (SB.24-X-D-III), escala de 1:100.000, com edição da SUDENE (CPRM, 2005).

A geologia do município, que como já foi dito está inserido na Província da Borborema, apresenta litótipos do Complexo Caicó, formações rochosas do Grupo Seridó, que se apresentam nas formações Seridó e Jucurutu, com presença de granitóides nas suítes do Poço da Cruz e Itaporanga, além de sedimentos oriundos das formações Açu e Jandaíra (CPRM, 2005).

A geomorfologia regional, segundo Szilagyi (2007), é representada por terrenos baixos, com altitudes entre 200 e 400 metros de altitude, entre as encostas do Planalto da Borborema e da Chapada do Apodi, área de predominância da Depressão Sertaneja.

Quanto ao tipo de solo é possível afirmar que o clima, hidrografia, geomorfologia e geologia levam a formação de luvisolos apresentando uma variável de 10 a 50 cm. Existe enorme presença de argila avermelhada a bruno-avermelhada, tipo de solo com ph entre 6,0 e 7,0. São vulneráveis a erosão e salinização, rasos e pedregosos sendo utilizados mais para agriculturas de ciclos curtos. São considerados ainda como solos frágeis (SZILAGYI, 2007).

No entanto, a prevalência é de solos litólicos eutróficos arenosos, tem fase arenosa e rochosa, eles são favoráveis as culturas do algodão arbóreo, feijão, milho e para pastagem em determinadas áreas, na criação animal se destacam as criações de ovinos e caprinos (CAVALCANTI, 2008).

Sua vegetação é característica de clima seco, exibe grande presença cactácea com plantas de pequeno porte e espalhadas. Na sua maioria são herbáceas e arbustivas, em razão da baixa e irregular pluviometria existente na região não tem copas para evitar perder água armazenada pela transpiração de folhas., taxas de umidade baixas e elevada evaporação potencial (BEZERRA et al, 2016).

É constituída por vegetação hiperxerófilas de caráter mais seco, com predominância de cactácea e plantas mais arbustivas e espalhadas, são encontradas jurema preta, mufumbo, faveleiro, marmeleiro, xique-xique e facheiro. Constitui-se ainda por plantas xerófilas e mesófilas, da caatinga ou cerrado, são facilmente encontrados o mandacaru (cardeiro) e macambira, gramíneas, juremas, mufumbos, angicos, juazeiros, algarobas, como também umburana (CAVALCANTI, 2008).

RADAMBRASIL (1983) apud Cavalcanti (2008), comenta que o município de Lajes, apresenta hidrologia de padrão dendrítico, sendo formada por tributários da bacia do Rio Quiquimproá, tem cursos retilíneos, intercalados por setores sinuosos, adaptados a falhas e fraturas, merecem destaque os riachos Amarante, Vaca Morta e da Barragem.

No que tange a águas superficiais o domínio é da bacia hidrográfica do Rio Ceará-Mirim, que transpassa em sua porção central na direção W-E. Seus principais fluentes são o Rio Lajes e os riachos de Santa Fé, Baixa do Bezerra, Trapiá do Meio, Poço Preto, Lagoinha e Oriente em sua porção Norte. Ao Sul Rio Pedra Preta e Ponta d Serra, também riachos do Almirante, Oriente, Bonfim, Riachão, Olho D'água, do Boi, Ribeiro e dos Porcos. A Leste, riachos do Arame, Bonfim, Maniçoba, Santo Antônio ou da Serra, Mundo Novo. Na porção Oeste Rio Lajes e riachos Videu e Pedra Vermelha (CPRM, 2005).

Os açudes são os reservatórios que acumulam água superficial, destaque para o Ameixa 100.000 m³, abastecido pelo riacho Pedra Vermelha, Açude Caraúbas 350.000³, abastecido pelo Rio Lajes, já os açudes Gavião com 100.000 m³ e Juazeiro 1.266.000 m³, são alimentados pelos riachos Juazeiro e Lajinha. São cursos de regime intermitente com padrão de drenagem, como já dito, dendrítico, esses reservatórios são todos públicos (CPRM, 2005).

Com vistas à hidrologia subterrânea se pode afirmar que o município de Lajes está no Domínio Hidrogeológico Intersticial, Domínio Hidrogeológico Kárstico-fissural e no Domínio Hidrogeológico Fissural. O Domínio Intersticial é formado a partir de rochas sedimentares da Formação Açú. Já o Domínio Kárstico-fissural é composto de calcários da Formação Jandaíra e por fim, o Domínio Fissural que se forma por meio de rochas do embasamento cristalino sob o domínio de rochas metamórficas da Formação Seridó, Jucurutu, Equador e Complexo Caicó, além de subdomínio de rochas ígneas da Suíte calcialcalina Itaporanga e da Suíte Poço da Cruz (CRPM, 2005).

Quanto às águas subterrâneas, seu uso era empregado para abastecimento de água de beber, usos domésticos, dessedentação animal e uma parcela bem menor era utilizada para agricultura (CPRM, 2005).

2.2 Geodinâmica da paisagem e a Serra do Feiticeiro

Gurgel (2012) comenta que a geomorfologia estuda as transformações que ocorrem na natureza, sua origem e formas evolutivas na paisagem a partir dos processos físicos,

químicos e biológicos que originam novas formas de relevo, culminando nas feições superficiais, aquelas que conseguimos ver.

As paisagens naturais não foram sempre como costumamos observar na natureza, passaram por processos durante todo o tempo desde que a Terra existe, as formas geomorfológicas refletem esses processos que atuaram sobre elas constituindo o relevo atual.

Segundo Gurgel (2012), os eventos tectônicos foram responsáveis pela produção de novas formas no relevo, principalmente no nosso continente, eventos como suturas, zonas de cisalhamento e riftes podem ser encontradas na província da Borborema.

A flexura continental e subsidência térmica contribuíram diretamente no processo de inversão no Cenozóico, levando ao pensamento de que depósitos correlatos que se desenvolveram a partir de variações de nível de base geral e as zonas de cisalhamento brasileiras que controlam feições de erosão diferencial, como é o caso das escarpas e vales de linha de falha (MAIA et al., 2010).

Gurgel (2012), parafraseando Ab'Saber (1969), comenta que existem serras secas e úmidas nas bordas limítrofes das depressões. As serras secas evidenciam solos embrionários, neo-solos litólicos, também os vertisolos em formação, solos que evidenciam o clima atual, sendo similares às depressões.

Fases semiáridas alternadas com fases úmidas favoreceram a constituição no nosso relevo atual. As fases secas são atribuídas a períodos glaciais com níveis marinhos baixos, o que permitia a formação de pedimentos, confirmados por meio de depósitos das fases de aplainamento que são encontrados submersos. A pediplanação se deu em decorrência do recuo das florestas e a exposição do solo durante a fase úmida anterior, as chuvas provocaram as erosões generalizadas, ocasionando os aplainamentos laterais (MAIA et al., 2010).

Maia et al., (2010) comentam que o Nordeste do Brasil faz parte do domínio oriental da província da Borborema, que compreende um enorme território com presença de erosão voltada para o atlântico e que é configurado pela depressão central, a depressão do Jaguaribe, como morfologia herdada de processos morfoestruturais.

A porção setentrional do Nordeste exibe diversos compartimentos geomorfológicos que resultam de notáveis eventos tectônicos, como é o caso do Ciclo Brasileiro e Cretáceo. São eventos vistos como maciços residuais com diferentes zonas de cisalhamento, lineamentos estruturais que orientam a drenagem e dissecação, bem como

as bacias mesozoicas que foram soerguidas, compondo um complexo sistema geodinâmico Nordeste (MAIA et al., 2010).

A orogenia brasileira foi responsável pela geração de extensas zonas de cisalhamento de direção predominante NE-SW e E-W. A morfologia apresentou zonas de cisalhamento com notório domínio sobre as feições que envolvem os maciços estruturais, cristas lineares e os vales incisivos, levando a ocorrência de altos e baixos topográficos orientados por *trends* estruturais (PEULVAST; CLAUDINO SALES, 2007).

O relevo é modelado pelas zonas de cisalhamento dúcteis e suas reativações. São dois os aspectos importantes para esse domínio. Em primeiro lugar temos a erosão diferencial, na qual as zonas de cisalhamento são marcadas por corpos graníticos, dessa forma, resistentes à erosão e propiciam a formação de sobressaltos topográficos. Em segundo lugar, o controle é regido pela reativação frágil das zonas de cisalhamento, quando provocam abatimentos e soerguimentos através da deformação brasileira, ocasionando uma nova forma de relevo que apresenta *trends* e lineamentos estruturais (PEULVAST; CLAUDINO SALES, 2007).

Sendo assim, a Orogênese Brasileira, a Fragmentação do Megacontinente Gondwana e as reativações tectônicas cenozoicas, favoreceram aos eventos tectônicos principais que deram origem as linhas mestras do relevo e condicionaram a evolução geomorfológica dos dias atuais, fruto dos processos denudacionais cenozoicos (PEULVAST; CLAUDINO SALES, 2007).

Saadi e Torquato (1994) apud Maia *et al.*, (2010), citam que a ação tectônica promoveu a evolução morfoestrutural do Nordeste através da ocorrência de arqueamentos crustais. Soerguimentos de origem poligênica desencadearam processos de erosão linear favorecendo a formação de vales fluviais. Surgem para tanto, vertentes submetidas à aridez do solo, que recuaram lentamente, mas mantiveram a altimetria. Sendo assim, as morfoestruturas são fruto de períodos de soerguimento e estabilização.

O Nordeste setentrional é composto pelo domínio oriental do maciço da Borborema, caracterizado pela ocorrência de relevos litotipos variados, dar-se-á ênfase as bacias paleozoicas e mesozoicas, maciços cristalinos e depressões sertanejas, que por sua vez, demonstram padrões de dissecação orientados pelas principais zonas de cisalhamento, ainda, contam com altitudes de 0 a 200m na faixa de costa e no interior a altitude chega aos 1.000m nos maciços de maior elevação (PEULVAST; CLAUDINO SALES, 2007).

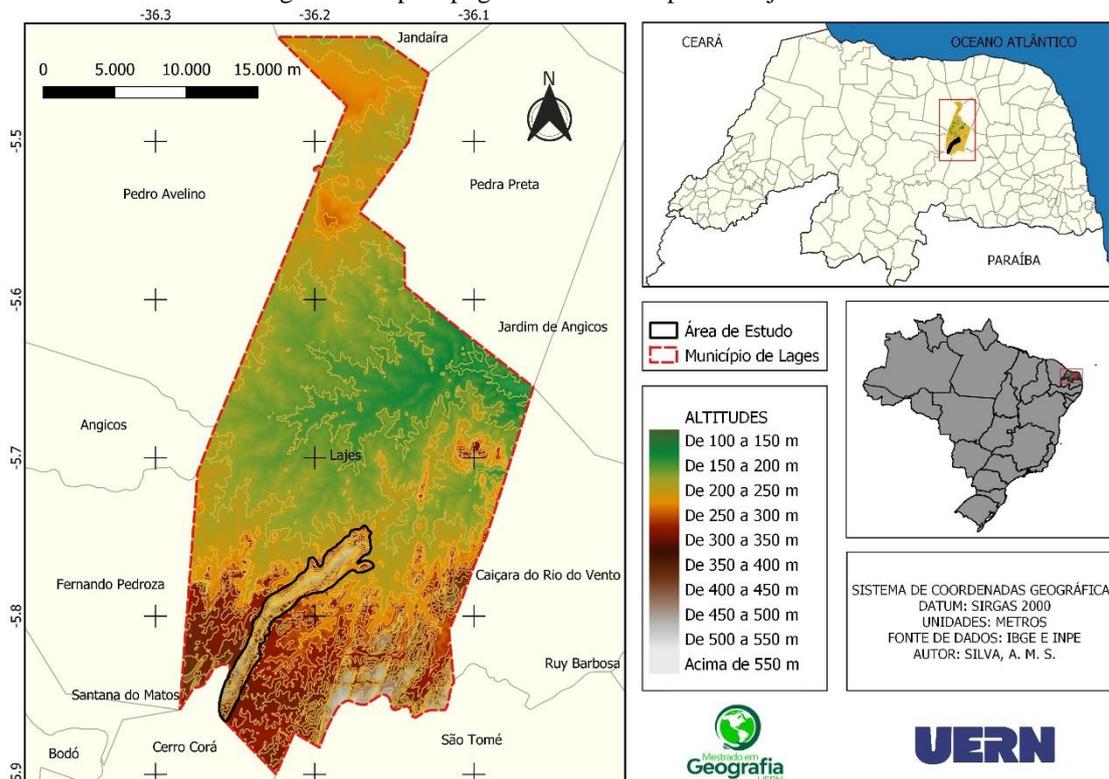
O relevo nordestino pode então ser definido como estrutura de deformação tectônica de idade pré-cambriana que foram reativadas ainda no período cretáceo e no cenozoico. Junto a essas deformações estão o alinhamento de cristas residuais que coadunam canais de drenagem e constituem a expressão geomorfológica das intrusões graníticas das zonas de cisalhamento, consideradas como equivalentemente profundas, dissecadas, das grandes falhas de rejeito direcional em níveis crustais mais baixos (PEULVAST; CLAUDINO SALES, 2007).

A erosão e denudação, assim como, a existência de drenagem bem desenvolvida foram de suma importância para a evolução das paisagens. Mas, é preciso frisar que são subordinadas às condições climáticas regionais que atuaram no passado e nos dias atuais (GUERGEL, 2012).

Os processos atuantes sobre o relevo proporcionam ainda, paisagens naturais de intensa beleza, como é o caso da Serra do Feiticeiro. Segundo Bezerra et. al. (2016), ela é um geomonumento de grande relevância no município de Lajes com sua morfologia que denota a complexa transformação pelas quais passam o relevo em ambiente semiárido. De acordo com Romão (2009), o geomonumento refere-se a um lugar singular com significativo interesse geológico e paisagístico que ocupa uma área espacial considerável,

De acordo com Gurgel, os solos são importantes na hora de interpretar a paisagem, o intemperismo e a pedogênese estão diretamente interligados à formação do relevo (2012, p.20-21).

Figura 2: Mapa topográfico do município de Lajes/RN



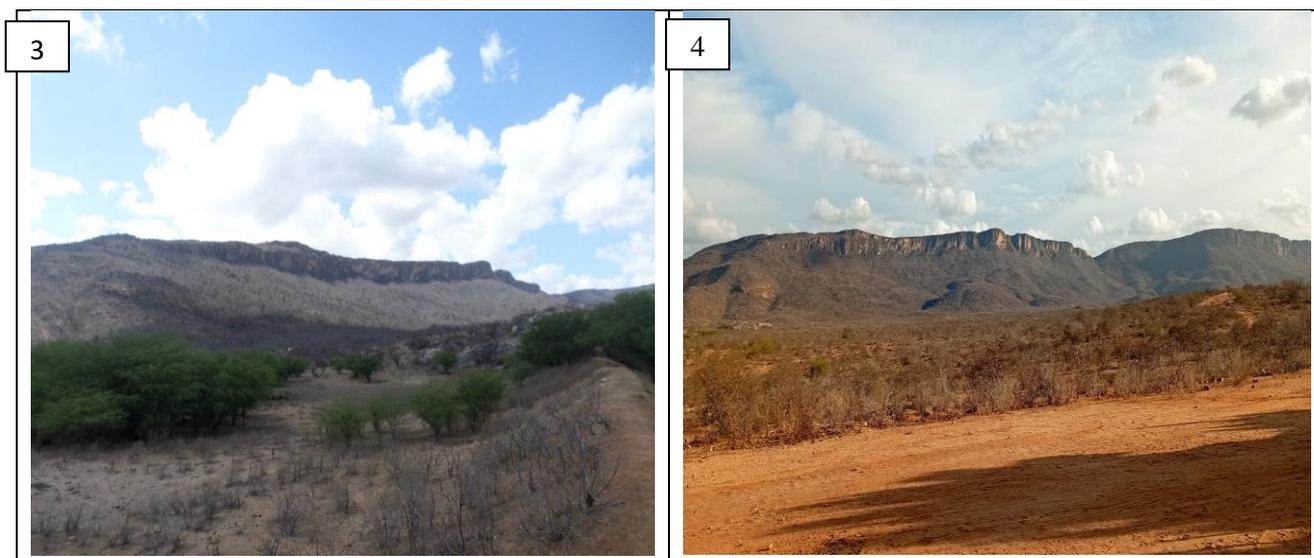
Fonte: IBGE, 2020. Elaborado por: SILVA, A. M. S.

A figura 2 apresenta a topografia da área de estudo que tem extrema importância na formação dos solos, seja pela mudança na disponibilidade da umidade, pela composição do material de origem no decorrer da encosta, bem como outros fatores que influenciam no modo de vida dos moradores (GURGEL, 2012, p. 21).

Os pontos mais elevados no município de Lajes se encontram na região da Serra do Feiticeiro, essa formação tem enorme destaque e apresenta morfologia que pode alcançar mais de 500 metros de altitude, como é possível ver no mapa.

A Serra do Feiticeiro está localizada na comunidade de Boa Vista, zona rural do município de Lajes (Figuras 3 e 4). A extensão da Serra do Feiticeiro é de 25 km (BEZERRA et al., 2016) e ultrapassa o limite territorial do município de Lajes, adentra ao município de Cerro Corá. Apresenta-se como uma faixa de alto relevo com uma geomorfologia muito interessante, mas para esta pesquisa, debruçamo-nos apenas na porção que tem início na comunidade de Boa Vista.

Figura 3: Serra do Feiticeiro. Figura 4: Cristas da Serra do Feiticeiro.



Fonte: Autores, 2021.

A Serra do Feiticeiro ou Serra Negra é a maior elevação do município de Lajes. São mais de 500 metros de altitude, com orientação NE-SW (SZILAGYI, 2007). O geomonumento (Figura 3) se caracteriza por uma morfologia composta por cristas de quartzito da Formação Equador, originada do domínio transnordestino, ocorrendo numa faixa metamórfica de grande importância, está inserida na Formação Equador, Jucurutu e Seridó. Estando ativa desde o Proterozóico Inferior até o Proterozóico Superior (DE SOUZA et al, 2013).

A serra apresenta as seguintes presenças litológicas e embasamento adjacente com Quartzitos da Formação Equador de cor cinza, Gnaisses e Granitos do Complexo Caicó de cor rosa claro, Gnaisses da Formação Jucurutu na cor bege claro, Micaxistos da Formação Seridó de cor marrom, bem como em menor proporção a presença de depósitos aluvionares (BEZERRA et al, 2016).

Suas cristas são residuais e alinhadas, seguem a orientação das falhas. Podemos entender as cristas residuais como relevos pontiagudos que se sustentam através de litologias que possuem muita resistência aos processos de erosão diferencial (BEZERRA Et al, 2016).

As partes mais altas são formadas por quartzitos, a topografia é acima de 400 metros de altitude e alcança até 600 metros na parte sul. As rochas apresentam alto grau de dureza na escala de Mohs. Predominam quartzos da Formação Equador, o que permite menor decomposição por agentes externos (BEZERRA Et al, 2016).

A crista quartzítica da serra se encontra na parte oeste, salienta-se a existência de dois compartimentos morfológicos numa mesma estrutura litoestratigráfica composta na sua porção centro-sul por incisões profundas ocasionadas pela drenagem e altimetria de menor elevação, já ao norte, as feições de dissecação têm menos recorrência e se tornam mais marcantes as isoípas, compondo um relevo homoclinal. No lado oeste, encontramos as escarpas poro erodidas e no leste, uma inclinação que converge na mesma direção que começa a incisão (OLIVEIRA et al., 2018).

A ocorrência de facetas trapezoidais e drenagens em gargalo apontam para retomada erosiva sob controle da dinâmica de falhas cenozoica. Os gargalos são decorrentes do recuo das falhas das escarpas, formando rigorosos vales que separam as facetas triangulares ou trapezoidais. O controle tectônico talvez esteja relacionado com a reativação de ZCs contracionais que são responsáveis pela estrutura das escarpas de crista (OLIVEIRA et al., 2018).

A evolução morfotectônica correspondente ao alto estrutural de Lajes é decorrente de dois eventos importantes: o Oligoceno, marcado por deformações que são oriundas do Vulcanismo Macau, que levou ao soergimento térmico e zoneamento na área. O segundo evento é o Mioceno inferior e médio, a partir do aumento das tensões intraplaca de caráter compressivo, que propiciou nova fase da reativação das estruturas pré-cambrianas. Na província da Borborema, as deformidades se encontram nas zonas de fraquezas, tais como ZCs e foliações metamórficas (OLIVEIRA et al., 2018).

Também é encontrado na Serra do Feiticeiro, já na fazenda Santa Rosa, porção sul da serra um *canyon*, resultado do escoamento superficial que atingiram setores mais frágeis das rochas originando-o, apesar de ser reduzido, mostra-se como episódio evolutivo de captura fluvial (BEZERRA et al, 2016). Conta ainda, com pinturas e gravuras rupestres (SILVA, 2021).

A serra tem suas escarpas voltadas de forma tênue para o E (leste). O escoamento da área é superficial, concentrando-se nos sulcos, o que provocou aprofundamento de seções mais frágeis das rochas, modelando-as de tal forma que originou um *canyon* que converge na direção W-E (BEZERRA et al, 2016).

De modo geral, a formação da serra é fruto de fusão e fissão de placas tectônicas e soergimentos posteriores, bem como, de mudanças climáticas a partir do cenozoico, nessa formação são encontradas Cristas Residuais, Depressão Sertaneja, *Canyon* e Planícies Fluviais, o que faz do local importante divisor de microbacias hidrográficas (BEZERRA et al, 2016).

Esses eventos fazem da Serra do Feiticeiro um geomonumento que não passa imperceptível por quem transita pela rodovia BR-304, sentido Mossoró a capital Natal, é possível perceber que o geomonumento e suas escarpas dão enorme destaque à paisagem local.

O termo Geomonumento segundo Pinto et al. (2011) apud Figueiró et al. (2013) é utilizado para designar determinados elementos geomorfológicos, individualizados dentro de um geossítio, nesse caso, mesmo não sendo um geossítio, a localização da geodiversidade angaria o sinônimo.

Dessa forma, podemos afirmar a riqueza de elementos que são encontrados a partir da interação do homem com o meio, o que favorece a importância de compreender as experiências e conhecimentos das comunidades rurais.

3 PAISAGEM, PERCEPÇÃO AMBIENTAL, GEOMORFOLOGIAE ETNOGEOMORFOLOGIA

Sempre que olhamos ao nosso lado, podemos perceber diversas paisagens, sejam elas naturais ou construídas através da ação do homem, elas podem ou não ter significados e acabam adquirindo maior ou menor importância em nossa vida.

Para Milton Santos (2006), a paisagem se configura como conjunto de formas, que acabam em determinado momento denotando as heranças que por sua vez representam as relações continuadas entre o homem e a natureza.

Ao caracterizar as grandes paisagens do planeta se faz necessário compreender as relações dialéticas entre sociedade e meio, um trabalho complexo sendo necessário levar em conta três aspectos: natureza, fatores naturais e produzidos pelo ser humano e, por fim, condições: “preexistentes do meio físico e as paisagens humanizadas resultantes da história da cultura e das diferentes formas que a mesma natureza oferece” (CONTI, 2014).

Não se deve dissociar a análise da paisagem num contexto contemporâneo do espaço e da totalidade estrutural em sua volta, ela se configura como elemento real e concreto, é única, é particular (SERPA, 2013).

Uma cidade, por exemplo, antes que ela venha a adquirir esse status de centro urbano, passa por transformações físicas no ambiente e os conglomerados de casas e demais construções dão origem aos espaços urbanos, atendendo a uma nova demanda do homem em seu convívio social.

O espaço é uno e múltiplo, formado por muitas parcelas, e o seu uso que se arregimenta em mercadorias, adquirindo valor individual por meio da sociedade, em determinado momento, permite a soma de cada porção, que no final das contas é a fração da paisagem (SANTOS, 2006, p. 67)

Sendo assim, é preciso analisar a paisagem em seu contexto, pois não pode atribuir valores a si mesma, quando acrescido o fator social, origina-se um novo recorte espacial. Ao se apropriar da paisagem, o indivíduo dá formato e nova aparência e é por meio de funções sociais que por vezes lhe são atribuídas que adquire um conteúdo importante no decorrer da história (LUCHIARI, 2001).

A paisagem não é o único campo em que o geógrafo pode atuar para explicar as formas de repartição que os homens exercem à superfície da terra. [...] As manifestações humanas, sobretudo as do espírito, são mais complexas e acabam envolvendo aspectos que podem não se refletir sob as paisagens (FRANÇA, 2017).

Não podemos enxergar a paisagem apenas como elementos geográficos dispersos, são porções do espaço resultante de combinações dinâmicas, instáveis, produzidas por elementos naturais e antrópicos, sendo expressos uns sobre os outros. É a paisagem, um conjunto em plena evolução, impetrada de significados pelos indivíduos que com ela se relacionam (BERTRAND, 2004, p. 141).

Para Figueiró *et al.* (2013), os diferentes tipos de paisagens pelo mundo, indicam que estratégias mais eficientes de conservação das paisagens necessitam da participação humana, a partir do conhecimento tradicional que foi adquirido ao longo do tempo, favorecendo práticas mais eficazes.

Torna-se importante pensar em mecanismos que permitam a participação dos moradores de um determinado local, tornando-se alternativa que viabiliza a própria ação de órgãos governamentais para gerir tais espaços.

“Se a paisagem é representação, não se esgota: reproduz-se, renova-se, regenera-se tal qual as sociedades (LUCHIARI, 2001, p.22)”. No momento em que o homem se instala em determinado local ou mesmo, faz uso para algum tipo de apropriação, ele acaba modificando-o, buscando extrair dele algo que seja necessário, acaba transformando-o e atribuindo novos valores ao local. Quando o homem altera o meio natural acaba por inserir mudanças na paisagem.

As mudanças que a sociedade emprega no meio, dando-lhes novas funções e formas geográficas, reorganizam o espaço, estabelecem novos pontos conduzindo a um novo movimento, as formas passam a ser chamadas por Santos de “formas conteúdo”, em razão dessa nova visibilidade alcançada dentro desse processo de novas formas empregadas pelas sociedades, configurando-se como evolução do espaço (SANTOS, 2006).

Sendo assim, a paisagem se relaciona diretamente com o território e passa a fazer parte da identidade de um povo, validando significados que originam e passam com o passar dos tempos a caracterizar modos de vida e aceções de um povo naquele espaço, é por assim dizer, resultado da relação homem e meio.

Para que se compreenda como o meio ambiente se torna parte da identidade de um povo, é importante compreender como cada indivíduo ou grupo percebe, reage e responde às ações sobre o ambiente em que vive, tais respostas e ações são resultados das percepções, individuais ou coletivas, julgamentos e expectativas de cada pessoa, sendo influenciada também por elementos culturais (VASCO; ZAKRZEWSKI, 2010).

Para que seja possível compreender como se dão as inter-relações entre o homem e o ambiente em que vive, suas experiências e condutas em relação ao espaço onde está inserido, ainda de acordo com os autores, são necessários estudos da percepção ambiental deste e, a partir daí, que sejam traçadas estratégias para conservação dos recursos naturais.

Sendo assim, a percepção ambiental pode ser definida como a tomada de consciência do ambiente pelo homem, em outras palavras, o ato de perceber o meio em que está inserido (FAGGIONATO, 2005).

As comunidades locais, aliadas as novas diretrizes de conservação do meio ambiente, corroboram para uma melhor apropriação do meio pelo fato de lidarem diretamente com a natureza no seu dia a dia, o que pode levar a um uso mais consciente e que versa preservar a geodiversidade que os rodeia.

Os processos geomórficos externos, mais especificamente erosão e sedimentação, são os principais fatores modeladores da paisagem e são potencializados na paisagem do semiárido nordestino já que é um sistema ambiental notadamente marcado pela fragilidade e instabilidade – são bastante reconhecidos pelas comunidades rurais, que lidam com a terra em seu dia a dia produtivo, além de terem toda uma taxonomia local, sabendo identificá-los, relacionando-os com suas cicatrizes e nomeando-as (RIBEIRO, 2015).

A Geomorfologia se debruça no entendimento da evolução da paisagem natural, na identificação e sistematização das taxonomias geomórficas e nos processos que nela são atuantes, não levando em consideração a participação das sociedades e suas experiências que resultam em algum tipo de produção no espaço.

Para Christofolleti (1980), a geomorfologia se debruça sobre as formas de relevo, são as formas da superfície do globo terrestre que originam as paisagens, caracterizam a topografia de um lugar a partir de mudanças decorrentes das intempéries do tempo, ou seja, são os processos que modificam a superfície terrestre os objetos de estudo dessa área de conhecimento.

A Etnogeomorfologia se apresenta como uma vertente da Geomorfologia que analisa como as comunidades locais interagem com o meio físico, para perscrutar as populações de cultura tradicional e vernacular, sua relação com as feições geomorfológica e produção de conhecimento empírico, observando as transformações e se apoderando delas para viverem em harmonia com o meio, usando os saberes adquiridos através da

relação com a geomorfologia para o uso e manejo do solo, assim como relacionar tais conhecimentos com os de cunho acadêmico (ANTUNES; RIBEIRO, 2018).

Esse conhecimento advindo dos antepassados é fruto das experiências que permitiram um aprendizado por meio da própria vivência. Para Tuan, “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. Mesmo não podendo vivenciar todas as experiências, temos a capacidade de adquirir conhecimento por meio das experiências vividas por outros e que podem ser aplicadas em outros locais, desde que de acordo com uma realidade semelhante (1983, p. 10).

Os estudos etnociêntíficos se debruçam na compreensão das formas como as sociedades estão se relacionando com o meio ao passar dos tempos, bem como, o próprio meio no qual estão inseridos, produzindo cultura e deixando suas marcas na paisagem e nas relações com a vida ali existente de modo geral (RIBEIRO, 2012).

Os processos naturais já vêm sendo observados há algum tempo, cada comunidade se adapta de sua maneira ao que o meio lhe proporciona para usufruírem de um melhor convívio com a natureza.

A Etnogeomorfologia traz uma concepção que visa compreender como se dá a ação do homem enquanto produtor cultural veemente e de importância para Geomorfologia. Faz-se uma tentativa de resgatar a produção cultural do homem sobre o relevo, por meio da forma como utiliza e manuseia a paisagem geomorfológica e os processos geomórficos que são presentes ao redor da comunidade (LOPES; RIBEIRO, 2016).

Lopes e Ribeiro (2016) comentam que não se pode analisar o meio sem analisar a participação do homem, que por sua vez, atua como agente transformador e que ainda percebe as mudanças pelas quais passam a paisagem.

A Etnogeomorfologia está diretamente ligada à geoconservação, já que faz uso do conhecimento popular das comunidades, quando analisa a relação entre sociedade e natureza, avaliando como esses conhecimentos permitem um melhor uso do meio.

A vegetação de uma área pode ser “modificada ou destruída, os solos são transformados pelas práticas culturais e o percurso dos animais”. Sem que por sua vez, exista um desequilíbrio ecológico que provoque um “ressecamento ecológico”. As próprias erosões que se fazem presentes, de forma localizada, preservam e identificam as formas de relação do homem com aquele espaço, como, por exemplo, caminhos abertos pelo deslocamento de animais dentro de uma vegetação (BERTRAND, 2004).

A paisagem enquanto elemento de mediação entre o material e o subjetivo do homem permite que ao enumerar e processar novos significados a nossa volta acaba por nos

inserir naquela construção, pois, estamos produzindo cultura e geografia humana diariamente (CABRAL, 2000).

“Em cada época, o imaginário coletivo define a concepção social da natureza e a traduz, transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura (LUCHIARI, 2001)”.

A produção cultural é uma marca da existência humana, no Brasil, por exemplo, podemos destacar figuras e pinturas rupestres, mais recentemente, festejos tradicionais como festas juninas, romarias etc.

Esse conhecimento e sentimento de pertencimento ao local fazem com que essas comunidades tratem do meio ambiente como algo de grande valia, pois, as atividades que desempenham lhes garantem sobrevivência.

Assim, o agricultor do semiárido nordestino através das experiências na área em que vive e explora, compreende os potenciais e as fragilidades da terra mostrando que a Etnogeomorfologia assume papel de suma importância na identificação deste conhecimento podendo retornar como contribuição para as comunidades, se usado pelo poder público para um melhor diálogo com os principais atores das áreas rurais, suas comunidades agropastoris de produção familiar, para um melhor ordenamento (ANTUNES; RIBEIRO, 2018).

3.1 Geodiversidade, Geoconservação e sua relação com a Etnogeomorfologia

Diferentemente da biodiversidade, diversidade de seres biológicos ou a natureza viva, a geodiversidade se refere à diversidade geológica e geomorfológica, ou seja, a parte da natureza não viva, compreendendo rochas, minerais, relevos, solos, por exemplo. A geodiversidade é o suporte da biodiversidade.

Gray (2013) afirma que a geodiversidade do nosso planeta fornece uma grande variedade de materiais, processos e formas que passaram a ser, segundo ele, brilhantemente exploradas pelas sociedades ao longo dos anos e, atualmente, a sociedade não existe sem ela.

O mesmo autor, em 2004, apresentou os valores da geodiversidade, sendo eles: o valor intrínseco, representando a relação do ser humano com a natureza, este mesmo valor está diretamente ligado ao cultural que representa a interdependência entre o desenvolvimento sociocultural, religioso e o meio físico que rodeia o ser humano e ao valor funcional, visto que contempla o valor utilitário do ser humano, valor substrato. Gray também cita o valor econômico, em razão do uso dos minerais, rochas e fósseis

para diversas atividades e fins; o valor estético, referente à contemplação da paisagem e os valores científico e educativo que possibilitam estudos da geodiversidade, suas relações e o ensino das ciências da Terra.

Para Mansur (2018), o termo geodiversidade ilustra a variedade de componentes abióticos da paisagem e o patrimônio geológico, ou geopatrimônio, o valor dos elementos presentes. Se as informações são combinadas, obtém-se o valor geológico das classes definidas no estudo da geodiversidade.

Como o desenvolvimento do ser humano se deu de forma desenfreada, utilizando-se dos recursos de forma indiscriminada, a degradação ambiental também teve grande progressão, gerando graves riscos e consequências a nível global. Como discute Machado (2018), a geodiversidade apresenta muitos bens e serviços que são valorizados pela sociedade, porém existem inúmeras ameaças para a geodiversidade e seus valores.

Machado (2018) considera a existência de determinadas dificuldades em observar o meio abiótico como pilar da vida, de modo que, pareça desvalorizado e sem o devido resguardo como os componentes do meio biótico. E, devido à demora para serem formados, visto que os componentes abióticos levam milhões de anos, não há a sensibilidade e compreensão por parte da sociedade.

À medida que a consciência ambiental a respeito das ações antrópicas e as legislações voltadas à proteção ambiental foram se estabelecendo, surge também a necessidade e o interesse de conservação desses ambientes.

Os principais marcos voltados à conservação ambiental foram: a Conferência de Estocolmo (1972), o Relatório de Brundtland (1987), a Rio-92 (1992), a Agenda 21 e, segundo Machado (2018), todos os marcos manifestavam um sinal de alerta à fragilidade dos sistemas ambientais e a necessidade de se estabelecer melhores meios de uso da natureza, o chamado Desenvolvimento Sustentável, pautado no uso racional dos recursos naturais ao passo que proporcionasse o desenvolvimento econômico e social da sociedade.

Os meios adotados para conservação desses ambientes, geodiversidades, são designados como geoconservação, partindo do princípio de que tais componentes abióticos assumem importância de patrimônio geológico ou geopatrimônio, termo este que remete ao conjunto de elementos geológicos com os valores destacados por Gray (2004).

Para que haja uma maior compreensão social quanto aos componentes abióticos da natureza e familiarizar a sociedade quanto suas características e tornando claro suas

relações com a biodiversidade, a sociedade e a completa sustentação da vida na Terra, surgem os estudos de geodiversidade, geoconservação e geoturismo, afirmam Nascimento, Ruchkys, Mantesso-Neto (2008).

Para que sejam eficazes as estratégias de geoconservação, é necessário pensar novos processos e métodos que envolvam a complexidade das paisagens, as comunidades, seus saberes, suas histórias e sua cultura de maneira integradora e sustentável (MACHADO, 2018).

Dessa forma, o termo geoconservação é utilizado para designar estratégias e ferramentas com finalidade de gerenciar e salvaguardar toda a geodiversidade.

Para Sharples (2002), geoconservação tem como objetivo proteger a geodiversidade relacionada aos importantes processos e feições geológicas (substrato), geomorfológicas (paisagem) e de solos, garantindo a manutenção da história de sua evolução.

Diegues et. al., (1999) compreendem que as comunidades tradicionais têm características em comum, como uma forte dependência da natureza e seus recursos, com usos e atividades de subsistência; possuem tecnologia relativamente simples e de impacto limitado, proporcionando a conservação do ambiente; reduzida acumulação de capital; transferências de conhecimento por meio da oralidade; importância das simbologias, mitos e rituais associados às atividades socioeconômicas.

Com o olhar voltado aos conhecimentos tradicionais e formas de convívio com o meio ambiente apresentados anteriormente, a Etnogeomorfologia ganha maior espaço e se apresenta como uma aliada da geoconservação, visto que se baseia no estudo dos modos de vida simples e simbióticos e relação com o meio ambiente por parte das comunidades tradicionais.

Farias et al (2020) destacam que o espaço geográfico não é homogêneo e cada lugar tem suas singularidades, especificidades e territorialidades. Ainda segundo os autores, a investigação científica do conhecimento tradicional em relação ao ambiente com que interagem revelam peculiaridades singulares, que tem possibilitado novos olhares epistemológicos, na busca de desconstruir os saberes hegemônicos já existentes, servindo de base para a produção de formas alternativas, o conhecimento tradicional passou a ser desenvolvido por comunidades com formas próprias de interpretar e designar os meios e métodos de uso da terra em razão de tradições e características dos espaços vividos.

Compreender as formas como os povos desenvolvem suas atividades e culturas e o modo como perpetuam e influenciam diretamente na paisagem local, justifica o menor impacto e degradação ambiental e uma maior conservação desses ambientes.

Segundo Diegues (1996), nas áreas naturais, ou seja, aquelas de proteção ambiental, é de suma importância a permanência das comunidades locais, pelo conhecimento de vivência delas em razão de suas relações de subsistência e no auxílio para a manutenção do meio ambiente.

Mesmo quando pensamos em áreas legalmente protegidas, que têm a função precípua de conservação exclusiva do patrimônio natural, é impossível dissociarmos a história “natural” destas paisagens da história cultural das sociedades que ali se estabeleceram ao longo de muitos séculos de influências recíprocas. A relação do homem com o meio em que vive, propicia experiências e resulta em conhecimento que acarreta na apropriação e produção cultural de práticas que são transmitidas de geração em geração (FIGUEIRÓ et al, 2013).

Para Diegues (1996), também é preciso frisar que a ausência dos moradores tradicionais em um determinado espaço permite a instalação de moradores oriundos de outros lugares e que não detém conhecimento para se apropriar do lugar, com práticas que acabam agredindo o meio ambiente.

O relevo possui valor cultural composto por elementos importantes para sua conservação, estão ligados no estético que configuram a paisagem e no simbólico, por aspectos religiosos ou espirituais que fazem dos geossítios espaços sagrados para determinadas populações (FIGUEIRÓ *et al.*, 2013).

Esses espaços, por sua vez, recebem diversos valores por parte da sociedade como um todo, suas singularidades que acabam favorecendo seu reconhecimento como patrimônios naturais e/ou geomorfológicos, apresentados a seguir.

3.2 Patrimônio cultural, natural e geomorfológico

De acordo com Castro et. al. (2018), o conceito de patrimônio é culturalmente construído, sendo complexo, podendo variar em função do tempo, das percepções e vivências dos indivíduos.

A UNESCO (1972), pela primeira vez, definiu patrimônio natural como todos os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações dotados de valores universais, do ponto de vista estético ou científicos; as formações geológicas e fisiográficas e; as zonas estritamente delimitadas que

constituem habitats de espécies animais e vegetais, com valor excepcional do ponto de vista científico e conservacionista bem como os locais de interesses naturais com valor científico, de conservação e/ou beleza cênica.

A definição presente na Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 216, define patrimônio como bens de natureza material e imaterial, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos sociais, nos quais se incluem, dentre outros, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Como forma de proteger tais patrimônios, foi instituído pela Lei nº 9.985/2000 o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. Especificamente no art. 4º apresenta como parte dos objetivos proteger paisagens naturais e pouco alteradas de notável beleza cênica bem como as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural (BRASIL, 2000).

O patrimônio cultural é contemplado enquanto conjunto de artefatos materiais e formas inatingíveis das formas de expressão cultural do homem, sendo preservados e repassados para gerações futuras como um legado (UNESCO, 2005).

Já o patrimônio geomorfológico, surge com o intuito de abarcar os componentes abióticos das paisagens, dentre as quais se destacam as formas de relevo e os processos responsáveis pela sua origem, quando apresentam valores científicos, pedagógicos, culturais e/ou turísticos (BRILHA, 2005).

Para o autor, patrimônio geológico é o conjunto de geossítios inventariados e caracterizados numa determinada área, integrando todos os elementos notáveis que constituem a geodiversidade, incluindo os patrimônios paleontológicos, mineralógicos, geomorfológicos, entre outros.

Torna-se imprescindível que na implantação de áreas de proteção ocorra uma conscientização das medidas que devem ser adotadas para uma convivência pacífica com o meio ambiente, adquirindo saberes sobre as formas de conservação e mudanças necessárias para o cotidiano (DIEGUES, 1996).

4 O SAGRADO E O SIMBÓLICO: a representação religiosa popular

A construção simbólica do espaço sagrado não é reflexo do tempo presente, é resultante da construção oriunda de um processo que resulta no que podemos apreciar nos dias atuais com suas múltiplas manifestações de crenças que se entrelaçam ao catolicismo.

O espaço quando adquire status de misticidade se envolve do conhecimento empírico, acaba por ser resultado de um determinado grupo social, que a partir do seu olhar, atribui valores as práticas ali realizadas (TUAN, 1983).

Para Nascimento (2020), podemos entender os símbolos como mensageiros e condutores das representações imagéticas do objeto, corroboram os anseios da cultura religiosa de um determinado grupo organizado.

O simbolismo de um determinado local se apresenta para o ser humano como elemento que surge antes da própria linguagem ou da razão loquaz, chegando a demonstrar ângulos da realidade, salientando a relação do simbólico com o lugar. O símbolo pode ser algo material, no entanto, quando passa a receber valores e sentimentos ele ganha novos sentidos (COSTA, 2003).

Ainda segundo o autor, a partir do momento em que se pensa no simbolismo dos lugares, convergimos os pensamentos para paisagens vernaculares, nas quais paisagens antigas ou atuais são conduzidas através dos conhecimentos do homem.

Dessa forma, a paisagem vernacular acaba se tornando um veículo que remonta à forma como grupos estabelecidos em determinados locais se relacionam com o meio e apresentam por meio de suas práticas culturais seus locais sagrados, onde partem de um valor material para o imaterial no imaginário popular.

Na Idade Média, segundo Vauchez (1995), os fiéis populares também viam que existia uma certa distância deles para com o “DEUS-Juiz” provocando uma ideia de desamparo, dessa forma buscaram como alternativa de mediação auxílio dos anjos que provinham de importante destaque na vida religiosa.

A forma como a Igreja regia a religião não preenchia os menos favorecidos, cabia mais a elite medieval as doutrinas da igreja, os populares adicionaram algumas mudanças na forma de crer que acabou sendo absorvida pela igreja, como foi o caso da festa de *Todos os Santos*, outro desejo do culto popular foi “a vocação para salvação” dos mortos, chegando até a existir o momento dos mortos durante o Canôn das missas.

Esse distanciamento sentido pelas camadas populares se mostrava como algo impalpável ocasionando a necessidade de encontrar intermediadores entre eles e Deus,

foi nesse momento que se destacou: “São Miguel, guardião do paraíso e intercessor pelos homens no momento do julgamento Final” (VAUCHEZ, 1995, p.25).

O imaginário humano apenas se expressa através de simbologias, a criação de símbolos sempre será um reflexo da condição da racionalidade do homem, dessa forma se pode caracterizar o indivíduo como ser imbuído de símbolos ou em sua essência mitológica, afirma Ruiz (2015).

O simbolismo marca a religiosidade, a cruz, por exemplo, pode marcar uma nova fase ou “um nascimento”, Eliade, comenta que os espanhóis quando chegaram a terra nova fincaram uma cruz que simbolizava renovação, ou seja, aquele lugar passou a ser um lugar novo (1992, p.22).

De acordo com Rodrigues (2012), a linguagem simbólica se torna deslumbrante, ainda sobre a cruz, para os cristãos ela direciona seus pensamentos a Jesus Cristo. Um símbolo sempre vai estar interligado a outro.

Segundo Nascimento (2020), a existência do ser humano não é dependente apenas de alimentos, é bem mais do que isso, se faz necessário que existam símbolos religiosos.

A lógica simbólica ultrapassa a materialidade, passa a dar novos sentidos a objetos inanimados por meio do simbolismo, fazendo dele um elo entre o mundo físico e extrafísico. Continua dizendo que em Gênesis (28:11-18) uma passagem dá conta da passagem do objeto material para o símbolo sagrado. Jacó havia dormido sobre uma pedra, e no sonho Deus havia lhe passado uma mensagem. Ao acordar, Jacó jura sobre a pedra que fora seu travesseiro derramando azeite sobre ela, dessa forma, a pedra passa de objeto inanimado para um símbolo do sagrado, o que ele chama de hierofania (ELIADE, 2010).

Para Nascimento (2020), a religião pode ser entendida como um complexo conjunto de símbolos que tem em seu sentido ações penetrantes que dão disposição e revigoram a alma do homem através de uma ordem de conceitos sobre a existência humana.

São elementos oriundos do próprio homem que dão origem à religião e o fato de não saber se expressar corretamente e não conhecer seu deus ou deuses, são fatores que proporcionam a naturalidade da religião, meio pelo qual se torna mais puro o contato com a divindade. É a forma como a mente humana consegue se comunicar com o sobrenatural, fugindo dos dogmas e se apegando ao adogmático (RODRIGUES, 2012).

A igreja, buscou a cristianização das principais ações de sacralidades populares, tanto é que, paralelo a liturgia eucarística surgiram paraliturgia, como bênçãos e exorcismos. O sinal da cruz foi muito difuso, utilizado em exorcismos, mas a igreja se apropriou desses ritos para a religião no cotidiano dos féis, levando a atribuição de poderes mágicos, e receberam tanta ou mais importância que os sacramentos da própria igreja (VAUCHEZ, 1995).

De modo geral, o homem religioso vê no mundo um espaço sagrado, uma vez que ele é concedido por Deus, no entanto, existem os pontos sagrados “Cosmos” que são construídos pelos “deuses” e permite uma comunicação com seu mundo (ELIADE, 1992).

A adoração dos populares os levava a busca por elementos que eram entendidos como sagrados, “partes de seu corpo ou até objetos que tiveram contato com eles durante sua vida ou depois de sua morte”. Ter contato ou apenas estar bem próximo de um túmulo dos escrínios, era um momento privilegiado de ter contato com outro mundo, alcançando vitórias ou curas (VAUCHEZ, 1995, p.25).

A adoração popular pode adquirir densidade a partir do momento que a abstração lhe direciona sentidos, elabora uma simbologia mágica que tem a capacidade de invadir o coletivo. A repercussão causada pela adoração popular sobre determinado elemento, seja ele indivíduo ou objeto, é capaz de proporcionar a deusificação (RUIZ, 2015).

Existem meios diferentes que proporcionam o encontro do homem religioso com um local sagrado, é preciso que exista uma espécie de “ambiente sagrado” próximo desse ser religioso, fator emblemático que passa a dar sentido à vida com sua aproximação de Deus. Existem algumas técnicas que foram desenvolvidas para decifrar um local que seja sagrado (ELIADE, 1992).

O espaço sagrado é responsável pela possibilidade de o homem religioso comunicar-se com seu Deus. É possível que ali exista um determinado caminho que o leva para mais próximo a Deus, percurso que o conduz simbolicamente até o céu. Constitui-se dessa forma o templo como elemento de aproximação e local de comunicação mais próxima com os deuses (ELIADE, 1992).

Ainda de acordo com Eliade (1992), o espaço sagrado adquire valor existencial para o homem religioso em razão da necessidade da existência de um local determinado para que possa ser realizado o culto sagrado. São espaços que denotam ao ser religioso a perspectiva de encontro com outra realidade que difere da sua cotidiana.

No entanto, faz-se necessário que entendamos um pouco do que são manifestações religiosas e como elas acabaram sendo apropriadas em nossa região, sendo assim, apresentamos algumas ideias que podem justificar o que seja a religião popular e sua representação.

Os portugueses são os grandes responsáveis por trazerem o catolicismo para o Brasil, com seu cotidiano marcado por missas, procissões e orações. A Igreja impunha as práticas do catolicismo e chegaram a encontrar um ambiente que favoreceu a sua inserção (DE MORAIS, 2011, p.4-5). Entretanto, o catolicismo popular, social e territorialmente falando, foi recriado pelos povos colonizados e foram repassados de geração em geração.

Para De Moraes (2011), os devotos arregimentam sua espiritualidade por meio de diálogos com a liturgia, estar nas missas com suas práticas, rezas e benzeduras, permitem a manutenção da tradição religiosa popular. Os populares moldam os rituais católicos de acordo com suas necessidades espirituais.

O nordestino em sua identidade cultural se expressa pela devoção a santos e santas, são representações que denotam ao catolicismo e as suas apropriações com significações locais populares (DE MORAIS, 2011, p.4).

A pluralidade religiosa é um traço marcante na configuração religiosa brasileira. A liturgia que se confecciona através de santos e santas permite a busca pelo milagroso e divino, sendo resquício da colonização portuguesa (CAVALCANTE FILHO, 2015).

O catolicismo se manifesta nas regiões mais afastadas dos grandes centros, o que dificulta e em nada agrada os clérigos pelas diversas intempéries que vão desde clima, habitação, acesso etc. Sendo assim, a pouca disponibilidade de padres favorece ao catolicismo que adquire novas formas, permitem a participação de leigos e beatos nas oratórias, apropriações diversas que dão origem à criação de igrejas, oratórios, capelas etc, que por sua vez permitem as práticas de romarias (CAVALCANTE FILHO, 2015).

A constituição da religião popular sofreu interferência de diversas culturas que integram o povo brasileiro, contribuições da cultura indígena e africana por meio de suas crenças, surgindo devoção a santos e as almas na experimentação do celestial, culminando na adoração de imagens, fitas, medalhas, rosários, terços, cruzes etc. (CAVALCANTE FILHO, 2015, p.64).

Um dos elementos mais importantes da cultura religiosa popular é o culto de santos e santas, tanto os que são legalmente reconhecidos, canonizados pela igreja católica,

como aqueles não reconhecidos pela igreja, tais como Frei Damião e Padre Cícero, que ganharam do próprio povo suas glorificações (CAVALCANTE FILHO, 2015).

Certeau (1994) apud Van Den Berg (2021) comenta que os santos locais são figuras que passam a representar o homem e as comunidades que integra, tornam-se dinamismo que passam a identificar um povo, fazem com que a resistência e a esperança local sejam firmes ante as questões coletivas entre ricos e pobres, é por assim dizer, a afirmação do lugar utópico.

Os santos acabam ganhando enorme destaque no cotidiano e vida das populações mais afastadas que dispunham de uma intensa vida religiosa, alguns acabam ganhando mais destaque “que o próprio Deus cristão”. Como quando um devoto pede a seu santo uma proteção, um socorro, valendo-se até de promessas em permuta por graças alcançadas, típico dos nordestinos (CAVALCANTE FILHO, 2015, p.65).

A construção de um santo local acaba se pautando por meio das narrativas coletivas que os grupos divulgam e perpetuam, acabam identificando um determinado local e apoiados nas práticas cotidianas de sofrimentos, que origina linguagens religiosas próprias desses grupos que se compadecem, acreditando que estão diante de uma pessoa santa (VAN DEN BERG, 2021).

A religião é a apropriação popular do sagrado que se expressa em um determinado local imbuído de valores. Tais valores culturais é que são capazes de definir os objetos, rituais e quais os sinais que podem ser entendidos como sagrados (BERNARDI, 2016).

A partir do catolicismo popular se perpetuam momentos de diversão e socialização, grupos que vivem mais afastados se encontram em determinadas datas e realizam festas, procissões, leilões, utilizam fogos de artifício, têm parques de diversão, bebidas, danças regionais etc. A este momento podemos dizer que sejam as festas de padroeiros e padroeiras dos municípios e distritos (CAVALCANTE FILHO, 2015).

Esses festejos são reflexos das formas como o homem acaba se socializando, não são práticas irracionais, mas demonstram laços que se fortalecem a partir da fé e da inserção individual do indivíduo no grupo, é a configuração de um fenômeno social (ALVES; RAMOS, 2007).

Outra manifestação que também é recorrente na região Nordeste é a adoração de crianças como entes sagrados, segundo Cavalcante Filho (2015), no município paraibano de Patos, existe o parque religioso Cruz da Menina, local que abriga um conhecido santuário da região.

É preciso frisar que os santuários são encontrados desde o litoral ao interior, não sendo restrito apenas às zonas urbanas, mas também encontrados nos interiores, favorece as populações o lazer e o turismo religioso, uma atividade econômica que vem se apresentando com enorme relevância em nosso país (CAVALCANTE FILHO, 2015).

Ao analisarmos o santuário precisamos perceber que não devemos pensar apenas na sua construção material, mas direcionar nosso pensamento para o local no qual ele se encontra, pois é uma impressão cultural que se encontra inserido na paisagem (OLIVEIRA; CAVALCANTE; SOUZA, 2020).

As condições severas que ora são encontradas no semiárido nordestino, a busca por dias melhores diante dos castigos das secas pela fome e sede, das poucas cheias que ora ou outra se fazem presentes, encontram na religião popular símbolos religiosos que servem como alicerce da esperança na crença de que dias melhores possam vir (CAVALCANTE FILHO, 2015).

Dentre os diversos espaços religiosos no semiárido, é preciso destacar que, para boa parte dos devotos, há uma relação da fé e religiosidade com lugares de topografia elevada, sejam eles, serras ou montanhas. Talvez, a escolha dos lugares altos permita, de alguma forma no imaginário popular, uma aproximação com o divino e sagrado.

No Estado do Rio Grande do Norte é possível destacar alguns dos maiores santuários que estão instalados em locais de maior altitude dentro dos respectivos municípios, como é o caso do Monte do Galo, tendo como padroeira a Nossa Senhora das Vitórias, localizado em Carnaúba dos Dantas; em Santa Cruz, tem a estátua de Santa Rita de Cássia, monumento religioso mais recente no Estado; em Florânia, temos o santuário de Nossa Senhora das Graças ou Santa Menina; e, na Serra do Lima em Patu, o santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis (DE JESUS SANTOS, 2018).

Cavignac (1994) apud Dantas (2008, p. 135) comenta a coincidência de elementos simbólico-religiosos sobre rochedos, serras, serrotes e montes, locais que apresentam topografia elevada, são esses espaços sem ocupação humana, mas que acabam sendo mais temidos e desejados por esse misticismo religioso.

Existem diversos espaços religiosos pelo semiárido que apresentam características semelhantes, são edificadas em locais de destaque, onde a topografia elevada os destacam, como no Memorial de Frei Damião em Guarabira, no Estado da Paraíba, ou no santuário de Frei Damião em São Joaquim do Monte que está situado sobre um pequeno monte, o santuário de Padre Cícero Romão em Juazeiro do Norte, com o

santuário de São Francisco das Chagas de Canindé, no município de Canindé, ambos no Estado do Ceará.

Cruz (2018) comenta que tem crescido entre os fiéis o hábito de buscar lugares altos – na linguagem popular: “montes”, para realizar suas orações e vigílias. Outro fator que também chama atenção é a criação de mitos religiosos em lugares altos, o mesmo ocorre com a menina santa de Florânia, que também tem a origem de sua história no alto de uma serra, onde foi encontrada.

A construção de templos religiosos ou locais que resguardam um símbolo religioso local em cima de serras ou outros locais de altitude elevada e de acesso difícil se dá em razão de algum evento marcante, fato hierofânico ocorrido ali e que eleva aquele ambiente a um local sagrado, legitimando por parte dos devotos um sentimento de piedade atrelado “a exercícios penitenciais” para alcançar a graça pretendida (VAN DEN BERG, 2021).

Termos como montanha e vale que no pensamento científico são tipos de uma categoria topográfica, ao assumirem o pensamento metafórico religioso ganham outra conotação (CRUZ, 2018).

Podemos interpretar esses eventos como uma tentativa ou mesmo aproximação com Deus. Como comenta De Jesus Santos (2018), ao se referir ao Santuário do Lima em Patu, comentando que existe a necessidade de elevar-se e, subir a serra seria uma forma de “chegar perto do céu”, onde do alto, é que se consegue a realização do ritual final.

Dessa forma, esses locais que apresentam altitude elevada, são postos como espaços que permitem a aproximação com Deus, em muitos deles também são encontrados corpos de adultos ou crianças que faleceram por diversos motivos e que acabam sendo considerados pelo povo como espaços sagrados.

Quando nos debruçamos sobre a Serra do Feiticeiro e ouvimos relatos de pessoas que frequentam a romaria ou mesmo já ouviram histórias de outras pessoas contando sobre acontecimentos que são guardados na memória, somos remetidos a esses processos de purificação ou mesmo de pagamentos por promessas alcançadas.

Assim como nesses locais de altitude elevada citados anteriormente que apresentam manifestação religiosa, podemos vislumbrar a Serra do Feiticeiro como um espaço que permite por meio de sua trilha que o devoto alcance o espaço sagrado em busca de uma graça ou agradecer pelo milagre alcançado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

São encontrados, no semiárido nordestino vastas extensões de terra com presença de pediplanos que são esculpidos em rochas cristalinas, em solos rasos e bastante pedregosos, com cursos fluviais intermitentes, que são característicos da região e com uma vegetação ímpar (RIBEIRO et al, 2020).

O homem sertanejo, dotado de seu conhecimento empírico, faz uso de termos próprios para identificar as formas e os processos que esculpem a paisagem. São modos tradicionais muitas vezes hereditários de se tratar a terra, saberes passados por gerações, aos quais a Academia nomeia de Etnoconhecimento (ANTUNES; RIBEIRO, 2018).

Esse conhecimento é fruto das suas observações e experiências cotidianas que geram o conhecimento de acordo com as particularidades de cada região, percebendo as mudanças e a interferência das ações no meio e suas consequências aos seus modos de vida, buscando alternativas para um manejo adequado do meio no qual estão inseridos.

Para que haja potenciais de desenvolvimento em um determinado lugar se faz necessário identificar quais são esses elementos, seja eles os recursos naturais ou humanos, produção cultural, infraestrutura, dessa forma, podem-se aliar os conhecimentos acadêmicos aos tradicionais do povo que reside nas comunidades, a partir do conhecimento etnogeomorfológico (RIBEIRO et al, 2020).

Sendo assim, nesta pesquisa optamos por um estudo de caso, que busca analisar a comunidade de Boa Vista, na zona rural do município de Lajes, o acesso principal para chegar à comunidade se dá pela rodovia BR-304, estando a 8 quilômetros de distância da sede do município. Em razão do local ser conhecido pelos nomes, a saber: Sítio Boa Vista e Comunidade Boa Vista, optamos por chamar de Comunidade Boa Vista, nomenclatura que os residentes e blogs locais fazem uso (figura 5).

Figura 5: Comunidade Boa Vista



Fonte: Autores, 2021.

A partir da Etnogeomorfologia, numa perspectiva de análise cultural, é possível compreender a relação entre os moradores da comunidade e o símbolo religioso que se encontra num importante geomonumento: a Serra do Feiticeiro.

Buscamos identificar se os residentes da comunidade detêm algum tipo de conhecimento sobre a paisagem e geomorfologia local; se traçam alternativas para melhor convivência com o meio e se percebem na natureza alternativas para desenvolvimento da renda local, já que a região de Lajes se encontra na parte mais seca do Estado.

O conhecimento etnocientífico se pauta na compreensão de como as comunidades tradicionais produzem sua cultura, como se relacionam com as plantas, os animais, com seu lugar de origem, com o território no qual estão inseridas, visa elencar conceitos e saberes desenvolvidos por essas culturas através de diferentes áreas de conhecimento sobre a relação homem e natureza, esse conhecimento próprio dessas comunidade resulta de suas experiências com o meio ambiente na busca por formas de manejo dos recursos naturais, sendo de fundamental importância o reconhecimento do valor intelectual desse etnoconhecimento (RIBEIRO, 2016).

Simone Ribeiro, na transmissão ao vivo pelo canal do YouTube da Universidade Federal do Espírito Santo intitulada como: “Etnogeomorfologia: Saberes tradicionais e classificação da paisagem”, em 2021, enfatiza que a Etnogeomorfologia se debruça sobre as questões que estão diretamente ligadas com a gestão, planejamento e uso do espaço, visando facilitar de forma mais substancial seu uso, o ensino-aprendizagem,

sempre seguindo na direção de favorecer as melhores alternativas para as comunidades estudadas.

Ribeiro (2016) apud Leff (2009) apresenta as etnociências como ferramentas indispensáveis para reconstruir as formas de relação das sociedades com a natureza favorecendo as notórias estratégias para desenvolvimento do meio ambiente, existe uma forte relação físico-biológica entre homem e meio ambiente, que atua diretamente na produção cultural.

As culturas tradicionais podem ser entendidas segundo Ribeiro (2016), como modos de produção que não apresentam desenvolvimento avançado, estando num estágio pré-capitalista, por estarem diretamente dependentes da natureza, ou seja, esses moradores de comunidades tradicionais não se apropriam do trabalho na perspectiva capitalista, apenas para própria subsistência.

Esse conhecimento empírico se estende de geração para geração, fruto da observação dos mais antigos diante das experiências vividas do lugar no qual estão inseridos, percebendo as mudanças e a interferência de suas consequências aos seus modos de vida utilizados para manejo do meio.

Nessa perspectiva, a Etnogeomorfologia e demais etnociências propõem análises do conhecimento tradicional para elaboração de novos modelos para pesquisa geográfica, o que favorece por meio dos resultados em alternativas que contribuam para o desenvolvimento desses locais, o conhecimento empírico dos moradores de comunidades rurais a partir de sua interação com a natureza, como percebem, interagem e classificam a seu modo a geomorfologia, manejos que adquirem com o passar dos tempos quando analisados coadunam para o desenvolvimento local (RIBEIRO, 2016, p.186).

Sabendo do conhecimento adquirido pelo morador de comunidades rurais tradicionais e da importância dele, é preciso que sejam reavaliados paradigmas que rodeiam os modelos oriundos do período colonial para produção agrícola, busca-se uma renovação dos métodos disponíveis que levem ao desenvolvimento de tais técnicas proporcionando modelos alternativos arregimentando a produção agrícola ou mesmo gerando renda para as comunidades de outras formas (RIBEIRO, 2016).

A seguir serão apresentados os principais pontos sobre a economia da Comunidade Boa Vista, a partir da sua relação com o ambiente onde vivem.

5.1 Economia da comunidade de Boa Vista

As terras que hoje dão lugar à Comunidade de Boa Vista compunham a antiga Fazenda Boa Vista, que com o passar dos tempos acabou sendo desmembrada com lotes de terras que foram repartidos.

De acordo com o entrevistado C. B. E. S, 36 anos, a Comunidade de Boa Vista foi composta inicialmente por duas famílias, os Bernadinos e Nunes, que passaram a comprar pequenos lotes de terras de outros herdeiros e se fixaram no local, às vezes ocorre algum outro nome, mas elas são as que se destacam.

As principais fontes de renda da comunidade se resumiam inicialmente entre a agricultura, criação de animais e extração de minerais na extinta mina do Feiticeiro, descritas a seguir.

5.1.1 A agriculturae criação de animais

A comunidade enfrenta problemas relacionados a estiagem, que em razão da baixa pluviométrica associada a má distribuição das chuvas, afeta a produção agrícola que sofre impactos irreparáveis, não sendo possível uma boa produção agrícola, sendo que em muitos anos não há produção significativa pela falta de chuva.

Por meio de entrevistas, observações de campo e pesquisa bibliográfica, sabe-se que a base da economia da comunidade, restringe-se à agricultura com o plantio de milho, feijão e em menor escala: melancia, fava e sorgo, este último é utilizado para produzir ração para os animais, bem como pela criação de gado em menor escala, em razão da pouca disponibilidade de alimentos para os animais durante os longos períodos de estiagem e de caprinos e ovinos, porcos e galinhas. Também, produção de carvão vegetal com madeira oriunda da algaroba, uma espécie exógena sobre a qual não existem restrições quanto seu uso para esse fim.

A agricultura sempre foi a base da economia da comunidade, como podemos identificar em alguns relatos de entrevistados, como é o caso de dona J.M.L.M., residente há 16 anos na comunidade e comenta que a geração de renda local é o plantio de feijão, milho para comer, criação de gado, ovelhas, cabras, cavalos (locomoção e lida dos animais).

Inclusive, a criação de animais de porte menor como ovinos e caprinos substituiu a maior parte da criação do gado, por necessitarem de menos alimentos para se manterem e a serra acaba se tornando uma fonte alternativa para obtenção de alimentos para esses animais, que soltos pelas capoeiras acabam subindo na serra para se alimentarem.

Ainda de acordo com a entrevistada, a população jovem da comunidade acaba migrando para outros municípios em busca de emprego e garantir alguma renda, afirmou:

“A fonte de renda da comunidade é a criação de animais: cabra, ovelha e aposento. Só estou aqui porque sou aposentada e o meu marido também porque não tem meio de vida aqui, se não for aposentado, não sobrevive. Fica rapazinho e vai embora para Natal ou para outros cantos porque não tem meio de vida. Aqui o meio de vida que o povo faz é carvão da algaroba que é licito derrubar, já a jurema e outras plantas nativas é proibido pelo IBAMA” (J.M.L.M., 2021).

Durante nossa estadia na comunidade encontramos pessoas acima dos 35 anos e crianças em sua maioria, muitas casas fechadas, algumas habitadas apenas em finais de semana quando os proprietários voltavam de Lajes para descansar, já que lá encontraram trabalho e residem durante a semana, outros retornam apenas à noite.

L.C.S.B cita algumas das atividades realizadas por ele que dependem do meio ambiente: *“planta bananeira, hortaliças, [...], aqui é fraca, tem que ir para fora, a não ser quem crie gado, galinha, guiné, porco, ovelhas, cabras. Roçado de feijão, milho, melancia quando chove”*.

A dependência da natureza e de seus ciclos é de fundamental importância para os moradores da comunidade, buscar uma nova alternativa de renda é algo extremamente necessário para reestruturar a renda familiar local.

Essas dificuldades inclusive, conduziram alguns moradores em sua resiliência a recorrerem da produção de carvão vegetal com madeira oriunda da algaroba, uma espécie exógena e que não existem restrições quanto seu uso para esse fim.

Segundo o sr. F.B.S., com mais de 73 anos de residência na comunidade, foi na produção de carvão vegetal que ele encontrou subsídio para sustento de sua família, por meio da extração da madeira da algaroba, que não é nativa do bioma caatinga e não há restrições quanto seu uso.

Em tempos pretéritos, a serra também foi fonte de alimentação de parte da comunidade, moradores caçavam para garantir a mistura das refeições, como lembrou o sr. J.N.S., de 78 anos: *“A serra é muito importante para a comunidade, principalmente antigamente que o pessoal que não tinha “tempero” ia e caçava na serra”*. A caça foi durante muito tempo fonte de alimento para o sertanejo, com pouco ou sem dinheiro encontrava na natureza sua sobrevivência. Nos dias atuais ainda existem algumas atividades relacionadas, mas os moradores discordam e defendem a ideia de preservação

da mata e dos animais nativos que por lá ainda residem pela oferta de alimento ou se refugiam da caça predatória e desmatamentos.

Além da agricultura e criação de animais, outra alternativa que por algum tempo permitiu que moradores da comunidade trabalhassem foi a extração de minerais em uma antiga mina localizada bem próximo dali.

Foi possível ver muitas casas fechadas durante nossa estadia, os próprios moradores relataram que alguns partiram para trabalhar em Lajes e só chegavam à noite, outros moradores só retornavam no fim de semana, já que passaram a residir em Lajes, e outros acabaram se mudando para outros municípios que encontrassem oferta de emprego.

5.1.2 A mineração

Durante algum tempo a extração mineral na Mina do Feiticeiro, ocupou parte da população que encontrou na mineração uma fonte de renda na Comunidade de Boa Vista, a mina está localizada no pé da serra e está desativada (Figuras 6 e 7).

Algumas estradas foram abertas pela mineradora e passam pelo sopé da Serra do Feiticeiro (Figura 8), e vão até parte do topo dela, onde se encontra a casa da bomba, utilizada para puxar os carrinhos de minério com material de dentro das galerias (Pesquisa de campo, 2021).

Figuras 6 e 7: Mina desativada localizada na Serra do Feiticeiro. Figura 8: Duas estradas que faziam parte das rotas da mina e ligam, à esquerda, a comunidade Boa vista e à direita, a BR-304.





Fonte: Autores, 2021.

Da Mina do Feiticeiro eram extraídos minerais como a scheelita e alguns entrevistados relataram que também foi encontrado ouro durante as atividades da mina, o sr. J.N.S., trabalhou na mina “*e o povo da comunidade também, tinha scheelita e disseram que tinha ouro*”, quem também confirmou a extração desses materiais foi o sr. L.M, que reside há mais de 50 anos na comunidade.

O trabalho produzido por Szilagyí (2007), concorda com as informações supracitadas e acrescenta que, além da exploração do quartzo, ouro com uma ou outra aparição do metal, também eram extraídas baritas.

Segundo Jardim de Sá e Legrand (1980) apud Cavalcanti (2008), havia a ocorrência de milonitos gnaisses com ocorrência na unidade inferior Jucurutu, nos lados oeste e leste da Serra do Feiticeiro. As rochas eram compostas por quartzo-feldspática, com tonalidade clara, ainda apresentavam associação com calcissilicáticas e migmatitos. A mina do feiticeiro ou Boa Vista (CAVALCANTE, 2016), que hoje se encontra desativada, tinha como seu principal minério explorado a scheelita, talvez a oscilação e queda no preço do produto tenha feito a mina fechar as portas.

Mesmo com as entrevistas e demais buscas em sites de órgãos públicos e literaturas, não conseguimos obter mais informações oficiais sobre o seu período de funcionamento, quais minerais eram extraídos e encerramento, ainda existem marcas na paisagem de sua existência, além das estradas para transporte dos minerais, é possível ver um túnel bem próximo a uma das galerias que servia para análise dos minérios,

pequenos almoxarifados, tanques, assim como outras estruturas utilizadas durante as atividades extrativistas no local.

As principais fontes de renda que a comunidade dispunha com o tempo passaram a se resumir apenas a atividades ligadas a agricultura e criação de animais, sendo em pequena escala a produção de carvão vegetal e aposentadoria rural de poucos moradores. A falta de renda acaba interferindo diretamente na vida dos residentes e os mais jovens precisam buscar fontes de renda fora da comunidade. Com vistas a evitar o êxodo rural, a comunidade aponta atividades turísticas ligadas à Serra do Feiticeiro como alternativas capazes de garantir renda.

5.2 GEOMONUMENTO, LUGARES ALTOS E FÉ: a construção simbólico-religiosa da Serra do Feiticeiro

A Serra do Feiticeiro é um geomonumento potiguar que se apresenta como um importante objeto de estudo, que por sua vez, traz consigo diversos significados que merecem ser analisados em sua percepção ambiental, sobretudo relacionando-a à religiosidade local, assim como, a interpretação dos residentes sobre o lugar em que vivem.

A nomenclatura da serra, está diretamente ligada à comunidade, tendo em vista que, segundo os relatos ocorreu em razão de um índio tapuia, um Pajé que era grande detentor da cura medicinal por meio de ervas, tendo por diversas vezes curado animais e posteriormente também curou pessoas, como a serra era seu refúgio, acabou sendo chamada de Serra do Feiticeiro, feito que fez com que seu nome anterior ficasse apagado da memória dos moradores que a conhecem apenas pelo nome atual.

Para a comunidade, a serra faz parte da paisagem, sendo vista por eles desde crianças, no entanto, com vistas a transformações físicas não perceberam mudanças significativas que pudessem perceber, em entrevistas, todos foram unânimes em chamar a feição geomorfológica de serra.

Com relação às mudanças na sua estrutura geomorfológica, os moradores afirmam que não observaram mudanças, que sempre foi do mesmo jeito, a única coisa que percebem é a vegetação que fica mais seca quando termina o período de chuvas e quando a vegetação está verde no período chuvoso.

Foi perceptível durante as entrevistas que os participantes detém conhecimento da geomorfologia local, no entanto, não souberam ou não conseguimos extrair deles nomenclaturas para determinadas morfologias, mas quando inquiridos sobre a feição da Serra do Feiticeiro, todos foram unânimes em afirmar que se tratava de uma serra, também, sabem da importância dos ciclos da natureza, como um dos mais importantes para eles que é a estação chuvosa que garante produção agrícola, pastagem para os animais e água para manutenção da vida.

Eles percebem que a paisagem muda de acordo com a estação, a vegetação fica mais verde no período chuvoso e o clima fica mais frio, que quando o período de seca se instala muda a cor da vegetação para uma textura mais acinzentada e o clima fica mais quente, incidindo bastante em muitas atividades cotidianas.

Esses fatores estão no campo tradicional e cultural da comunidade, são apresentados como possibilidades de renda uma vez que a dependência do período chuvoso os limita

nas principais atividades deles, quais sejam a produção agrícola e criação de animais. A comunidade vislumbra o turismo como alternativa de renda para sobrevivência da comunidade. A atualidade midiática é um ponto chave para estabelecimento desse vislumbre, para isso é importante discussões no âmbito acadêmico para subsidiar as ações governamentais.

Falcão et al (2017) apud Posey et al. (1986) e Toledo (2000) reforçam a tese que o etnoconhecimento se configura por meio da análise da percepção que detém os grupos humanos sobre a natureza, que se fundamenta através do arcabouço de conhecimentos repassados pelas de gerações antecedentes e que se acumula a cada nova geração, são conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamentos que compõem as interações do homem com a natureza.

Dessa forma, pode-se afirmar que a Etnogeomorfologia se pauta como uma espécie de ciência híbrida, uma vez que além de analisar o conhecimento das comunidades sobre os processos geomorfológicos, também se debruça sobre os saberes culturais, tradições e formas de interação das sociedades tradicionais com a natureza (RIBEIRO, 2012).

De acordo com Ribeiro (2016) pud Sokal e Bricmont (2001), as formas de pensamento que o homem detém são únicas, cada uma inserida em seus contextos direcionando-o a desenvolver boas relações com a natureza na busca pela sobrevivência, sendo assim, a investigação de tais conhecimentos permite reelaborar ideias fixadas pela ciência e até então universais, apresentando novas propostas com novas bases instáveis permitindo a construção de conhecimentos que favorecem ao encontro das melhores alternativas para resolução de problemas locais.

As secas, em especial aquelas consecutivas com baixos índices pluviométricos e seus efeitos negativos para os moradores da comunidade, necessitam que os moradores busquem alternativas, que proporcione renda aquela comunidade, o turismo é então cogitado e sugerido para ser desenvolvido na Serra do Feiticeiro.

Precisamos destacar como a cultura local favoreceu a manutenção de um símbolo religioso que ganha a cada ano novos adeptos e interessados. Esse simbolismo faz parte da história da comunidade e passa a ser elemento inerente da cultura desse povo, e acaba convergindo para construção de turismo religioso na comunidade.

A busca pela instituição do turismo de aventura em razão da geomorfologia da serra possibilita a reflexão por parte da comunidade e atualmente do poder público municipal, pois se trata de uma formação geomorfológica que se destaca na paisagem e oferece

entre suas potencialidades, vivências como trilhas, *camping*, vistas panorâmicas entre outros.

Ribeiro (2016) parafraseando Escobar (2005, p.2), comenta que o conhecimento de culturas que se relacionam de formas distintas com a natureza fugindo dos moldes da ciência moderna passa a ser resgatado a partir de planejamento e gestão ambiental, da mesma forma suas práticas educativas, racionalidade cultural, ecológica e econômica, já que o lugar e suas experiências específicas favorecem ao enraizamento que reflete o cotidiano passando a identificar e localizar o indivíduo.

No entanto, faz-se necessário entender como surge esse simbolismo da cultura religiosa popular que liga diretamente a Comunidade de Boa Vista à feição geomorfológica Serra do Feiticeiro. É importante frisar que, segundo Christian Denny, devido o simbolismo religioso tratar-se de uma construção humanista da cultura mítico-religiosa da humanidade, a localidade específica se adapta e é adaptada por ele, a partir do diálogo da ocupação.

O início do simbolismo religioso na Serra do Feiticeiro se inicia a partir do desaparecimento do menino José, residente da comunidade que, segundo alguns relatos de entrevistados, a mãe do menino abriu o chiqueiro das cabras, deixou o menino em casa e foi lavar roupa no rio, as cabras foram para o mato e o menino acabou seguindo-as; outro relato diz que o pai foi para feira no sábado e a mulher ficou em casa, soltou as cabras e foi para o rio lavar roupa. O menino seguiu as cabras e elas foram subindo e ele atrás delas.

O professor de história e blogueiro local popularmente conhecido como Cícero Lajes (2018), cita que em idos de 1903 quando uma criança de nome José Alexandrino, com 5 anos de idade, pastoreava cabras com sua mãe e acabou se afastando dela ao acompanhar algumas cabras que subiram a Serra do Feiticeiro e acabou se perdendo, o garoto só foi encontrado três dias depois deitado sobre uma pedra e encolhido já sem vida (SILVA, 2018).

Sob a pedra em que o menino foi encontrado deitado, fixaram uma cruz simbolizando o local da morte do menino e pedras também foram sendo deixadas por quem ia até o local.

Um pouco mais abaixo do local em que ele foi encontrado, familiares do menino e alguns moradores do local ergueram uma capelinha nomeada de Capela da Divina Santa Cruz, posteriormente, populares subiam todo dia 3 de maio, data na qual o menino foi

encontrado para orar, fazer preces e agradecer, dando origem a uma romaria no local (SILVA, 2018).

Foi a partir da construção da capela que teve início o percurso religioso da trilha da Divina Santa Cruz e Pedra do Anjo, sendo aos poucos, de forma oral, transmitida de pessoa para pessoa histórias de milagres que ali aconteciam ou eram decorrentes do local, atribuindo também ao menino a condição de santo popular. As histórias de milagres se espalharam e uma romaria acabou se estabelecendo durante os anos, devotos sobem uma trilha bastante íngreme para orar, fazer pedidos e agradecer pelas graças alcançadas.

A capela passou a ser bastante visitada por romeiros que vinham das redondezas e da sede do município, aos poucos as histórias de milagres do local foram se espalhando e passaram a ir mais pessoas de outros lugares visitar o local para fazer orações e em busca de milagres.

Essas inserções modificaram a paisagem natural da serra, atribuindo-a um novo significado, o local passou a ter um sentido sagrado para os residentes na comunidade e romeiros que acreditam e se fazem presente todos os anos ou mesmo em datas diferentes em razão de algum imprevisto no decorrer do ano, história que é repassada de geração para geração a mais de um século e atrai novos fiéis a cada ano.

No caso da Serra do Feiticeiro, esse costume faz da feição geomorfológica um espaço imbuído de significados e misticismo, não apenas pelo seu nome, mas pelo simbolismo religioso que se constituiu durante pouco mais de um século, alcançando gerações, criando um vínculo entre natureza, comunidade e cultura.

O imaginário coletivo tem a capacidade de dar novos significados à natureza, atribuindo elementos materiais e simbólicos da cultura de um povo. De forma isolada, a paisagem acaba por não transmitir valores para além do que se pode enxergar na natureza, no entanto, quando imbuída dos valores sociais, transforma-se num espaço que resulta de um processo ativo que passa a dar um novo significado ao local, material e simbólico (LUCHIARI, 2001).

Segundo Ribeiro (2012), cabe a ciência buscar novas verdades, não se deve ter um parâmetro absoluto, é necessário sempre se questionar em busca de novas respostas permitindo organização, sistematização e novas produções do conhecimento sobre os conhecimentos que detém as sociedades, que a partir de suas bases culturais e diversas percepções contribuem, quando são aliados os conhecimentos empíricos ao científico.

A cultura local absorveu esse evento religioso popular que vem se disseminando e crescendo ano após ano, se tornando uma marca da comunidade e da região, esse fator levou a Serra do Feiticeiro ao status de local sagrado para o imaginário popular, no dia 2 de maio, a comunidade se prepara para a chegada do dia 3: com festas, danças, atrações culturais e começam a subir a serra em busca do contato sagrado com a capela e a pedra do anjo, por vezes ocorreram caminhadas que saiam de Lajes até a serra e em dias atuais, ocorre uma cavalgada.

A prefeitura passou a apoiar o evento, máquinas preparam o caminho para que os carros possam trafegar e chegar mais perto da serra, no pé da serra como eles falam. Vale ressaltar que a data de 3 de maio se tornou feriado municipal, a partir da Lei Municipal nº 517/10, elaborada pelo então vereador Canindé Rocha, e os devotos vão para Serra do Feiticeiro assistir a missa, fazer suas orações, agradecer e pedir o que está precisando. Os romeiros também fizeram avaliações com relação as dificuldades que encontram para alcançar a capelinha e a Pedra do Anjo, sendo que a capelinha tem o acesso bem melhor, geralmente quem sobe, alcança ela, já a Pedra do Anjo exige mais esforços e poucos conseguem chegar até ela.

A subida é marcada pela vista que a serra proporciona, é possível ver a Comunidade de Boa Vista, a cidade de Lajes, carros trafegando pela BR-304, o Pico do Cabugi, bem como outras feições geomorfológicas nos arredores.

Aqueles que já foram em outras épocas do ano, comentam que a paisagem fica mais bonita no período de maio, em razão das chuvas, já que a vegetação fica mais verde e isso acaba amenizando também a insolação, podendo parar um pouco nas sombras de algumas árvores durante a subida e descida.

Os devotos sabem que o percurso frequente de anos, que as intempéries do tempo acabam incidindo na qualidade da trilha, que é um obstáculo associada a altitude da serra, dificultando o acesso, alguns até sugeriram que deveria ser construída uma escadaria para facilitar a subida e ter um apoio para os mais idosos ter mais apoio para subirem.

Durante a subida são encontradas sobre galhos de árvores ou sobre algumas pedras maiores, pedras pequenas que tem um significado próprio para cada devoto, seja para marcar as subidas, a lembrança pela memória do menino, é uma marca da cultura judaico-cristã que se misturou com a cultura do povo nordestino.

Essa procura ao local sagrado pelos devotos, alavanca a possibilidade vislumbrada pelos moradores da Comunidade de Boa Vista, quando afirmam que a serra tem enorme

potencial turístico e que a religiosidade também encontra seu espaço nesse campo, já que existe a procura do local por devotos.

Como relata um entrevistado L.C.S.B. 39 anos, que atribui a serra potencial turístico grande, o que melhoraria em 90% as condições de trabalho na comunidade, não havendo a necessidade de buscar renda fora, já que seria viável a criação de empregos ali mesmo.

No que concerne à sua nomenclatura atual, dá-se em razão de um índio Pajé da tribo Tapuia, que fugindo do avanço dos colonos portugueses encontrou refúgio na serra, que pelos conhecimentos e domínio de cura com ervas medicinais e rituais, passou a curar animais e moradores do entorno da serra, dando-lhe o nome de feiticeiro, consoante, esse nome foi atribuído a serra, que desde então ficou conhecida como Serra do Feiticeiro (Silva, 2018).

Segundo relatos de moradores sobre a história, as dificuldades de ir para cidade em busca de atendimento médico, a própria disponibilidade de médico naquele tempo antigo com as diversas dificuldades, favoreceu os dotes de cura do Pajé, que curava animais e pessoas, mas não se sabia ao certo em qual local da serra ele morava.

No entanto, o simbolismo religioso não se entrelaça com essa história de rituais do velho índio pajé, ele veio a ser constituído muito tempo depois. Segundo Silva (2018), em idos de 1903 quando uma criança de nome José Alexandrino, com 5 anos de idade pastoreava cabras com sua mãe e acabou se afastando dela ao acompanhar algumas cabras que subiram a serra e acabou se perdendo.

Os relatos dos populares divergem um pouco sobre o momento em que o menino se perdeu, alguns contam que a mãe dele abriu o chiqueiro das cabras, deixou o menino em casa e foi lavar roupa no rio, as cabras foram para o mato e o menino acabou seguindo-as; outro relato diz que o pai foi para feira no sábado e a mulher ficou em casa, soltou as cabras e foi para o rio lavar roupa. O menino seguiu as cabras e elas foram subindo e ele atrás delas.

Começaram as buscas na tentativa de encontrar o menino, no entanto só foi encontrado três dias após seu desaparecimento, estava em cima de uma pedra encolhido e com algumas pedrinhas na mão.

Sob a pedra em que o menino foi encontrado deitado, fixaram uma cruz simbolizando o local da morte do menino e pedras também foram sendo deixadas por quem ia até o local, como mostra a figura 9.

Um pouco mais abaixo do local em que ele foi encontrado, familiares do menino e alguns moradores do local ergueram uma capelinha nomeada de Capela da Divina Santa Cruz (Figura 10), posteriormente populares subiam todo dia 3 de maio, data na qual o menino foi encontrado para orar, fazer preces e agradecer, dando origem a uma romaria no local (SILVA, 2018).

Figura 9: Pedra do Anjo. Figura 10: Capela da Divina Santa Cruz.



Fonte: Autores, 2020.

A capela passou a ser bastante visitada porromeiros que vinham das redondezas e da sede do município, aos poucos as histórias de milagres do local foram se espalhando e passaram a ir mais pessoas de outros lugares visitar o local para fazer orações e em busca de milagres.

Essas inserções modificaram a paisagem natural da serra, atribuindo-a um novo significado, o local passou a ter um sentido sagrado para aqueles que acreditam e se fazem presente todos os anos ou mesmo em datas diferentes no decorrer do ano, história que é repassada e atrai novos fiéis a cada ano.

O imaginário coletivo tem a capacidade de dar novos significados a natureza, atribuindo elementos materiais e simbólicos da cultura de um povo. De forma isolada, a paisagem acaba por não transmitir valores para além do que se pode enxergar na natureza, no entanto, quando imbuída dos valores sociais, transforma-se num espaço que resulta de um processo ativo que passa a dar um novo significado ao local, material e simbólico (LUCHIARI, 2001).

Os moradores da Comunidade de Boa Vista, no município de Lajes, da sede do município e inclusive de outros lugares vêm em busca de subir a trilha da Serra do Feiticeiro, pois lá está a Pedra do Anjo e a capela da Divina Santa Cruz, símbolos religiosos que atraem fiéis que vão com o intuito de alcançar ou agradecer por alguma graça alcançada.

A natureza acaba ofertando sugestões ao imaginário popular que acaba traduzindo por meio de produções materiais, atribuindo significado a determinados elementos (PEREIRA LEITE, 1998). A paisagem é material, mas permite que a sociedade possa efetuar representações simbólicas. As representações do mundo podem ser produzidas no tempo e espaço, modificando a paisagem de um lugar (LUCHIARI, 2001).

Mas essa construção simbólica religiosa, ora encontrada na Serra do Feiticeiro, não é exclusividade dela, pois existem outras manifestações de santos populares das quais vamos citar algumas existentes no Estado do Rio Grande do Norte.

No município de Rodolfo Fernandes, a devoção popular é para as Meninas das Covinhas; em Ipanguaçu, Maria Romana; Tenente Ananias, Mártir Francisca; em Angicos, Santa Damasiã; Em Mossoró, Jararaca, dentre outros. O que faz deles santos é a forma como morreram, uma morte sofrida (VAN DEN BERG, 2021).

Para os santos locais, o enredo e rituais que fornecem a maneira como as populações tradicionais percebem a morte e a necessidade de cultuar se faz como uma maneira de demonstrar a importância e relações que a morte firma na terra. Essas figuras não têm quem lhes preste os rituais póstumos. Dessa forma, a morte que os torna relevantes, mostrando quem são esses santos locais e as mensagens que trazem consigo (VAN DEN BERG, 2021).

No município de Florânia/RN, fiéis vão em busca da Santa Menina fazer pedidos e muitos alegam ser atendidos. Tais acontecimentos acabam por confeccionar o baluarte que dá origem a um mito religioso, são pessoas que se identificam com aquele símbolo sagrado, povo carente e necessitados de crença. Passa a existir o desejo de divulgar aquela história, adicionar relatos, transmitem suas identidades individuais e coletivas (SILVA, 2010).

O santuário de Florânia tem origem no achado do corpo de uma menina pelo frade capuchinho italiano (JESUS SANTOS, 2018), o frade chegou ao município em 1947, sonhar com um mistério que deveria ser revelado, que em uma cruz de serras no alto do sertão haveria um mistério que precisava ser desvendado, o corpo santo de uma criança,

chegando ao local ele localizou embaixo de uma umburana o corpo casto da menina (SILVA, 2010).

No entanto, esse santuário tem o caso mais emblemático em razão de orientações da igreja sob a memória devocional das camadas populares, onde a Diocese de Caicó fez uma substituição da devoção da “Santa Menina” por Nossa Senhora das Graças (JESUS SANTOS, 2018).

Quando aumentou o número de fiéis em busca das interseções da menina santa que já havia se tornado santa para o povo, a igreja buscou uma substituta oficialmente santa, pois vinha caindo o número de fiéis, tornado-se necessária a adaptação por Nossa Senhora das Graças, que inclusive o monte onde a menina foi encontrada passou a se chamar Monte das Graças (SILVA, 2010).

Dentro do território potiguar é possível nos deparamos com diversidade de espaços de devoção popular com santas cruces em estradas, túmulos e santos que ainda não foram canonizados, além de pequenos locais de romaria, esses locais são chamados de “zona de contato entre Deus e o homem” (ASSMANN, 2011).

Alguns desses lugares sagrados acabam se tornando cidades santuários, recebendo peregrinos que com suas práticas religiosas caracterizam as cidades santuários com fluxos contínuos, com visitas periódicas uma ou duas vezes por ano, muitas vezes nos dias de festividade (ROSENDAHL, 2009).

Os santos locais são por sua vez, uma construção dos lugares de suas mortes, onde se articula o fatídico e a figura que resulta da sua condição subalterna, é por assim dizer, um mártir, é: “o inocente, injustiçado, explorado que, sem forças ou armas para combater, resigna-se”, é a vítima que bravamente sucumbiu sob uma ordem imperiosa (VAN DEN BERG, 2021, P. 80).

A partir do momento que os santuários provocam deslocamentos de pessoas em razão de culto, atrai um propósito cultural consigo, pessoas que vão reverenciar pelos contextos históricos e culturais. Os eventos passam a absorver a cultura local, passam a identificar a identidade de uma determinada comunidade (ARNT, 2006).

Alguns devotos aproveitam para subir na madrugada do dia 2 para o dia 3 de maio, geralmente a Comunidade de Boa Vista já está em festa, lá se realizam serestas dançantes, e nos últimos anos vinha acontecendo um bolão de vaquejada, organizado por um morador da comunidade (SILVA, 2018).

Até o ano de 2004, populares subiam a Serra do Feiticeiro em caminhada saindo do bairro Boa Esperança, passavam pela Fazenda Vaca Morta e pela Comunidade de Boa

Vista, no entanto, as estradas foram abertas por máquinas e os veículos ficaram acessíveis ao local, o que levou a extinção deste feito que era tradicional (SILVA, 2018).

Com o fim das caminhadas surgem as modalidades como a cavalgada que ocorre durante a manhã do dia 3, com romeiros seguem em suas montarias até o pé da serra (SILVA, 2018).

A seguir, imagens que representam essa participação popular que lá se consolidou pelos últimos 100 anos, desde os primeiros devotos do menino, culminando em uma adesão de pessoas que saem de lugares diferentes para se fazerem presentes na romaria e da prefeitura municipal que presta apoio ao evento.

Figuras: 11: Bolão de Vaquejada na comunidade. 12: Cavalgada com romeiros. 13: Grupos de amigos em motocicletas chegando para a romaria. 14: Folder de anúncio da Romaria. 15; 16: Assistência da Prefeitura de Lajes na Romaria.





Fontes: Blog do Cícero Lajes, 2015 (11, 12, 13), 2017 (15, 16); Prefeitura Municipal de Lajes/RN, 2020 (14).

A participação de romeiros durante os festejos culturais ou religiosos não se dá de forma isolada ou em família, mas também se percebe a presença de grupos de amigos que vão seja para momentos de fé ou de aventura.

Os vários tipos e veículos das procissões seguindo um determinado percurso até o local do seu santo arregimenta as categorias dos hábitos alimentares, das festas, o estilo de roupa, cantorias a caráter são algumas das práticas religiosas que ocorrem durante esses eventos e caracteriza-o (ROSENDAHL, 2003).

A Prefeitura Municipal de Lajes, também apoia o evento, em edições recentes do evento publicou em suas mídias sociais um folder em alusão ao evento religioso encontrado na Serra do Feiticeiro.

A data faz parte do calendário religioso do município, dia em que ganha destaque em razão da romaria e de diversas pessoas que visitam a Serra do Feiticeiro em razão do evento religioso (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJES, 2019).

A prefeitura também dá suporte aplainando a estrada que liga a Comunidade de Boa Vista à Serra do Feiticeiro para facilitar o acesso dos romeiros. Já bem próximo da serra, ainda na estrada, nota-se um pontinho branco, é a capelinha. Faz-se necessário analisar essa interação do homem com o meio, as transformações que foram ocorrendo, como elas se deram e sua representação para as sociedades.

Para construir um espaço religioso se faz necessário que haja a participação direta da sociedade, no entanto, pode haver a participação pública governamental, “relação dialética entre política da comunidade e construção do lugar sagrado”. Essa construção identitária alavanca o arcabouço composto de: “afetividade e significação no lugar

religioso”, reforçando sua importância para a comunidade que festeja sua religião e cultura (ROSENAHL, 2003, p. 216)

Modificar a paisagem com a inserção de elementos da religiosidade, como é o caso da capela da Divina Santa Cruz, apresentada na imagem a seguir, que pode ser vista ainda da estrada, denota a intensificação da religiosidade no local.

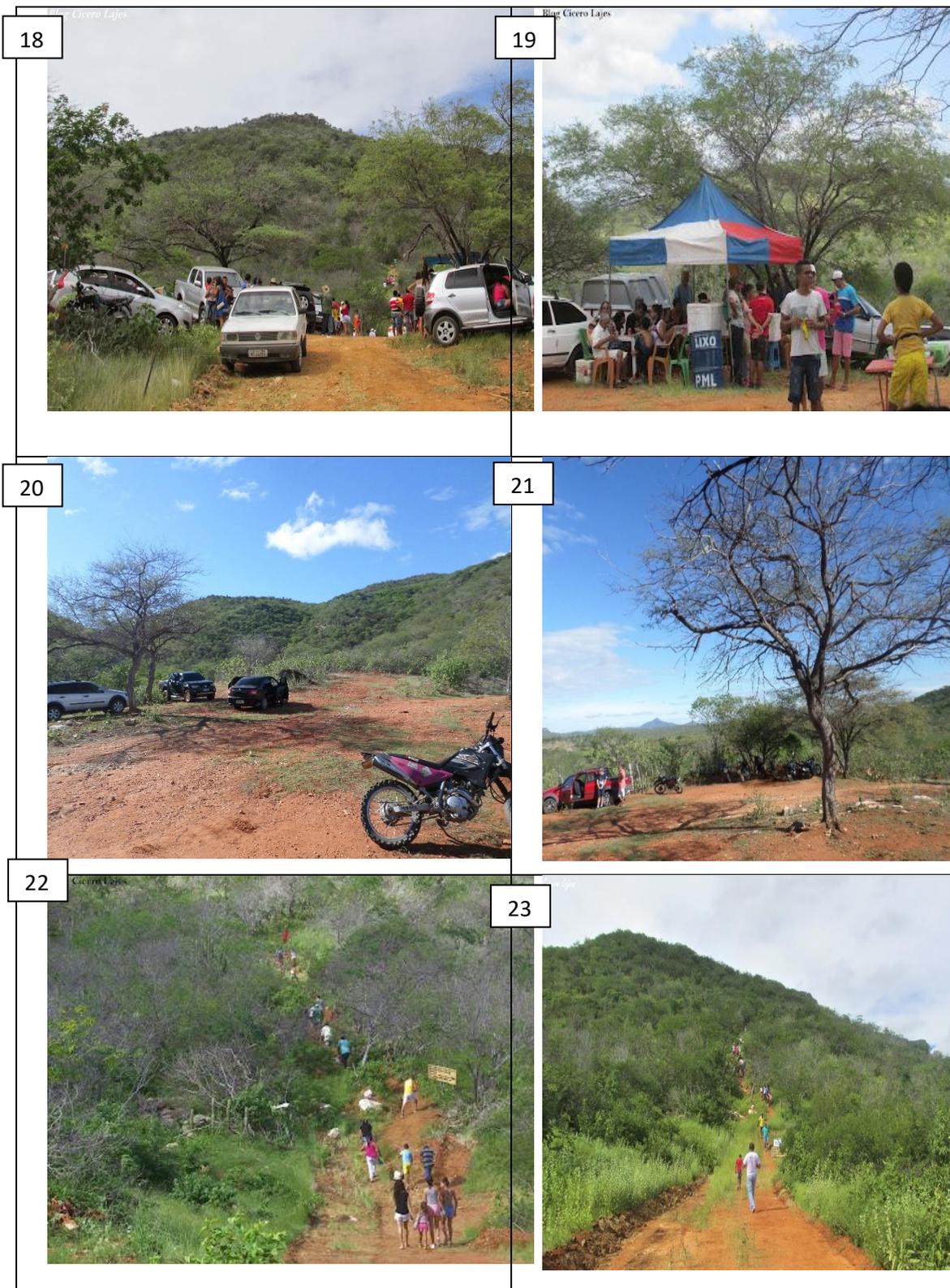
Figura 17: Capela da Divina Santa Cruz vista no alto da serra.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Percebe-se que as mudanças empregadas na paisagem durante os festejos dos dias 2 e 3 de maio, quando a comunidade se prepara para as comemorações, o ambiente calmo e natural é modificado momentaneamente pela inserção de barracas, carros, motos, animais e diversas pessoas que saem de suas casas para prestigiar e realizarem seus atos religiosos como podemos observar nas imagens a seguir.

Figuras:18; 19: Romeiros. 20; 21: Dia de romaria na Serra do Feiticeiro em tempos de pandemia do Sars-Cov-2; 22, 23: Peregrinos subindo a trilha da Serra do Feiticeiro.



Fonte: Blog Cicero Lajes, 2017 (18, 19), 2018 (22, 23); Autores, 2021 (20, 21).

A prefeitura também disponibiliza, por meio de algumas secretarias, barracas para sombra, água e café, além de ambulâncias (Blog Cícero Lajes, 2017).

Os garis também são disponibilizados para ajudar na limpeza do local, apesar de ficarem até um determinado horário, são fundamentais, no entanto, percebe-se que tanto na Comunidade de Boa Vista como na trilha da Serra do Feiticeiro, existe um cuidado com a limpeza, a consciência ambiental ficou clara nos discursos dos entrevistados, são disponibilizados tambores para descarte do lixo e também existem placas de conscientização aos visitantes e romeiros.

Ao compararmos essas fotos do período anterior a pandemia com os anos de pandemia, notou-se a brusca diminuição de devotos no local em razão das medidas sanitárias de controle de proliferação do vírus do Sars-Cov-2, a ausência da estrutura ofertada pela prefeitura que ainda emitiu notas com a não recomendação de aglomerações ou visitas durante o feriado, mesmo que fosse nos festejos da Divina Santa Cruz.

Mesmo diante da recomendação fomos até a serra, tomando os devidos cuidados como regulamenta o Ministério da Saúde, fazendo uso de máscara de proteção facial (boca e nariz), luvas e álcool em gel. Durante nossa ida a campo foram realizadas algumas entrevistas de suma importância, totalizando 12 coletas com os romeiros, fundamentais para a compreensão dessa manifestação religiosa.

Constatou-se que os romeiros não são apenas moradores da comunidade de Boa Vista, arredores ou mesmo a sede de Lajes, mas se fizeram presentes romeiros vindos da região metropolitana de Natal, como das cidades de Macaíba e Parnamirim.

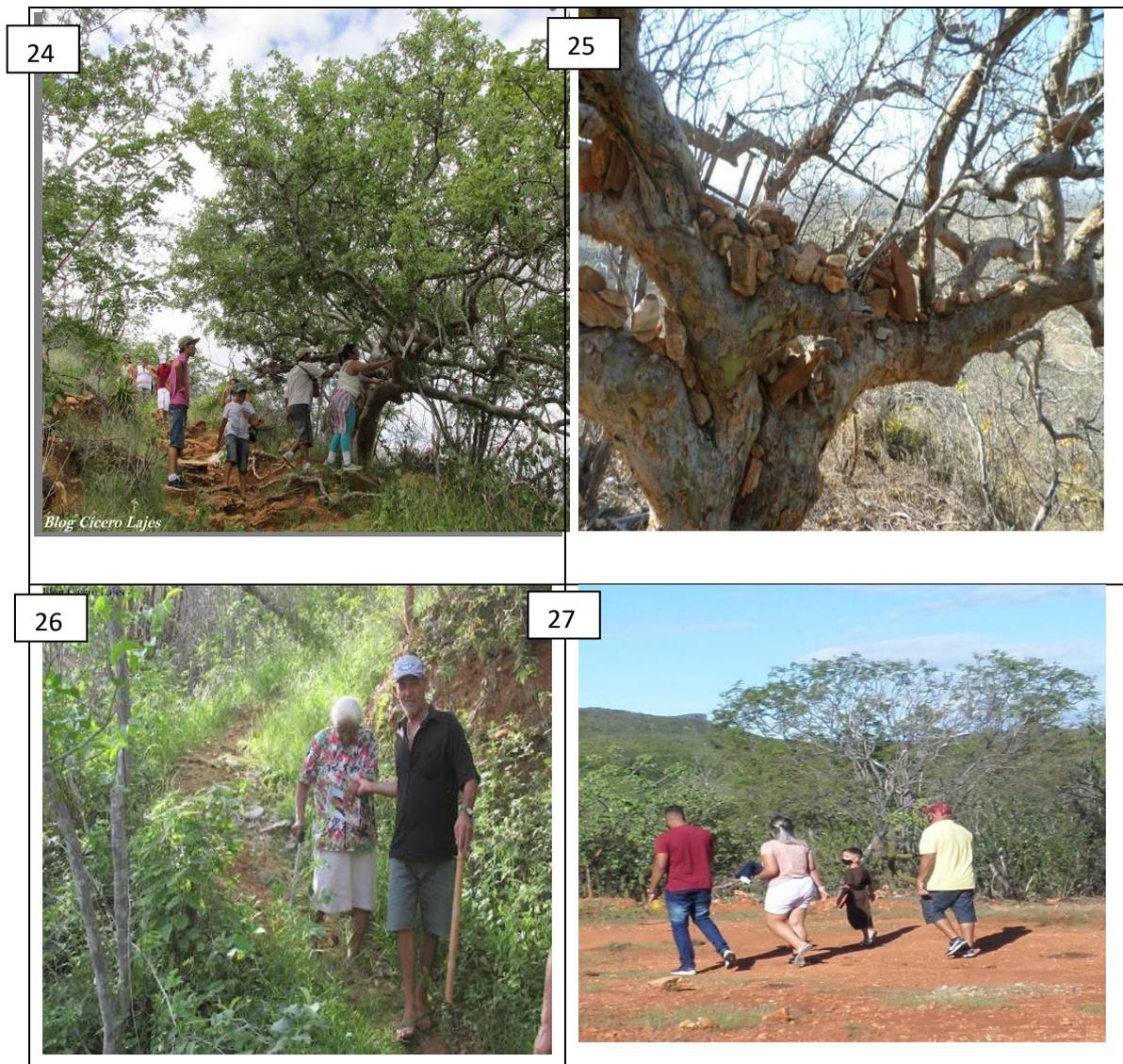
A subida da trilha marca um dos momentos mais importantes para os romeiros, é o momento em que vão se aproximar do símbolo sagrado, vão em busca de agradecer graças, orar e pedir alguma interseção.

As narrativas que fundamentam a análise da religiosidade na trilha na Pedra do Anjo e Divina Santa Cruz, demonstram enorme crença no lugar, são vários peregrinos que frequentam o local e esse número vinha aumentando a cada ano.

As pessoas acabam sacralizando inúmeros objetos como entes sagrados, tais como árvores, pedras, grutas que detém poderes milagrosos, curam, túmulos que obram milagres em torno de si. A lealdade religiosa nos leva a perceber que existe uma topografia sagrada (ROSENDAHL, 1995).

O sr. L.N.L. 40 anos, morador da Comunidade de Boa Vista, disse que do pé da serra para a capelinha são mais ou menos 650 metros. Durante o percurso da trilha é possível encontrar sobre galhos das árvores muitas pedras, que são deixadas ali pelos romeiros, como é possível verificar nas imagens a seguir.

Figuras: 24, 25: Romeiros deixando pedras sobre os galhos das árvores. 26: Idosos participando da romaria. 27: criança trajada de bata pagando promessa. 28: Romeiro subindo a trilha descalço. 29: Parte da trilha.





Fontes: Blog do Cícero Lajes, 2015 (24, 26), 2017 (28); Autores, 2020 (25, 27, 29).

Essa é uma prática que muitos romeiros repetem sempre que vão à Capela da Divina Santa Cruz ou Pedra do Anjo, as pedras estão sobre diversas árvores ao longo do percurso, até sobre algumas pedras grandes é possível observar que visitantes deixaram suas marcas pondo sobre elas pedras pequenas.

Essa prática é um feito que remonta a um forte traço da cultura judaico-cristã, que foi absorvida pelos cristãos católicos e que faz alusão a lembrança, bem como forma de reverenciar seus mortos (RETONDAR, 2017).

Deixar pedras sobre as árvores durante o percurso da subida da trilha denota significados diferentes para os peregrinos e visitantes, simbolizando desde a fé e lembrança dos mortos, segundo a cultura judaico-cristã até a marcação da visita ao local.

Rocha et al (2020, p.373) comentam que a religiosidade é repleta de “práticas, celebrações, meditações e rituais” que se entrelaçam aos religiosos com enorme intimidade, atinge seus anseios, expectativas e diversos sentimentos.

Muitos idosos também, aos menos aqueles que tem condições físicas para subir, não medem esforços para alcançar o local sagrado da Capela da Divina Santa Cruz, na companhia de algum parente eles são guiados até o local.

As crianças também sobem para pagar promessas feitas por seus pais ou algum parente, reforçando essa fé que é passada de geração em geração, perpetuando-se e atraindo sempre novas pessoas que ficam sabendo desses relatos de milagres locais.

I.A.C.F., 40 anos, deslocou-se para pagar uma promessa que foi feita para o filho, que trajado com uma bata subiu até a Capela. Segundo a entrevistada, fez para *“pagar a promessa que foi feita para ele. Ele tinha um problema de saúde, sentia dores fortes na barriga e os médicos não descobriam o que era. O avô fez a promessa para que o menino ficasse bom”*.

Costa Braga (2014) discute sobre as indumentárias que os romeiros costumam usar, salienta que são vestimentas comuns que os caracterizam como rosário no pescoço, chapéu de palha na cabeça, terço na mão. Aqueles que vão pagar promessa fazem uso de batinas pretas similares as de Padre Cícero, marrons em referência a São Francisco, azuis ou roxas que se refere a Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Dores respectivamente. Em alguns casos as batinas são de cor branca.

O registro foi realizado no momento em que chegamos na serra, uma cena que não poderíamos deixar de registrar e que está diretamente ligada a fé popular, são fiéis que vieram da região metropolitana de Natal, para agradecer a graça alcançada com uma cura que o garotinho recebeu.

A subida da trilha ainda guarda mais simbolismo por meio de práticas utilizadas pelos peregrinos com vistas a pagar suas promessas, como é o caso da imagem a seguir: onde um senhor sobe descalço a trilha repleta de pedras pequenas e grandes, sendo até encontrados no decorrer da trilha vestígios solados de calçados.

Esse senhor que não é o único que para pagar suas promessas faz uso de algum meio que faz alusão a algum tipo de esforço que denota algum tipo de autoflagelo. Durante as entrevistas foi relatado por D.P., 38 anos, residente no município de Lajes, que conhece uma pessoa, o senhor Luís de Alcino, morador de uma fazenda do próprio município, que ao alcançar um milagre, passou a subir de joelhos todo ano a trilha do Anjo na Serra do Feiticeiro.

O sr. J.B.S, de 74 anos, o sr. S. S., de 66 anos, e também a sra. M.J.R, de 50 anos, entrevistados que residem na Comunidade de Boa Vista, relataram-nos conhecer essa história do senhor Luís de Alcino, um conto que quem viu fez questão de transmitir a outras pessoas relatando a graça alcançada por aquele homem, um gesto de fé que não é qualquer um que tem coragem de fazer, em razão do martírio decorrente das dores de percorrer determinado trajeto apenas usando os joelhos.

São muitos os relatos do senhor Luís de Alcino, que por muitos anos consecutivos subiu a Trilha do Anjo, a partir de um determinado ponto de joelhos, outros

entrevistados residentes na comunidade também foram incisivos ao se referir a graças alcançadas pela história de milagres da serra usando esse exemplo.

Chegando à propriedade do senhor Luís de Alcino, lá encontramos seu filho que confirmou a história de como o pai pagava a promessa e nos levou ao encontro dele, que nos concedeu uma entrevista na sua residência na cidade de Lajes. Questionado sobre os relatos de populares que afirmavam que ele pagava a promessa de joelhos confirmou e nos contou qual foi a promessa.

O senhor Luís de Alcino, tem atualmente 86 anos de idade, agricultor aposentado e disse que conhecia a serra desde jovem e nos contou uma história de milagres na qual *“uma mulher sofria da garganta e alcançou uma graça, a partir daí junto com os Bernadino construíram a capela”*.

Certo dia, sua mãe adoeceu, sofria de reumatismo nos joelhos, a sua motivação para fazer uma promessa.

“Se ficasse boa, sem defeito nenhum, enquanto fosse viva eu subiria de joelho uma parte [...] da imburana para lá, forrava o joelho com folha de marmeleiro. Subi por 30 anos. Não doía muito, a fé era maior. Alcancei a graça”.

Relatos de fé como esse denotam os significados que simboliza para os fieis, a interseção de um pedido atendido quando não se acha uma saída e a fé é a única alternativa. Como firmou F.B.S, 73 anos:

“Todo ano tem devotos na serra. Quem tem fé, quem cura é a fé e quem não tem, não tem fé. Quando o caso é de médico, é de médico. Quando de curador, é de curador. As vezes por causa de uma cura, se perde uma pessoa”.

Ele ainda concluiu dizendo que: *“única promessa que paguei, minhas promessas eu só faço para mim sofrer por ela, negócio de soltar fogos, amarrar fitas não é comigo não. Penitência”*.

A senhora Maria Nunes, 72 anos, esposa do senhor Luís de Alcino, contou que diante da fé do seu marido, que havia alcançado um milagre por meio do menino e vendo seu filho já quase sem andar, em razão de estar com as pernas secando e passando a manquejar, fez uma promessa ao menino, alcançou o milagre e mandou fazer uma perna de madeira e subiu a trilha sagrada para pagar sua promessa.

Para que o devoto possa obter a ajuda necessária por parte das almas, faz-se necessária a realização de alguns rituais e nestes precisa haver sacrifícios e ofertas em suas intenções, é o caso das peregrinações até o local no qual aquela pessoa foi

sepultada ou mesmo veio a falecer, acender velas e principalmente, rezar bastante (DANTAS, 2018).

A trilha apresenta dificuldades no percurso até a capela da Divina Santa Cruz e Pedra do Anjo respectivamente, a altitude e erosão fizeram da trilha mais um desafio, sendo assim, questionou-se aos entrevistados na romaria a respeito das dificuldades, se as dificuldades poderiam interferir na busca pelo milagre.

A maioria dos entrevistados afirmam que subir a serra ajuda a alcançar milagres (91%) e uma pequena parcela representados por 9% dos entrevistados não souberam responder (Pesquisa de campo, 2021).

Muitos fiéis acreditam que o sofrimento faz parte da busca por alcançar uma graça, não medindo esforços, como Costa Braga (2014, p. 209) afirma: “é claramente um ritual que possibilita ao devoto adentrar em experiências e sensações religiosas que os remetem ao sofrimento de Cristo na subida ao Calvário”

Esses santuários quando localizados em locais de elevação apresentam um simbolismo ainda maior para os fiéis, trilhar um longo percurso marcados muitas vezes pelo martírio, associados como “ritos de purificação na passagem do impuro para o puro”, aquele espaço elevado é privilegiado, é sagrado (GENNEP, 2011 Apud JESUS SANTOS, 2018).

Ele disse emocionado, “*sou devoto do menino, nunca me esqueci*”. Relatos, como o do senhor Luís de Alcino, corroboram para o reforço das falas de graça alcançadas, onde pessoas do local, conhecidas, obtiveram milagres contagiando outros que passam a frequentar o local e divulgar tendo ouvido ou visto o sacrifício pelo milagre alcançado por ele.

Já O.P.F.L, 33 anos, romeiro, afirma que soube de pessoas de municípios vizinhos a Lajes, também receberam graças a partir da pedra do anjo: “*Pessoas tanto do município e algumas pessoas de Caiçara do Rio do Vento e Pedra Preta alcançaram milagres através da pedra do anjo*”

Observa-se a expressividade da crença dos entrevistados, 100% dos entrevistados acreditam em milagres, quando questionados afirmaram que já ouviram relatos de terceiros ou que a partir de experiências próprias, alcançaram alguma graça.

Em um dos relatos, o entrevistado J.I. 16 anos, comenta:

“Falaram que o pessoal faz promessas ‘pra’ caso alguém esteja doente ficar curado para pagar promessa. Uma criança com problema no pulmão, foi feito o pedido e foi atendido. Como pagamento da promessa, vindo todo ano subir a serra fazendo todo o trajeto até a serra a pé”.

Os entrevistados conhecem histórias como essas, as reproduzem, levam para além da Comunidade de Boa Vista, divulgam os milagres que são fruto do menino José. A fé e gratidão se apresentam com as formas de agradecimento, nesse caso, o agraciado tem que ir a pé até a Capela para pagar a promessa.

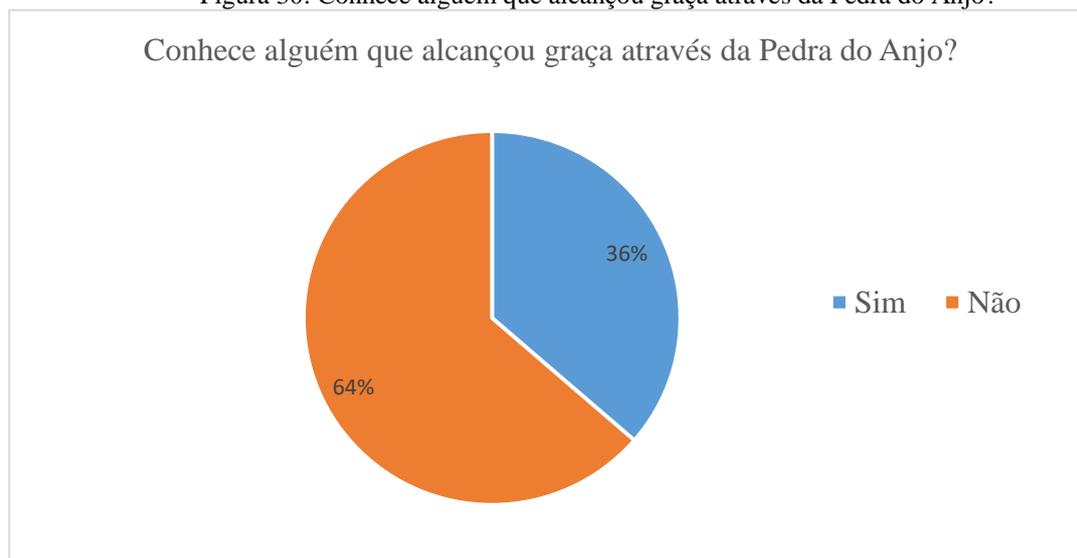
J.P.S.G 17 anos, relatou o que aconteceu com um amigo:

“Muita gente faz promessa (sic) quando tem algum parente muito doente. Um amigo meu fez a promessa pela mãe dele que estava internada no hospital com problema de pulmão, ele teve creu e subiu a serra e com poucos dias a graça foi alcançada”.

Vários relatos são passados oralmente e ganham proporções enormes, independente da geração, divulgam um local e levam sua mensagem de fé e milagres, das graças que recebem e da forma como pagam o milagre alcançado.

A figura 30 representa as respostas dadas pelos romeiros se têm conhecimento de alguém agraciado pela Divina Santa Cruz.

Figura 30: Conhece alguém que alcançou graça através da Pedra do Anjo?



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

64% dos entrevistados afirmaram não conhecer pessoas que tiveram algum pedido alcançado em forma de milagre por meio da Pedra do Anjo, entretanto, 36% alegam que tem conhecimento ou mesmo eles próprios já alcançaram alguma graça.

São relatos contados que reforçam o simbolismo religioso que vem aumentando com o passar dos tempos, principalmente quando se tem alguém mais próximo que alcançou alguma graça. Tanto que a peregrinação da Serra do Feiticeiro acontece há 118 anos completos em 2021.

Segundo Silva (2010, p. 35):

“O mito da santa menina, encontra na tradição oral sua expressão mais rica e é através dessa tradição, de sua pragmática que observaremos como ela foi construída, se mantém e se sustenta, estando encravada na psique dos habitantes da cidade e a florando através de dizeres que a gerem, nutrem e a reinvestem continuamente, à revelia dos discursos que não autorizam o culto ao referido mito.”

É comum que histórias como essas sejam repassadas, mexendo com o imaginário, com a devoção, com a fé sendo algo marcante na Região Nordeste, em razão dos flagelos das secas que muito castigaram os nordestinos em proporções catastróficas, apegar-se ao sagrado era a maneira que o sertanejo encontrava para enfrentar as intempéries.

Quando questionados sobre a assiduidade no evento religioso foi dito que 64% dos entrevistados não se fazem presentes todos os anos na romaria do dia 3 de maio. Quanto àqueles que não podem vir anualmente, a falta se dá por algum motivo maior que não permite prestigiar, seja pela fé ou a passeio. 36% dos 12 entrevistados afirmaram estar todos os anos no festejo religioso.

Dessa forma o maior objetivo dos símbolos religiosos é dar sentido à existência do homem, transcendendo os limites da vida e dando-lhe a oportunidade de alcançar a plenitude, sentir-se satisfeito e seguro que vai alcançar a vida eterna (SILVA, 2010, p. 37).

Além disso, para Costa Braga (2014, p. 213), proporcionam: “sentidos que para eles transcendiam suas próprias vidas e que – dentre outras consequências – tiravam-lhe qualquer sensação de desamparo”. A trilha além dos simbolismos de fé desde pedras sobre galhos, vestes que simbolizam o pagamento de promessas, pessoas descalças ou ajoelhadas, exibe uma paisagem exuberante que faz do local ainda mais fascinante.

A paisagem também se configura como memória e passa a identificar o sujeito na paisagem, é construída simbolicamente por meio de práticas socioespaciais, as práticas são constituídas dos símbolos locais, que entrelaça a matéria real e suas múltiplas formas de expressão com as manifestações imateriais, com costume, práticas e ideias (COSTA, 2003).

É a paisagem uma junção de categorias e fatores estéticos, que compreendem o valor do patrimônio, sua beleza, percepção da cultura local e externa, é símbolo do sagrado, da devoção, do imaginário popular que carrega suas vivências e relações com o meio (OLIVEIRA, 2004).

Ela pode ainda ser entendida como elo entre o mundo das coisas e o da subjetividade humana, é aceitável a ideia de que ao relacionar e identificar os conceitos das paisagens

ao nosso entorno estaremos cogitando nossas participações na produção da cultura no nosso cotidiano (CABRAL, 2000).

É em meio aos significados simbólicos, beleza natural, dificuldades da subida que os fiéis buscam chegar à capela, para depositar nela votos, orar, fazer preces, deixar presentes ou provas da cura alcançada.

I.F.M., 74 anos, quando questionada se subir a serra, com as dificuldades encontradas, ajuda a alcançar a graça, afirmou que sim, mas chama atenção: *“Pra quem é jovem, é bacana, é legal, mas quem está com a idade mais avançada, é mais cansativo é mais difícil. Tem muitas pedras no caminho e soltas, arriscado escorregar. Não enfrentei por conta da visão”*. E acrescenta: *“Já passei mal na subida, cheguei em cima a força, muito cansada mas pedi muita força ao “menininho da Divina Santa Cruz” e “ele me ajudou que nem lembrei que estava cansada”*.

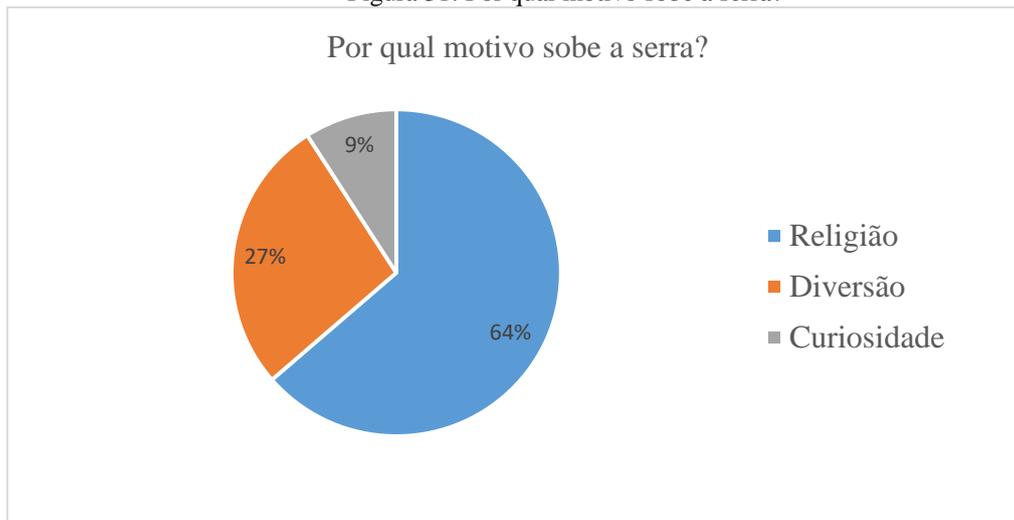
Tal afirmação confirma dois pensamentos, primeiro: a certeza de que o esforço físico para chegar ao local sagrado é um meio para chamar atenção do seu santo intercessor e ter sua prece atendida e, segundo: a fé dá força e possibilita alcançar o objetivo.

A romeira I. C, 40 anos, afirmou que o motivo de seu esforço na subida da serra é a crença de que faz milagres e quando questionada sobre as intempéries do percurso da subida dispara: *“É difícil demais da conta, não era pra ser assim, era para ajeitar. As pedras soltas e escorrega o caminho”*.

São unânimes as considerações a respeito das dificuldades encontradas pelos romeiros durante a trilha para chegar à capela, vários foram os relatos que continham palavras chaves como: difícil, complicada, cansativo, requer atenção e cuidado, perigoso.

A respeito da motivação para os romeiros se fazerem presentes, obteve-se as seguintes respostas:

Figura 31: Por qual motivo sobe a serra?



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

64% dos entrevistados alegam que sobem a serra em razão da religiosidade, já 27% eram curiosos que estavam indo para conhecer o local, a dificuldade da trilha se torna diversão ao subir a serra.

Antes da pandemia o local era bastante visitado, como é possível observar nas figuras 32 e 33, sendo nítido o volume de pessoas visitando a Capela da Divina Santa Cruz, idosos, adultos, crianças pequenas e até mesmo crianças de colo, confirmando que é uma cultura que passa de geração para geração como frisamos

A imagem nos dá uma noção da dificuldade que o romeiro enfrenta, após percorrer a trilha e chegar à capela, foi improvisado um corrimão para auxiliar na subida (figura 34), uma vez que o terreno é muito escorregadio e o risco de queda é iminente.

A figura 35, registrada durante as entrevistas, possibilita perceber de imediato que o fluxo de pessoas diminuiu devido à pandemia e orientações de reclusão por parte da prefeitura, fazendo com que muitas pessoas deixassem de ir.

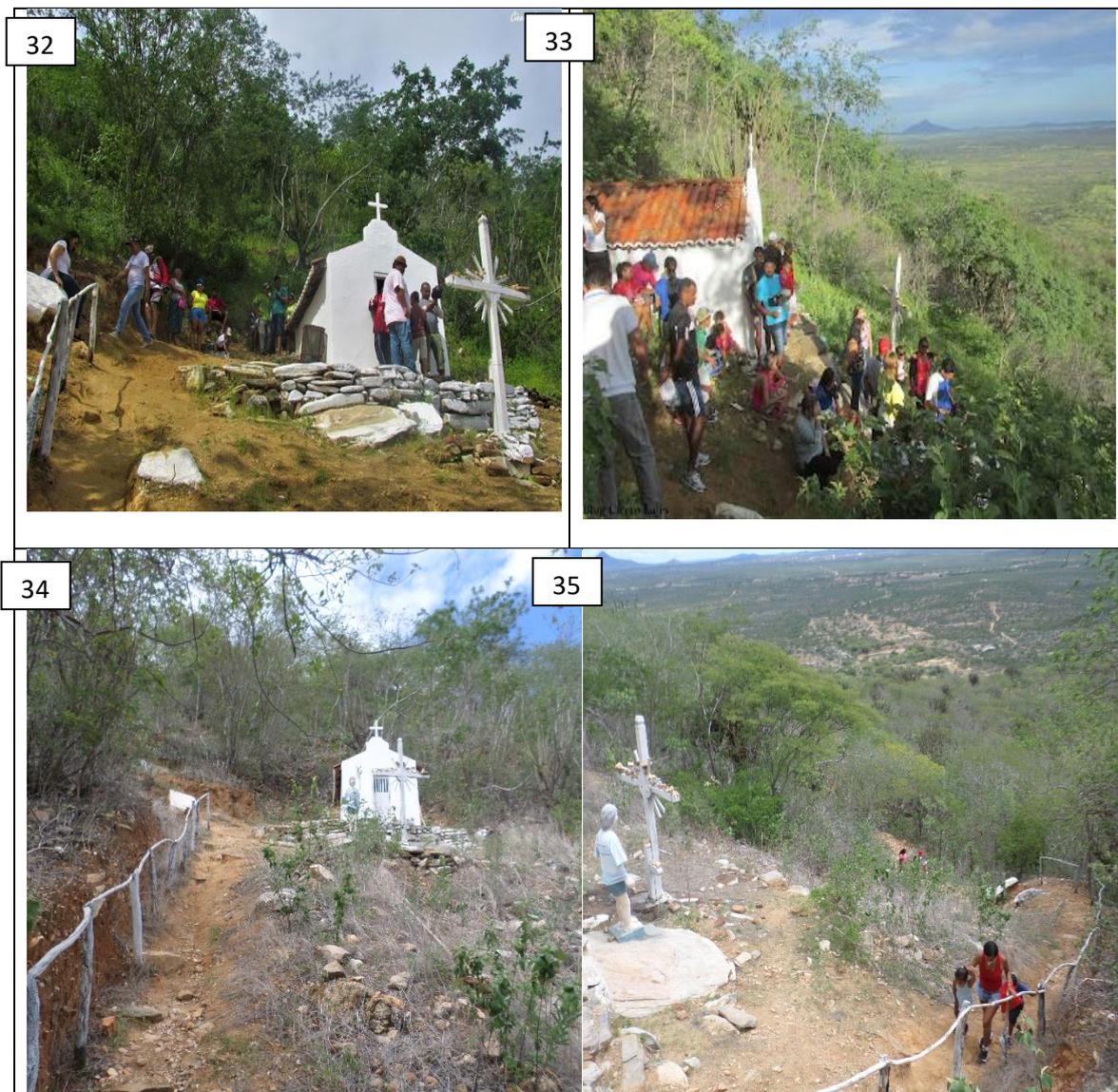
Na figura 35, a entrevistada M. C. S. F, 28 anos, enfrentou a subida com duas crianças, por volta das 11 horas da manhã, para deixar um vestido de uma de suas filhas em agradecimento a um ex-voto, tendo alcançado a graça pedida.

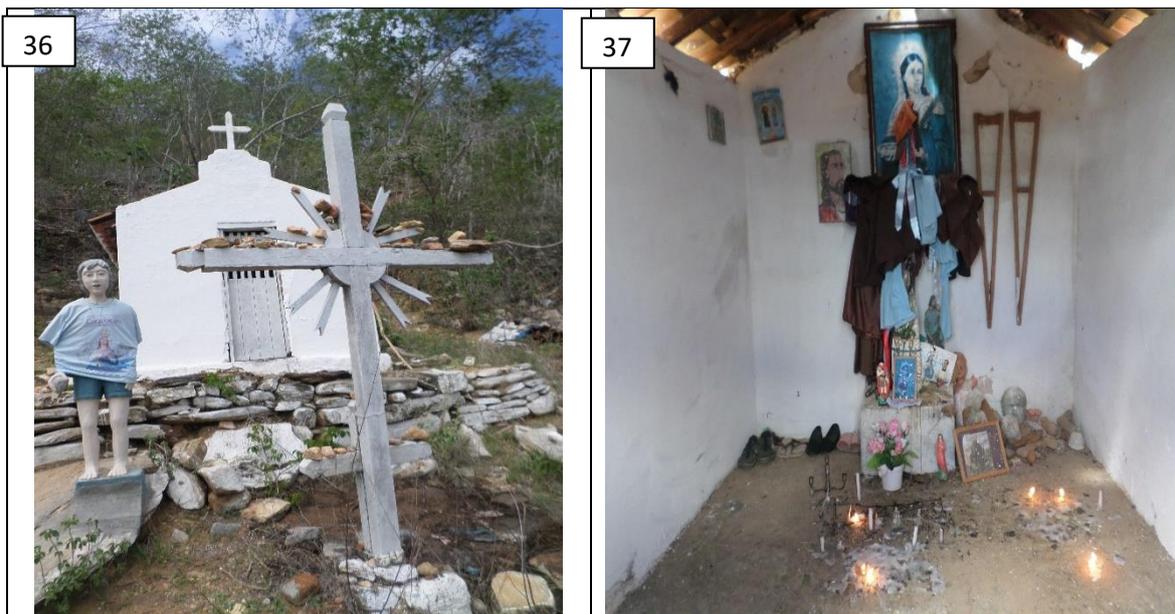
Na capela ocorre o momento de encontro com a Divina Santa Cruz, marca o encontro com o sagrado que aproxima os romeiros de Deus, é o local onde são deixados os objetos que os fiéis levam (figura 37), renovação da fé popular, local também utilizado para queima de fogos.

Em frente à capela foi posta uma estátua em alusão ao menino José (figura 36), o artesão acabou fazendo ela bem maior do que o menino realmente era quando se perdeu,

já que só tinha apenas 5 anos. No entanto, não deixa de ter seu simbolismo ao fazer jus a figura dá origem ao símbolo religioso sagrado.

Figuras: 32, 33: Romeiros na Capela Divina Santa Cruz. 34, 35: Subida da Capela da Divina Santa Cruz e romeiros subindo em momento de devoção. 36: Exterior da Capela da Divina Santa Cruz. 37: Interior da Capela da Divina Santa Cruz.





Fontes: Blog Cícero Lajes, 2017 (33), 2018 (32); Autores, 2021 (34, 35, 36, 37).

O cruzeiro também se destaca na paisagem do entorno da capela, símbolo sagrado para os cristãos, também abriga pedras que são deixadas pelos romeiros, com seus mais variados significados como ditos anteriormente.

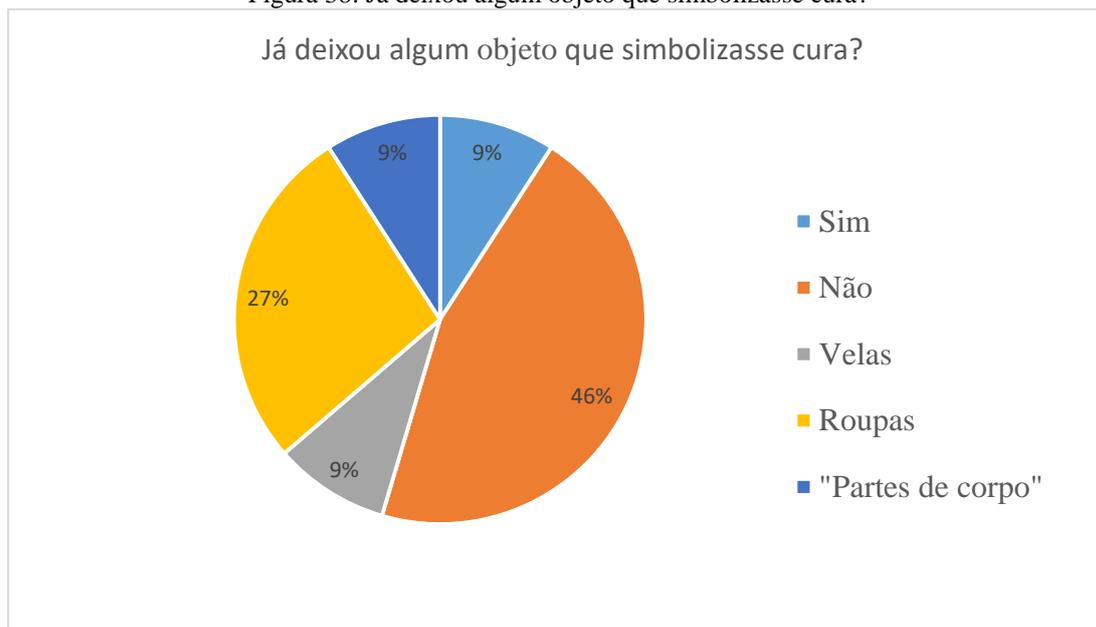
No interior da capela, são encontrados diversos objetos como imagens em quadros de santos, de Jesus Cristo, imagens de santo em gesso, calçados, bonecas, peças de roupa, muletas, objetos que representam partes do corpo humano, tais como, cabeça, mão, braço, perna, velas, cabelo entre outros.

São objetos comuns de serem encontrados nesses locais de devoção, fazem alusão a representatividade religiosa popular que deposita esses objetos para agradecer ou mesmo pedir um milagre ao santo.

Dentre os relatos de cura por parte dos fiéis entrevistados, podemos elencar que os fiéis tiveram olhos curados, dores misteriosas na barriga, dores nas pernas que impediam a locomoção, criança nascida com pernas secando, doenças do trato respiratório

Questionando os romeiros sobre os tipos de pedidos, muitos relataram curas de doenças pulmonares, na barriga, outros pediram emprego e, como agradecimento, deixaram algo que simboliza o feito (figura 38).

Figura 38: Já deixou algum objeto que simbolizasse cura?



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Dentre aqueles que não deixaram objeto, totalizam 46% dos entrevistados, já os que deixaram objetos somam 9%. Sobre os objetos que foram deixados na capela podemos citar velas (9%), roupas (27%) e esculturas ou imagens de parte do corpo (9%).

O percurso sagrado, no entanto, não chega ao final na Capela da Divina Santa Cruz, para chegar até a Pedra do Anjo a dificuldade é bem maior, não é qualquer pessoa independentemente da idade que consegue subir o acesso que fica logo ao lado da Capela da Divina Santa Cruz, a subida é bastante íngreme e demanda muita resistência de quem deseja chegar até ela.

Figuras: 39 e 40: Pedra do Anjo e local utilizado para acender velas



Fonte: Autores, 2021

Na Pedra do Anjo (figura 39), é encontrada além da cruz muitas pedras, como se percebe os romeiros ou visitantes acabam pondo pedras bem grande e um pouco atrás desse monte de pedra tem uma espécie de pequena “caverna” formada por pedras que estão ao lado da Pedra do Anjo (figura 40), esse local é utilizado pelos poucos romeiros que conseguem subir até o local sagrado para acender velas para o Menino Santo.

É preciso salientar que se exige preparo físico de peregrinos e visitantes para realizar a subida no percurso da trilha até chegar à Pedra do Anjo, que deve estar a mais de 500 metros de altitude, sendo bastante íngreme e durante o percurso existem muitas pedras soltas e alguns degraus naturais que se formaram com a passagem de fiéis, acelerando o processo erosivo local e dificultando o trajeto. A vegetação não amortiza a temperatura, pois não há muita sombra das árvores, muitos fiéis sobem a serra ainda na madrugada para realizarem seus rituais religiosos.

Longe de ser simples (se por simples se entenda aquilo que é pouco sofisticado), a fé, a devoção romeira que se apresenta na Serra do Feiticeiro, demonstra várias formas de expressão sofisticada, considerando que sofisticado é a variação nas formas de expressão da fé, apropriando-se de vários significados, [...] transitando entre a repetição e produção de novos significados (COSTA BRAGA, 2014, p. 207).

Não se pode ignorar o rogo do imaginário religioso que essas rotas sagradas estimulam no peregrino. Seja uma rocha, templo, tronco de árvore ou estátua, independente do estado físico que se apresente ornamentando os santuários, provocam atração (OLIVEIRA, 2004).

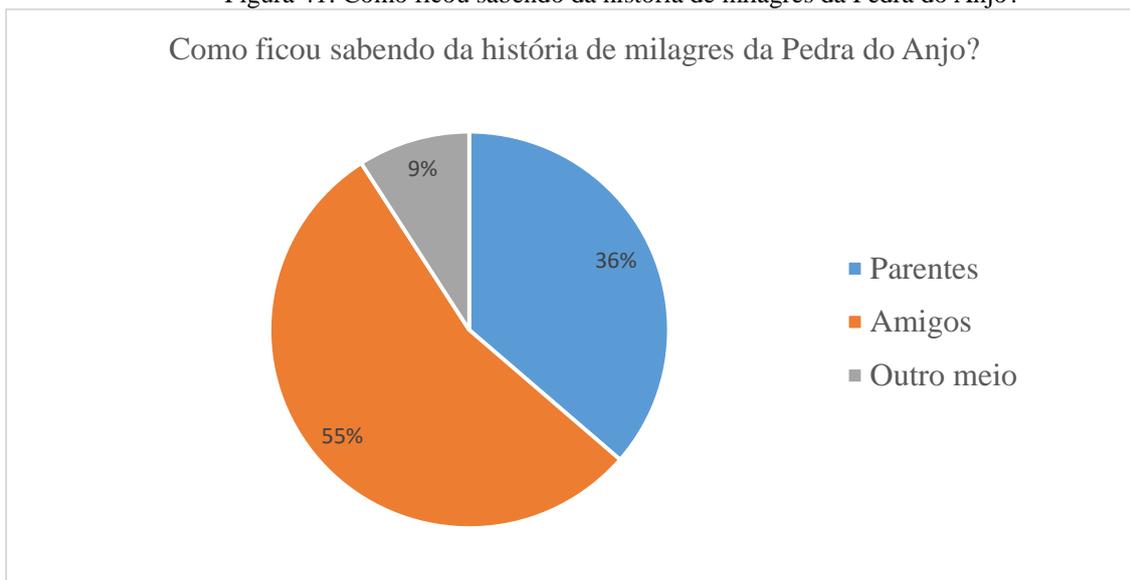
A definição de um santo e do lugar sagrado construído, rodeiam investida e colaboração da comunidade religiosa. Torna-se acentuada a relação lógica entre política da comunidade e a edificação do lugar santo. A comunidade religiosa constrói a Igreja, que por sua vez detém a função da comunhão social, sustentando a própria comunidade (ROSENDAHL, 2018).

É de fundamental importância que estejamos cientes que os santuários são como centros de visitação extraordinários de fé, são edificações que contemplam enorme significado, quando se tornam locais turísticos, abertos para visitas, não perdem seu poder sagrado. No nosso caso, podemos entender que a Capela da Divina Santa Cruz, apresenta-se com aspirações de um “santuário”, por mais que não tenha a estrutura física, mas que converge no simbolismo da fé religiosa atraindo não apenas os peregrinos, mas turistas que vão se aventurar na serra e ao conhecer as histórias religiosas do local vão até lá conhecer (OLIVEIRA, 2004).

A paisagem, a partir do símbolo religioso da Pedra do Anjo e da Capela da Divina Santa Cruz, possibilita qualidades estruturantes e estruturadas, a forma como a natureza ao redor permite que um símbolo religioso se mantenha vivo apesar da dificuldade para se chegar até ele. É reflexo de uma produção do contexto social local e passa a exercer influência a si mesma e externamente, deixou de ser um local de cultos de uma comunidade rural e seu alcance se estende a outros lugares, onde as pessoas ficaram sabendo das histórias de milagres que ali aconteceram e também passaram a comungar da mesma fé (ROCHA; BARBOSA, 2020).

A respeito dos meios de conhecimento das histórias de milagres da Serra do Feiticeiro, segundo os romeiros entrevistados, os meios de divulgação do local, que se baseiam em relatos de milagres e da simbologia do local (figura 41).

Figura 41: Como ficou sabendo da história de milagres da Pedra do Anjo?



Percebe-se a partir da figura acima que o maior vetor de comunicação sobre a história de milagres que ocorre na Serra do Feiticeiro se deu por meio de amigos (55%), em seguida os parentes (36%) foram os responsáveis por contar histórias sobre os milagres, por fim com 9%, outros meios, como a internet.

Como comenta Silva (2010), quando se remete a menina santa de Florânia/RN, comparando com o objeto de estudo desta pesquisa, a história deste “ser” considerado “Divino” tomou significação na medida em que foi sendo passada adiante, no sussurrar das conversas nas calçadas e nas narrativas moldadas por milagres. Milagres atribuídos à santa.

Tentamos contato com a Igreja Matriz de Lajes, pois foi dito pelos entrevistados que lá na serra ocorria a missa da Divina Santa Cruz, mas não foi possível concretizá-la em razão de suas ocupações com festejos locais, no entanto, foi dito que é visto que a população aponta um sinal de crença que levou populares a construir um local em que os devotos têm como sagrado, mas que a Igreja não confirma.

Salienta que é um sinal de crença que as pessoas veem, e a comunidade vai no dia três de maio fazer seus rituais religiosos e, faz um paralelo com o Padre Cícero, a Igreja não reconheceu como santo, mas o povo reconhece, paga promessa, vai ao encontro, vive o momento de peregrino e existe toda uma história como é sabido.

Segundo Farias (2013), as festas religiosas são cenários de manifestações espontâneas de grupos religiosos, por meio de rituais agradecem e homenageiam, é uma

tradição que mantém viva a memória de um povo. Na Serra do Feiticeiro, os cristãos católicos buscam manter vivo o ritual de devoção que lá existe há mais de um século.

Parte dos entrevistados vieram da região metropolitana de Natal, de municípios como Parnamirim e Macaíba, disseram que já tinham vindo em outras edições, entre os motivos estão a fé, o principal deles: pagar promessa alcançada ou mesmo fazer algum pedido. Entre os entrevistados que vieram de outros municípios, alguns tem sua naturalidade no município de Lajes, saíram do município jovens ou já adultos, mas que, quando possível, deslocam-se para romaria.

Como apresentamos, a Comunidade de Boa Vista, prepara-se com diversos festejos da cultura popular nordestina para receber o dia 3 de maio. Alves e Ramos (2007, p.41), argumentam que os festejos são teatros que encenam a movimentação de forma espontânea de um determinado grupo com suas expressões seguindo uma sequência de rituais com o viés de “agradecer, venerar, homenagear” o ser sagrado.

Segundo Oliveira et al (2020), os festejos possuem a condição de fornecer diversas energias, não apenas no âmbito religioso, mas também históricas, geográficas, sociais, convergindo para atração dos turistas.

A Geografia desempenha papel importante no que concerne na busca por compreender essa mobilidade religiosa nas dinâmicas espaciais em municípios que possuem a presença de símbolos religiosos e fomentam todos os anos movimentos populares de elevada dimensão financeira, com discursos, políticas públicas, romeiros, peregrinos e turistas (ROCHA ET AL, 2020).

Segundo Assunção (2015), o turismo é definido por aqueles que saem do seu lugar de origem e vão para o lugar do outro ou aquelas pessoas que vão apenas conhecer um determinado lugar e passam pouco tempo, até mesmo um dia e retornam a seu local de origem. De acordo com Rosendahl (1995), a movimentação sazonal de visitação dos lugares santos se associa à prática de peregrinação.

O Brasil exibe uma expressiva tradição com romaria e peregrinação, o que despertou estudos que visam analisar essas manifestações religiosas, “seus locais de devoção, eventos e celebrações religiosas” (ROCHA et. al., 2020).

Arnt (2006) discute a peregrinação como uma tríplice estrutura: um homem que percorre o mesmo itinerário; um propósito, escolhido por sua combinação com o sagrado; e por fim, a causa para achar-se com a realidade misteriosa e invisível.

O ideal de lugar sagrado se associa ao significado cultural do indivíduo ou grupo social religioso. Cada comunidade religiosa experimenta viver o lugar à sua maneira,

buscando edificar um determinado ponto para rever suas lembranças (ROSENDAHL, 2018).

Rosendahl (1995, p. 54), questiona: “Como explicar que uma localidade de duzentos habitantes receba numa festa religiosa a presença de sessenta mil pessoas?”. A autora aponta que tal fato reforça a ideia de que, com o turismo religioso, localidades ou comunidades, ainda que pequenas, mas com seu rito religioso estabelecido detém a capacidade de chamar atenção de pessoas de várias outras localidades.

Oliveira (2004), discute o turismo religioso não como de religiosos ou de religião, mas que atribui seus motivos à religiosidade, à cultura religiosa do indivíduo, dessa forma, independentemente do local em que se manifeste, zona rural com suas naturalidades ou urbana, em meios as festividades, como é visto em diversos lugares, é possível que exista um turismo religioso “com ou sem profissionalismo”.

Ainda para Farias (2013), o turismo religioso se dá em razão de aspectos religiosos que podem ter diversas formas, mas que sempre vai atender as expectativas de quem busca o contato com a divindade, refletindo em devoção e fé.

Dessa forma, é possível perceber que existem diversos elementos na cultura religiosa que demonstram a importância de estudar essa manifestação existente na Serra do Feiticeiro, símbolo da cultura local que rompeu as fronteiras da comunidade rural e alcançou fiéis em diferentes locais do Estado e até fora dele.

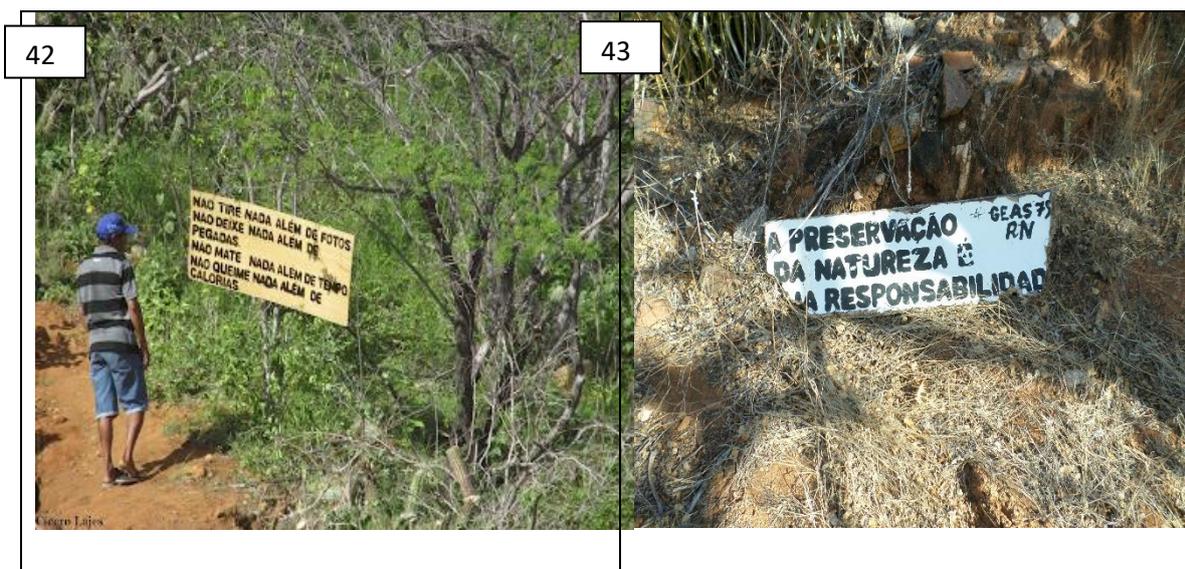
A partir do estudo de campo, acreditamos que assim como ocorreu em outros santuários que se firmaram a partir da adoração e popularização sertaneja, existe na Serra do Feiticeiro por meio da Pedra do Anjo e da capela da Divina Santa Cruz, com suas diversas práticas religiosas de devoção, um espaço religioso bastante visitado, atraindo pessoas de diversos lugares diferentes em nome da fé cristã, podendo se consolidar como um novo santuário no estado.

6 POTENCIALIDADES DA SERRA DO FEITICEIRO: turismo religioso e de aventura

Durante a coleta dos dados, foi possível perceber que os residentes locais conseguem perceber a importância da natureza em suas atividades cotidianas e na vida doméstica, sabem da importância e que se faz necessário cuidados no manejo da natureza local, a principal atividade econômica que é a agricultura, bem como, criação de animais, vegetação, controle de temperatura, o próprio geomonumento Serra do Feiticeiro necessitam que a natureza esteja bem conservada, são elementos como esses que denotam a importância da conscientização ambiental por parte dos moradores.

Inclusive, lá na Serra do Feiticeiro, no início da trilha, ainda é possível vermos placas com avisos aos romeiros e visitantes, reforçando a importância dos cuidados com o lugar, orientando quanto ao descarte apropriado do lixo e preservação do meio ambiente (figuras 42 e 43).

Figuras: 42, 43: Placas para conscientização dos visitantes e romeiros



Fonte: Blog do Cícero Lajes, 2017 (42); Autores, 2020 (43).

Esses avisos demonstram a sensibilidade com a organização e preservação do local por parte da comunidade, além do aviso existe consciência ambiental para a preservação do lugar, é possível achar uma ou outra garrafa que um ou outro joga, mas de modo geral, o local é limpo e muito bem organizado nessa questão.

Quando questionamos sobre as mudanças pelas quais passou a paisagem local ouvimos os seguintes relatos. O sr. F. A. C., de 73 anos, comentou que percebeu durante esse tempo de vida que ocorreu uma mudança na vegetação local com aumento da

algaroba, observou que durante os períodos de estiagem a vegetação perde parte das folhas e tudo fica mais “cinzento” e durante o período chuvoso a vegetação fica verde.

L. C. S. B., de 39 anos, cita que as mudanças principais que ocorreram na comunidade foram o aumento das casas, surgimento da energia elétrica, da internet; com relação ao clima, afirma que sempre ocorrem poucas precipitações o que deixa o clima mais seco, bem diferente do inverno, com as temperaturas mais baixas.

M. E. B., de 43 anos, sempre residiu na comunidade, quando questionamos sobre a feição da serra diz que não viu mudanças na fisionomia topográfica da serra, “*a serra nunca mudou*”, reitera a importância do meio ambiente, que dependem dele para a agricultura, criação de animais, prática que rege a renda da maioria das famílias da comunidade, além da produção de carvão vegetal, oriundo da madeira da algaroba e tudo isso só é possível por conta do meio ambiente.

Segundo os moradores, a paisagem lá de cima da serra é exuberante, fascina qualquer um que aventurar na subida, dá para ver a sede do município, o Pico do Cabugi, os carros passando na BR-304, alguns já foram até o topo. Existe ainda um sentimento de pertencimento por parte dos moradores da comunidade, que falam com muito orgulho do geomonumento.

A apropriação do lugar também é nítida em depoimentos como os de dona M. J. A., 60 anos: “*Tenho afeto pela serra, porque nasci e me criei aqui, é uma vista muito bonita, não penso em sair daqui da minha terra que é linda, apesar de seca*”.

Já dona M.N.L.A., 72 anos, comenta: “*Eu gosto muito, admiro muito essa serra, quando fala Serra do Feiticeiro é tudo pra mim. É muito importante para comunidade, [...] a comunidade em frente a Serra do Feiticeiro, é uma coisa muito interessante, abrir a porta e ver essa “serrona” na nossa frente além dos animais que se alimentam na serra*”

A.L.B.S., 42 anos, afirma: “*A serra é muito importante para comunidade e sente que a mesma é parte dela, sente apego por ela. Caso ela deixe de existir, seria muito triste, porque é uma tradição e também é a famosa Serra do feiticeiro*”. Percebe-se uma identidade entre a comunidade e a feição geomorfológica, desde que nasceram, a vista da serra é companheira cotidiana daquele povo e os caracteriza.

Ela continua, “*tem muitos sonhos ainda aqui, tem muitos turistas e muita visita na serra, só precisa cuidar e um investimento para melhorar mais, um ponto turístico mesmo sério*”.

Para J.B., 28 anos, *“a serra é parte minha, de todos. É importante porque é um marco turístico, porque tem a questão do menino aí, questão religiosa e o pessoal sempre tá indo”*. São muitos os discursos em defesa da serra, seu valor simbólico para os moradores, bem como seu potencial turístico religioso e de aventura, como apontam.

Além da paisagem vista da comunidade, a que se percebe lá do alto da serra também permite narrativas importantes para destacar o local, comenta J.B., que já subiu a serra e o que mais lhe chamou atenção foi: *“o nível da serra, os altos, os baixos, o perigo que tem que estar sempre atento”*. Para ele, a serra é repleta de potenciais.

A religiosidade é muito intensa por parte dos moradores, demonstrando os mais diversos simbolismos que a serra representa. L.D.B.L., 81 anos, diz que ao olhar para a serra, vem logo na cabeça: *“A Divina Santa Cruz”*. Apega-se a religiosidade que emana da feição geomorfológica.

Alguns moradores já conduziram visitantes, como conta M.E.B., 43 anos, ao dizer que estava em casa quando chegou um carro com alguns romeiros que tinham interesse de ir até a Capela da Divina Santa Cruz, mas que não sabiam como chegar até lá, ela então foi com eles até o local, contando como foi a história do evento religioso.

Apesar da devoção, fé e religiosidade, quando pessoas resolvem sair do seu local de origem em busca de lazer, religião ou negócios, sempre vai gerar algum tipo de consumo, seja eles pela prestação de serviço da atividade turística ligadas ao transporte, hospedagem e alimentação, itens necessários que são caracterizados por serviços turísticos (ARNT, 2006).

M.J.R., 50 anos, aponta o potencial do turismo religioso: *“a fé atrai muita gente pra cá”*, e acrescenta: *“já vem o pessoal, vem acampar na serra depois vem na minha cunhada, toma café, almoça, já gera renda”*. De acordo com o entrevistado, o pico da procura de turistas religiosos se dá apenas uma vez no ano, que se fosse estendido seria muito bom para comunidade, já os turistas que buscam acampar ainda podem explorar as trilhas da serra, seria outra importante alternativa de renda, atraindo mais visitantes, comentou.

O sr. L.N.L., de 40 anos, é conhecedor da serra, cria animais e sempre está por lá para recolher eles. Disse que vez por outra guia turistas, no entanto, não dispõe de curso, o que dificulta se firmar como guia turístico. Também aponta que não há por meio da prefeitura um projeto que vise qualificar pessoas da comunidade para o trabalho ou meios de divulgação que direcione turistas para a própria comunidade.

O sr. L.N.L., afirma que já foi muitas vezes na serra, que lá existe muita coisa interessante para o turista apreciar, a paisagem nem se fala, é um mirante natural que proporciona uma vista espetacular da vegetação, relevo da cidade de Lajes. Ainda tem a fauna e flora que são atrativos que podem ser utilizados para o turismo. Sugere que haja organização e apoio por parte do poder público “*a paisagem ta toda lá, ta faltando isso*” frisou. Ele disse que foi o primeiro guia do local, aí vieram o Genildo e depois o Cícero.

Os guias locais em atividade são moradores de Lajes, nos finais de semana, como atividade extra, eles recebem o público e os conduzem para a Comunidade de Boa Vista, caminho obrigatório até a serra e suas trilhas que vão desde a trilha sagrada da Pedra do Anjo e Divina Santa Cruz até as trilhas de aventura que levam ao topo da serra, em alguns casos até ocorre a prática do *camping*.

Na comunidade, os guias afirmam encontrar dois pontos de apoio que servem para garantir almoço, café da manhã e água para os turistas, são restaurantes improvisados em casa que permitem um melhor aproveitamento da aventura ou dos que vão em busca do culto religioso.

Segundo a sra. J.M.L.M., “*quando o turista vem sem ser pela questão religiosa vem caminhar, fazer trilha, acampar, fazer churrasco com a turma e vem almoçar aqui. Uma fonte de renda, um meio de ajudar no salário*”. Nesse caso ela frisa não ter relação com a religião porque no festejo religioso lá é um local que recebe devotos.

Ela ainda destaca o potencial turístico da serra, que já vem ocorrendo, mas ainda não há nada oficial. Que é preciso que haja uma mobilização do poder público para analisar a questão. Sobre as trilhas ela diz que: “*fazer trilha em cima da serra pras pessoas andarem*”. Como alternativa de haver disponibilidade de mais trilhas, atualmente existem três. A disponibilidade é pequena, visto o tamanho da serra. No entanto, pensar na proposta da entrevistada requer um estudo que aponte quais as melhores alternativas para um bom relacionamento do turismo e meio ambiente caso se faça necessária aberturas de trilhas.

O guia turístico C. B. E. S. 36 anos, com formação superior, aponta viabilidade do local como detentor de forte potencial turístico na região, para ele o fato de ter disponíveis hoje dois restaurantes caseiros, além de favorecer a permanência do turista por mais tempo ainda reforça a renda graças aos grupos de turistas que visitam a serra em busca de aventura e da religiosidade.

O turismo religioso não se pauta apenas em cultos religiosos, Da Silveira (2004), parafraseando Felipe (2001), cita que o turismo religioso deixa de ser apenas manifestação de fé e religiosidade e passa na contemporaneidade a ser um elo de “espetáculos artísticos, culturais e turísticos”, corroborando uma sociedade atual consumista.

Dos impactos gerados pelo turismo religioso destacam-se no âmbito econômico: a geração de emprego, reconhecimento cada vez maior do local; no âmbito social, melhorias na infraestrutura e aumento da qualidade de vida da comunidade local; no âmbito cultural, valorização do artesanato e cultura local; no ambiente ambiental, educação e conservação ambiental (SILVA, 2014).

O guia C. B. E. S. comenta que se houvesse no local uma estrutura adequada seria viável exposição de artesanato, a possibilidade de pousadas rurais, passeio a cavalo, condutores locais da própria comunidade.

Cita que são três as trilhas utilizadas durante os passeios: a da Divina Santa Cruz e Pedra do Anjo, a da goelinha (pelo meio da serra), e do cânion. Com relação à demanda, afirmou que: “*Só nesse ano já teve uns 500 turistas, fora os que vão sozinhos e os que já estão acostumados, levam outros*”. Essa procura elevada demonstra a importância que o local vem ganhando no cenário turístico potiguar.

Durante o passeio apresenta dados da história local, fauna e flora apresentando algumas plantas da caatinga, um pouco da geologia, da história da mina. Os *canyons*, que ficam na última trilha mais ao sul da serra, nos limites com o município de Cerro Corá, guardam pinturas rupestres e existe uma grande probabilidade de encontrar materiais líticos.

As trilhas são definidas por bate e volta em finais de semana ou em dias marcados, em alguns casos os turistas fazem camping. Ainda segundo o referido guia, a instalação de um parque eólico bem próximo ao *canyon*, vem dificultando o acesso ao local. Com a expansão dos parques eólicos no interior, as serras passaram a estar na mira desse segmento.

Atualmente é crescente a demanda por energias renováveis. Apesar de ser vista como energia limpa quando comparada com as demais fontes energéticas em uso, a instalação de parques eólicos causa impactos socioambientais negativos. Desde o processo de produção dos aerogeradores até sua instalação e descarte dos materiais utilizados no empreendimento (MARINHO et al, 2021).

O avanço dos parques eólicos chegou às encostas e topos de serras, que por sua vez são Áreas de Preservação Permanente. A paisagem se configura por um agrupamento de ambientes de vales e serras, como é o caso da Serra do Feiticeiro (MARINHO et al, 2021).

A paisagem é de eminente beleza cênica, em especial a Serra do Feiticeiro e Serra da Arara, apresentam formações rochosas com presença de pinturas rupestres, o que provoca atração de turistas e aventureiro para esses locais em busca de contato com a natureza, apreciação dos animais e contemplar a natureza. Salienta-se que essas serras ainda abrigam espécies em extinção, como espécies de gato do mato, por exemplo, entre outras (MARINHO et al, 2021).

A instalação de um parque eólico na porção sul da serra, já nas imediações da divisa do município de Lajes com o município de Cerro Corá, acabou implicando no uso de trilhas que levam até o *canyon*, uma vez que existe uma área delimitada em torno dos parques, o que acaba por impedir o livre acesso dos turistas até esse ponto turístico e histórico local, como foi dito pelo guia C. B. E. S.

Segundo o guia C.B.E.S., vão para o local, ônibus com turistas, algumas empresas conversam com eles, já que as redes sociais desses guias são utilizadas como propaganda, buscam informação sobre o local, as trilhas, a história religiosa, e os turistas quando vêm, querem também conhecer como ocorreu todo aquele simbolismo religioso, a própria empresa já vem dizendo o que vão encontrar na serra, que também é uma das trilhas que os guias utilizam para o turismo na serra.

O guia turístico J.A.M.S., 30 anos, com formação superior, fala da importância da divulgação da potencialidade turística da serra, hoje fica mais fácil a divulgação em razão das mídias sociais, programas de TV que foram ao local gravar, bem como a boca a boca de quem já foi e recomenda o lugar ao voltar para seus locais de origem.

Fala que se tornou guia a partir de um grupo trilheiros que fazia parte e que subiam a serra por diversão. Realça que os potenciais turísticos se dão na esfera do religioso, aventura, turismo pedagógico e rural, por meio das vivências do homem do campo ou passeios a cavalo.

J.A.M.S., afirma que o turismo no local é viável, vão famílias com 5 ou 6 pessoas, às vezes, vêm grupos com agências de turismo, que mesmo tendo guia, eles não conhecem a região e acabam contratando um guia local que faz o acompanhamento, o que permite maior fluxo de pessoas.

Ele continua dizendo que no início não tiveram apoio da prefeitura, era uma atividade que não era vista pelo governo municipal. A atividade começou informal e aos poucos quando foi ganhando dinamismo chamou atenção do poder público que está passando a incentivar o município no caminho do turismo. A prefeitura está dando entrada na documentação para ser reconhecida oficialmente como cidade turística, mas é um processo muito burocrático que se espera que seja resolvido em breve.

Com um manejo adequado, buscando equilíbrio com o meio ambiente, sem degradação, já que o turista quer ver aquele ambiente preservado e sem preservação não vamos ter ambiente e nem turista. É possível desenvolver atividades ligadas ao ecoturismo, os moradores da Comunidade de Boa Vista também vislumbram esse potencial do local, absorvendo a ideia de preservação do meio ambiente, pois sabem que vai ser muito importante para a renda.

Na comunidade não existem guias, os que existem hoje, estão em Lajes, são um grupo de amigos que quando um não pode ir, vai o outro, pensa-se na possibilidade de trabalhar alguém da comunidade para também atuar como guia. Quanto à procura pelos turistas, buscam inicialmente o contato com a natureza, sejam o ecoturismo e aventura. A questão religiosa acaba entrando muitas vezes por tabela, já que é uma das trilhas que fazem parte do percurso. Escolas também frequentam levando alunos.

Os blogs são ferramentas importantes para divulgação do local, entre os blogs que merecem destaque elencamos o Blog do Cícero Lajes, Blog Serra do Feiticeiro, Blog Lajes do Cabugi, alguns blogs de visitantes também divulgam suas experiências na serra do feiticeiro, como é o caso do Blog GEOTRILHAS/RN, inclusive, programas de televisão também já divulgaram o local, reafirmando seu potencial turístico.

Esses relatos direcionam nosso pensamento na alternativa que os próprios moradores apontam como possível solução para propiciar renda para os moradores da comunidade, bem como também reforçar a renda do município, pois todos podem ganhar.

A Serra do Feiticeiro já é bastante divulgada como: “um ponto turístico da cidade de Lajes/RN com bastantes histórias” (SILVA; BERNADINO, 2018). A prefeitura atualmente dispõe de um inventário turístico que destaca o dia 3 de maio como o feriado da Divina Santa Cruz (Serra do Feiticeiro), nele a Serra do Feiticeiro é apontada como um atrativo natural do município, bem como a Pedra do Anjo (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJES, 2019, p. 34).

Destaca a Serra do Feiticeiro como um ponto turístico que merece ser explorado em razão das “crendices” que existem no local, desde a “lenda” do índio Pajé que fugiu dos

colonos portugueses se refugiando na serra, segundo contam os moradores locais, a história da capelinha e seu simbolismo religioso (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJES, 2019, p. 34).

A Pedra do Anjo e sua história secular que atrai centenas de fiéis todo dia 3 de maio, feriado municipal, que é marcado por celebração religiosa e peregrinação, outro atrativo da Serra do Feiticeiro (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJES, 2019, p. 35).

O turismo religioso exerce um complexo empreendimento que envolve vertentes religiosas, sociais, culturais, políticas e econômicas, repercute possibilitando mudanças significativas para o desenvolvimento e nos relacionamentos sociais nas comunidades em que se vincula (LIMA; VAN DEN BERG, 2015).

Os moradores acabam apontado como foi possível perceber que a Serra do Feiticeiro apresenta um enorme potencial turístico e eles já perceberam isso há algum tempo, carecem de medidas governamentais que propiciem uma estruturação do local para que possam atender uma demanda maior de turistas, bem como preparar a comunidade para receber essas pessoas, pois é uma fonte de renda para aquele povo.

É necessário que haja um planejamento na gestão do turismo visando sua sustentabilidade em todos os âmbitos: econômico, social, cultural e ambiental, pois os turistas, peregrinos, romeiros e demais visitantes de santuários, com causas diferentes, que se deslocam de seus locais de origem, partem dependendo das ofertas do destino turístico (Silva, 2014).

Em conversa com a Secretaria Municipal de Turismo Desenvolvimento Econômico e Recursos Minerais do município, o secretário, o senhor Adeilson Fernandes, afirmou que a data de 3 de maio é um feriado municipal instituído por lei, e que a Serra do Feiticeiro em razão da Capela da Divina Santa Cruz e Pedra do Anjo, recebem muitos visitantes religiosos.

Também enfatizou a importância da trilha, da crença popular e religiosidade, aventuras nos passeios da serra e que existe em pauta um projeto em fase final de planejamento, de autoria da Secretaria de Turismo, para transformar Lajes em uma cidade turística. Em razão da pandemia, não foi possível dar início aos trabalhos de divulgação da serra e dos seus potenciais. Que estão buscando manter uma parceria com o Instituto Federal do Rio Grande do Norte-IFRN, para oferecer um curso de capacitação para os moradores da comunidade.

É preciso lembrar que a Serra do Feiticeiro não é um espaço público, talvez seja um empecilho para melhorar a estrutura do acesso à capelinha e à Pedra do Anjo, bem como

transformar a capelinha em um templo que possa abrigar seus devotos, propiciando uma maior procura durante o ano, como ocorre em outros locais no Estado.

Diante do exposto, é notória a importância que a Serra do Feiticeiro exprime em seu contexto local e regional, além de abrigar um importante símbolo religioso local, que atrai centenas de pessoas a cada dia 3 de maio, oriundos de locais distintos e permitir que possa ser explorada pelo turismo de aventura, garantido pela sua formação geomorfológica.

A própria comunidade percebeu esse potencial que a serra pode desempenhar, permitindo que haja renda para comunidade que enfrenta êxodo rural com a população mais jovem, a necessidade de capacitação dos residentes é fundamental para que possam receber e prestar um trabalho capaz de atrair mais visitantes.

Podem ser pensados dois vieses de turismo: de aventura e o religioso, também existe a possibilidade de utilizar o espaço para aulas de campo através dos centros educacionais de ensino superior e mesmo da rede básica de ensino, tamanha a riqueza natural que podem ser encontradas no geomonumento.

Os impactos positivos que podem ser advindos com a procura pelas atividades oferecidas na Serra do Feiticeiro, vão propiciar grande impulso não apenas para a comunidade, mas favorecerá também ao comércio de Lajes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se a partir dos relatos de romeiros e moradores da comunidade que as frequências das visitas ao local não se fixam apenas no dia 3 de maio, mas durante todo o ano, mesmo que sejam grupos isolados, o que demonstra que há procura de religiosos que se dirigem de seus locais de origem para a Serra do Feiticeiro recorrentemente.

Conseguimos localizar pelo menos cinco pessoas que alegam ter alcançado graças por meio da Divina Santa Cruz e da Pedra do Anjo, ou seja, milagres, reforçando a ideia de ser um “espaço sagrado”. Entretanto, é importante frisar que embora não fossem encontrados devotos que admitissem graças, o local ainda sim seria considerado sagrado em decorrência de toda devoção cultural destacada no lá. Além da disseminação boca a boca dos relatos de milagres, as redes sociais passam a serem aliadas importantes na divulgação, desde depoimentos que são compartilhados até a apresentação do local como santo, chamando a atenção de outras pessoas.

Nos dias atuais, a renda da comunidade está diretamente ligada à atividades como: agricultura, criação de animais, produção de carvão vegetal, entretanto as irregularidades pluviométricas acabam dificultando o desenvolvimento dessas atividades de modo geral.

Corroborando com Silva e Gurgel (2021), existe na Serra do Feiticeiro potenciais turísticos que são vistos como um reforço na renda da Comunidade Boa Vista convergindo de forma positiva na economia do município, desde que as autoridades locais adotem medidas que favoreçam melhorias na estrutura local, divulgação e qualificação do pessoal para guiar e acolher os turistas.

A partir da análise dos discursos de moradores da comunidade, romeiros, guias e secretário de turismo do município de Lajes, a partir do estudo de campo, percebe-se que a serra apresenta possibilidades de turismo religioso e de aventura, apontando-se como um importante ponto turístico do município e no Estado do Rio Grande do Norte.

Dessa forma, é o turismo local, desde que com a inserção da comunidade no processo de desenvolvimento e gestão, concordando com a consciência da necessidade de preservação ambiental, alternativa para levar renda aquelas famílias que, assistem seus filhos ou parentes indo embora da comunidade por não ter trabalho.

No entanto, é preciso um estudo adequado que aponte as melhores alternativas para utilização do local, sem pôr em risco a segurança ambiental daquele ecossistema, uma vez que a preservação ambiental da Serra do Feiticeiro é fundamental para a continuidade dessas atividades.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Azis Nacib. **Os domínios da natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

ALVES, Maria Lucia Bastos; RAMOS, Silvana Pirillo. Turismo religioso do Rio Grande do Norte: a múltiplas faces dos “encontros” no Sertão do Seridó. **Revista Hospitalidade**, ano IV, n. 2. São Paulo: 2007. P. 35-50. Disponível: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/download/231/247>. Acesso em: 22 jan 2022

ANTUNES, Maria Rayssa Vieira; RIBEIRO, Simone Cardoso. Etnogeomorfologia Sertaneja: saberes tradicionais da agricultura familiar sobre os processos morfoesculturadores da paisagem e o seu uso e manejo do solo no município de Jardim-CE. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 35, n. 4, 2018. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Etnogeomorfologia+sertaneja%3A+saberes+tradicionais+da+agricultura+familiar+sobre+os+processos+morfoculturadores+da+paisagem+e+o+seu+uso+e+manejo+d+o+solo+no+munic%3ADpio+de+Jardim-CE&btnG=. Acesso em: 01 ago 2021.

ARNT, Lionara. **Peregrinação x turismo religioso: um estudo de caso no Santuário de Azambuja – Brusque, SC**. Dissertação (Mestrado em Turismo e hotelaria). UNIVALI, 2006. 126p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp045020.pdf>. Acesso em: 22 jan 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, 453p.

ASSUNÇÃO, Jaquelyne Santos de et al. A ATUAÇÃO DO GUIA DE TURISMO NO DESTINO TURÍSTICO RELIGIOSO EM SANTA CRUZ (RN). **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 11 n° 25 v.e.– 2015 ISSN 1809-3264. Disponível em: http://spa.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/zquerubim_25_ve.pdf#page=50. Acesso em: 28 abr 2021.

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**, v. 17, n. 4. Campo Grande: 2016. Disponível em: [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4\(15\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4(15)). Acesso em: 15 jan 2022.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, 2004. Acessado em: 18 jul 2020, disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>.

BEZERRA, Gleydson Rubens de Farias *et al.* **Geomorfologia da Serra do Feiticeiro em Lajes/RN**. Revista de Geociências do Nordeste, v. 2, p. 22-32, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revistadoregne/article/view/10420/7370>. Acessado em: 19 nov 2020.
BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [Constituicao-Compilado \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/constituicao-Compilado). Acesso em: 03 de abril de 2022.

BRASIL. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Lei 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: [L9985 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/leis/L9985).

BRILHA, J. Inventory and Quantitative Assessment of Geosites and Geodiversity Sites: a Review. **Geoheritage**, v. 8, n. 2, p. 11-134, 2016.

BRILHA, J. Património geológico e geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage Editores, 2005. Disponível em: http://www.dct.uminho.pt/docentes/pdfs/jb_livro.pdf

CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, v. 15, n. 30, p. 34-45, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/14252/13053>. Acesso em: 11 ago 2020

CASTRO, A. R. S. F.; MANSUR, K. L.; CARVALHO, I. S. Reflexões sobre as relações entre geodiversidade e patrimônio: um estudo de caso. *Terr@ Plural*, v. 12, n. 3, 2018. P. 383-403. Disponível em: <https://revistas.apps.uepg.br/index.php/tp/article/view/12067>.

CAVALCANTE, Rogério et al. **Metalogenia das Províncias Minerais do Brasil: Área Seridó-Leste, extremo nordeste da Província Borborema (RN-PB), estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba**. CPRM, 2016. Disponível em: <http://dspace.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/17659>. Acesso em: 20 jan 2022.

CAVALCANTI, Ely Brasil de Arruda Luna. **Ocorrência de quartzito verde esmeralda no município de Lajes/RN e sua viabilidade como rocha ornamental**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/5050/1/arquivo3332_1.pdf. Acesso em: 05 jan 2022.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Geomorfologia**. Editora Blucher, 1988.

CONTI, José Bueno. Geografia e paisagem. **Ciência e Natureza**, v. 36, n. 3, p. 239-245, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/view/13218/pdf>. Acessado em: 18 jul 2020.

COSTA BRAGA, Antônio Mendes da. A subida do Horto: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. **Debates do NER**: ano 15, nº 25. Portalegre: 2014. P. 197-214.

COSTA, Otavio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e cultura**, n. 15. NEPEC, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7731>. Acesso em: 12 jan 2022.

CPRM. **Diagnóstico do município de Lajes**. Recife: 2005. 22p. Disponível em: https://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/17008/rel_lajes.pdf?sequence=1. Acesso em: 05 jan 2022.

CRESWELL, John w. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Diego Martins da. Geografia da religião, fé evangélica e espaço. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-17, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/55709>. Acesso em: 15 jan 2020.

DA SILVEIRA, Emerson J. Sena. Turismo religioso popular? Entre a ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado. **Antropología Experimental**, n. 4, 2004. Disponível em: <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/rae/article/view/2098/1841>. Acesso: 18 mai 2021.

DANTAS, Maria Isabel. **Do monte à rua: cenas da festa de Nossa Senhora das Vitórias**. Natal: IFRN, 2008. 264 p. il. Color. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=DANTAS%2C+Maria+Isabel.+Do+monte+%C3%A0+rua%3A+cenas+da+festa+de+Nossa+Senhora+das+Vit%C3%B3rias+%2F+Maria+Isabel+Dantas.+_+Natal%3A+IFRN%2C+2008.+264+p.+il.+Color.&btnG=. Acesso: 01/08/2021.

DE JESUS SANTOS, Magno Francisco. “Perto do céu... numa nave espacial”: reforma devocional e turismo religioso no Santuário do Lima (Patu-RN, 1936-1979). **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. DOI – 10.5752/P.2175-5841.2018v16n49p107-135. Acesso em: 28 abr 2021.

DE MORAIS, Marluce Lima. Lamentos que encantam: as incelências e a religiosidade piauiense. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH**. São Paulo, 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856710_9522d156df5e31ce55420d1c639bd359.pdf. Acesso em: 31 jul 2021.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F., FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil. NUPAUB, São Paulo, 1999.

DIEGUES, Carlos Antonio. **As populações humanas em áreas naturais protegidas da Mata Atlântica**. Centro de Culturas Marítimas, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Areas Umidas Brasileiras, Universidade de São Paulo, 1996. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/ConflitosnaMataAtlantica.pdf>. Acesso em: 04 ago 2020.

ELIADE, Mircea. **Ferreiros e Alquimistas**. Aliança Editorial, S. A., Madrid: 1992. Disponível em: <https://cld.pt/dl/download/7c48f2f9-c927-415f-9631-ac246ae7c0ce/Mircea-Eliade-Ferreiros-e-Alquimistas.pdf>. Acesso em: 22 dez 2021.

ELIADE, Mircea. História das crenças e das ideias religiosas I – da idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/19958863/Historias_da_crenças_e_ideias_religiosas_Da_idade_da_Pedra_ao_misterios_de_Eleusis_Mircea_Eliade. Acesso em: 10 jan 2022.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAGGIONATO, S. Percepção ambiental. *Materiais e Textos*, n. 4, 2005. Disponível em: http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html. Acesso em: 03 abr. 2022.

FALCÃO, Márcia Teixeira; RUIVO, Maria de Lourdes Pinheiro; BESERRA NETA, Luiza Câmara; COSTA, José Augusto Vieira. Etnoconhecimento ecológico dos Ingarikó sobre o geoambiente da terra indígena Raposa Serra do Sol – Uiramutã/ Roraima. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*: Taubaté, SP, 2017. V. 13, n. 1, p. 247-267.

FARIAS, Mayara Ferreira de. **Turismo Religioso na Cidade da Santa: a percepção da comunidade sobre a construção do Complexo Turístico e Religioso Alto de Santa Rita, Santa Cruz/RN**. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18157/1/MayaraFF_DISSERT.pdf Acessado em: 28 abr 2021.

FARIAS, Paulo Lucas Cândido de; CORRÊA, Antonio Carlos de Barros; RIBEIRO, Simone Cardoso. História do pensamento da Etnogeomorfologia no Brasil: uma análise da origem do conceito e possíveis aplicações. *Entre Lugar*, v. 11, n. 22. 2020. P. 14-39.

FIGUEIRÓ, Adriano Severo; VIEIRA, António; CUNHA, Lúcio. Patrimônio geomorfológico e paisagem como base para o geoturismo e o desenvolvimento local sustentável. **CLIMEP** -

Climatologia e Estudos da Paisagem, 8, 1, 49-81, 2013. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/handle/1822/34880>. Acesso em: 30 jul 2021.

FRANÇA, Ary. Novas diretrizes em geografia humana. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 5, p. 3-11, 2017. Disponível em: <https://agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1396/1254>. Acesso em: 11 ago 2020.

GRAY, M. *Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature*. 2 ed. Wiley Blackwell, UK, 2013.

GRAY, M. *Geodiversity: Valuing and Conserving Abiotic Nature*. England: John Wiley & Sons, Chichester, 2004.

GURGEL, Silvana Praxedes Paiva. **Evolução morfotectônica do Maciço Estrutural Pereiro, Província de Borborema**. Tese (Doutorado em Geodinâmica e Geofísica). UFRN: Natal, 2012. 189p.

HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. 334 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149928/001007747.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 jan 2022.

LIMA, Lerbentes Neres de; VAN DEN BERG, Irene de Araújo. **Agentes, identidades e sociabilidades do Turismo Religioso nos santuários de Cunhaú, Uruaçu e Santa Rita de Cassia no RN**. Iniciação Científica (Graduação em Ciências da Religião). UERN: 2015.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Erika Vanessa. A pesquisa qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 37, p. 27-55, 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708/3618>. Acesso em: 18 dez 2021.

LOPES, Vanessa Martins. RIBEIRO, Simone Cardoso. **Etnogeomorfologia e paisagem**. *Revista de Geociências do Nordeste*, v. 2, p. 212-220, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revistadoregne/article/view/10443/7389>. Acessado em: 17 jul 2020.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. Cap. 1. p. 9-28.2021.

MACHADO, Ricardo Matos. Potencialidades para o desenvolvimento do geoturismo no Município de Itapipoca (CE). 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40940>.

MAIA, Rúbson Pinheiro; BEZERRA, Francisco Hilário Rego; SALES, Vanda Claudino. Geomorfologia do Nordeste: concepções clássicas e atuais acerca das superfícies de aplainamento nordestinas. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 27, n. 1. Esp, p. 6-19, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/228857/23268>. Acesso em: 20 jan 2022.

MANSUR, K. L. Patrimônio Geológico, Geoturismo e Geoconservação: uma abordagem da geodiversidade pela Vertente Geológica. In: Antonio José Teixeira Guerra; Maria do Carmo Oliveira Jorge. (Org.) *Geoturismo, Geodiversidade e Geoconservação: abordagens geográficas e geológicas*. 1 ed. São Paulo: Oficina dos Textos, 2018. Volume único, p. 1-49.

MARINHO, Paulo Henrique; MENA, Juan Carlos Vargas; FONSECA, Marina Antongiovanni da; PICHORIM, Mauro; VENTICINQUE, Eduardo Martins; PAIXÃO, Virgínia; OLIVEIRA, Damião Valdenor de. O vento levará nossa biodiversidade? Parques eólicos ameaçam áreas prioritárias para a conservação da Caatinga no Rio Grande do Norte. **O Eco**: [S.I.], 2021. 20p. Disponível em: <https://oeco.org.br/analises/o-vento-levara-nossa-biodiversidade/>. Acesso em: 03 jan 2022.

MATTAR, Fauze N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

NASCIMENTO, M. A. L., RUCKHYS, U. A.; MANTESO-NETO, V. Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. Sociedade Brasileira de Geologia, 2008.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. Aos pés da virgem azul: notas sobre simbolismo, sincretismo religioso e tradição no Paraguai. **Revista de ciencias humanas**, v. 54. UFSC: Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/63235/47092>. Acesso em: 20 jan 2022.

NIMER, Edmon. Climatologia do Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1969. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81099.pdf>. Acesso em: 20 jul 2021.

OLIVEIRA G. P.; TAVARES, B.A.C; CORRÊA, A.C.B. análise morfotectônica do alto estrutural de Lajes, Nordeste do Brasil. XII SINAGEO. Crato: 2018. Disponível em: <https://www.sinageo.org.br/2018/trabalhos/1/1-85-1650.html>. Acesso em: 29 dez 2021.

OLIVEIRA, Christian Denis Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; CAVALCANTE, Tiago Vieira; SOUZA, José Arilson Xavier de. O santuário: dimensões geográfica, religiosa e turística de análise in **Geossantuários [recursos eletrônico]: metodologias e dinâmicas festivas**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2020. 145p.

PEULVAST, Jean-Pierre CLAUDINO-SALES, Vanda.. Evolução morfoestrutural do relevo da margem continental do Estado do Ceará, Nordeste do Brasil. **Caminhos de Geografia**, v. 8, n. 20, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJES. **Geografia**. Endereço eletrônico: Acesso 2022. Disponível em: <https://lajes.rn.gov.br/geografia/>. Acesso em: 19 jan 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJES. **Imagem oficial do dia 03 de maio prefeitura municipal de Lajes, RN**. Disponível em: <https://lajes.rn.gov.br/preparativos-para-subida-a-capela-da-divina-santa-cruz/>. Acesso em: 15 jan 2022.

RETONDAR, Patrícia Teles Ribeiro. **A morte ao longo do caminho: reflexões da religiosidade popular presentes nas práticas mortuárias referentes às cruzeiras e memoriais de beira de estrada do interior paraibano**. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões). João Pessoa: 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19351/1/Patr%20TelesRibeiroReto%20Dissert.pdf>. Acesso em: 28 abr 2021.

RIBEIRO, Simone Cardoso, LOPES, Vanessa Martins; SILVA, Osvaldo Girão da & CORRÊA, Antônio Carlos de Barros. **ETNOGEOGRAFIA – RELAÇÕES ENTRE POPULAÇÕES**

TRADICIONAIS E PAISAGEM FÍSICA. Revisões de Literatura da Geomorfologia Brasileira. 2020. P. 890-913, livro, p.: 1030.

RIBEIRO, Simone Cardoso. Etnogeomorfologia na Perspectiva da Gestão Ambiental e Aprendizagem na Educação Básica. **Espaço aberto**, PPGG – UFRJ: 2016, v. 6, n. 1. P. 175-190.

RIBEIRO, Simone Cardoso. Etnogeomorfologia sertaneja - Estudo dos conhecimentos dos produtores rurais do Sítio Canabrinha, distrito de Palestina do Cariri–Mauriti/CE acerca dos processos morfodinâmicos. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeeducacionais**, v. 6, n. 2, p. 103-112, 2015.

RIBEIRO, Simone Cardoso. Etnogeomorfologia sertaneja– estudo dos conhecimentos dos produtores rurais do sítio Canabrinha, distrito de palestina do Cariri–Mauriti/CE acerca dos processos morfodinâmicos. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeeducacionais**, v. 6, n. 2, p. 103-112, 2015.

RIBEIRO, Simone Cardoso. **Etnogeomorfologia sertaneja: proposta metodológica para a classificação das paisagens da sub-bacia do rio Salgado/CE**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2012. 278 p.

ROCHA, Canindé. **03 de Maio Feriado Municipal em Lajes >> Dia de visitar a Capela da Divina Santa Cruz**. BLOG LAJES CABUGI. Endereço eletrônico:2016 Disponível em:<https://professorcaninderocha.blogspot.com/2016/05/03-de-maio-feriado-municipal-em-lajes.html>. Acesso em: 22 jan 2022.

ROCHA, M. DA S.; BARBOSA, J. M. O hipertotem Santa Rita de Cássia na dinâmica paisagística do turismo em Santa Cruz/RN. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas**, v. 1, n. 31, p. 372-395, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/9880>. Acesso em: 28 abr 2021.

RODRIGUES, Marcel Henrique. Algumas considerações sobre o estudo da simbologia religiosa. **Percursos Acadêmicos**, Artigos discentes, v. 2, n. 3. PUCMINAS: 2012. Disponível em:<http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/3524/10349>. Acesso em: 23 jan 2022.

ROMÃO, José Manuel. Patrimônio geológico no litoral de Peniche: geomonumento a valorizar e divulgar. **GEONOVAS**, n. 22. 2009. P. 21-33. Disponível em: http://repositorio.lneg.pt/bitstream/10400.9/1050/1/Rom%c3%a3o_Geonovas22_p21.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e religião - uma proposta. **Espaço e cultura**, v. 1. NEPEC, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38184>. Acesso em: 20 jan 2022.

RUIZ, Castor Bartolome. Os paradoxos do imaginário. Coleção Focus. **Editora Unisinos**, 2 ed. Rio Grande do Sul: 2015. 196p. Disponível em: <https://www.edunisinos.com.br>. Acesso em: 20 dez 2021.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção/Milton Santos. - 4. Ed. 2. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. – (Coleção Milton Santos; 1).

SHARPLES, C. **Concepts and Principles of Geoconservation**. Documento em PDF disponibilizado na Tasmanian Parks & Wildlife Service website, 2002. Disponível em:<<http://www.parks.tas.gov.au/geo/conprin/define.html>>. Acesso em: 01 ago 21.

SILVA, Albery Lúcio da. **Com quantas ave-marias se faz uma santa? Relicário de vozes sobre a santa menina.** 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/18334>. Acesso em: 20 jul 2021.

SILVA, Cícero Batista Eleutério da. 03 de maio – romaria da capela da Divina Santa Cruz. Blog Cícero Lajes, Lajes, 04 de maio de 2018. Disponível em: <http://cicerolajes.blogspot.com/2018/05/3-de-maio-romaria-da-capela-da-divina.html>. Acesso: 29 abr 2021.

SILVA, Cícero Batista Eleutério da. Trilha no Cânion da Serra do Feiticeiro. Blog Cícero Lajes, Lajes, 16 de abril de 2021. Disponível em: <http://cicerolajes.blogspot.com/2021/04/canion-da-serra-do-feiticeiro-11-e.html>. Acesso em: 01 ago 2021.

SILVA, E. O; GURGEL, Silvana Praxedes de Paiva. A TRILHA DA DEVOÇÃO: O PERCURSO DA RELIGIOSIDADE NA SERRA DO FEITICEIRO. **Marcelo Taveira Gabriela Bon (Organizadores)**, p. 51, 2021.

SOUZA, Zorano Sergio de, et al. The tectonic evolution of Cenozoic extensional basins, northeast Brazil: Geochronological constraints from continental basalt 40Ar/39Ar ages. **Journal of South American Earth Sciences**, v. 48, p. 159-172, 2013.

SZILAGYI, Gustavo. Diagnóstico ambiental do processo de desertificação no município de Lajes/RN. Dissertação (mestrado em Geografia). UERN. Natal: 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/18845/1/GustavoS.pdf>. Acesso em: 31 jul 2021.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.
UFES. Etnogeomorfologia: Saberes tradicionais e classificação da paisagem. Lamosa: UFES, 25 de novembro de 2021. 2h17m42s. [LIVE]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNx7ZROQM-4>. Acesso em: 20 mar. 2022.

UNESCO. Basic texts of the 1972 World Heritage Convention. Paris: UNESCO- World Heritage Centre, 2005.

UNESCO. Convenção para o patrimônio mundial, cultural e natural. Paris: Unesco, 1972.

VAN DEN BERG, Irene. Santos Locais: cartografia das devoções no Rio Grande do Norte. **EDUERN**. Mossoró: 2021. 86 p.

VAUCHEZ, André. A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII) / André Vauchez; tradução Lucy Magalhães. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. 204 p. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxiW5lbWFtZWVpZjZhbHxneDo2ZjNjM2JiNzI3NDExODcw>. Acesso em: 11 jan 2022.

APÊNDICE A- Roteiro de entrevista com romeiros do dia 03 de maio

Percepção ambiental e religiosidade:

Bloco 1:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Ocupação:

- 1) Qual o seu município de origem? Lajes Comunidade Boa Vista outro município Qual?
- 2) Vem todos os anos para a romaria da Pedra do Anjo? Sim Não ()
- 3) Acredita em milagres? Sim Não ()
- 4) Conhece alguém que já alcançou uma graça através da Pedra do Anjo? Sim Não () Se sim, quem e onde mora?
- 5) Ficou sabendo da história de milagres da Pedra do Anjo por parentes, amigos, ou por outro meio? Parentes Amigos outro Qual?
- 6) Já deixou algum objeto que simbolizasse alguma cura?

Bloco 2:

- 7) Por qual motivo você sobe a serra?
- 8) Você acredita que subir a serra ajuda a alcançar a graça que deseja? Sim Não ()
- 9) Se não pudesse vir a romaria e subir a serra, mudaria alguma coisa para você? Sim Não ()
- 10) Até onde já subiu a serra? Até a capela Até a Pedra do Anjo Ambos ()
- 11) Quando você sobe a serra observa a natureza ao seu redor? Sim Não ()
- 12) Para você a vegetação durante a subida muda alguma coisa? Sim Não ()
- 13) O que você acha do acesso até a capela e a pedra do anjo por meio da trilha?

Bloco 3:

- 14) Você já observou a presença de pedras nos túmulos ou cruzeiros? Sim Não ()
- 15) Sabe por que as pessoas põem pedras sobre as árvores ou sobre a Pedra do Anjo? Sim Não ()
- 16) Para você pôr as pedras em cima das árvores durante o percurso ou em cima da Pedra do Anjo, tem importância? Sim Não () Porque?
- 17) Qual a sua opinião sobre o significado deste costume?
- 18) Você sabia que esse costume provém da cultura judaica, absorvida pelos cristãos católicos? Sim Não ()
- 19) Para você a paisagem torna mais especial esse simbolismo religioso que existe na Serra do Feiticeiro?

APENDICE B – Roteiro de entrevista com o Secretário de Turismo de Lajes/RN**Roteiro de entrevista com o Secretário de Turismo de Lajes/RN**

Nome da Secretaria:

Nome do Secretário:

Idade:

Formação:

Quanto tempo no cargo:

- 1) Quais os pontos turísticos do Município de Lajes-RN?
 - 2) Existe alguma lei que regulamenta os pontos turísticos do município?
 - 3) Qual a distância da sede do município até a comunidade de Boa Vista e a Serra do Feiticeiro?
 - 4) O município reconhece potencial turístico religioso na Serra do Feiticeiro? Por que?
 - 5) O município acredita que existe potencial turístico na Serra do feiticeiro? Por que?
 - 6) Quais as medidas que a secretaria adota para divulgar o município e seus potenciais turísticos?
 - 7) Como a secretaria de turismo do município atua no feriado municipal do dia 03 de maio e qual a importância da data para o município?
 - 8) A secretaria atua de algum modo em auxílio dos guias locais e tem algum projeto para formação dos mesmos?
 - 9) Existe algum projeto em tramite que vise a formação de guias locais na comunidade de Boa Vista?
 - 10) Existe algum projeto que por ventura venha a fortalecer o turismo na comunidade de Boa Vista estruturando-a, para receber os visitantes?
-

APENDICE C – Roteiro de entrevista com a comunidade de Boa Vista – Lajes/RN.

Roteiro de entrevista com a comunidade de Boa Vista – Lajes/RN.

Nome: _____ Naturalidade: _____ Idade: _____
 Apelido: _____ Profissão/ocupação: _____

Seção 1 – Percepção Ambiental e atividades antrópicas

- 1) Há quanto tempo reside aqui na comunidade?
- 2) Durante todo esse período que o senhor (a) reside na comunidade percebeu diferenças na paisagem ao longo do tempo?
- 3) Quais os tipos de atividades que o senhor (a) realiza no seu cotidiano aqui na comunidade que necessitam da natureza?
- 4) Qual ou quais as fontes de renda aqui na comunidade?
- 5) Quais os tipos de lavoura que são plantadas aqui na comunidade?
- 6) Quais os animais que são criados na comunidade e qual a utilidade deles?
- 7) O senhor (a) acha importante o meio ambiente?
- 8) Você acha que o ser humano faz parte do meio ambiente?
- 9) Qual o seu sentimento com relação a Serra do Feiticeiro? (pertencimento)
- 10) Quais os problemas ambientais que você consegue observar na Serra do Feiticeiro (trilhas e arredores)?
- 11) O que você acha que pode ajudar na preservação da Serra do Feiticeiro?
- 12) O (a) senhor (a) acha que esse local pode ser usado para o turismo?
- 13) O que mais te chama atenção na Serra?
- 14) Com relação a Serra do Feiticeiro, conhece algum outro nome pelo qual ela seja conhecida?
- 15) Que impressão você teve quando subiu a serra pela primeira vez, subiu até qual local?
- 16) Como o (a) senhor (a) descreve a Serra do Feiticeiro? Acredita que ela é importante para a comunidade de Boa Vista?
- 17) A mina quando estava em atividade foi importante para comunidade?
- 18) Quais os tipos de minérios eram explorados na mina, sabe dizer?
- 19) Conhece a história do feiticeiro índio que dá nome a serra?
- 20) Conhece outras histórias místicas da serra?

Seção 2 – Percepção religiosa

- 21) Quanto à questão religiosa, o que o (a) senhor (a) sabe sobre essa história?
- 22) Conheceu algum parente do menino?
- 23) Com qual frequência visita à serra em razão da religião?
- 24) O (a) senhor (a) acredita que seja importante para comunidade esse simbolismo religioso?
- 25) Como a comunidade se prepara quando chega o dia 03 de maio?
- 26) Como o (a) senhor (a) nota a popularidade do santo menino e as romarias a cada ano?
- 27) Hoje existe algum parente do menino José que reside na comunidade?
- 28) Conhece alguma história de milagre lá da pedra do anjo?
- 29) O que o (a) senhor (a) acredita que deveria mudar/existir aqui na comunidade para ela ficar melhor e/ou gerar renda?

APENDICE D – Entrevista com os guias turísticos

Entrevista com os guias turísticos

Nome:

Naturalidade:

Idade:

Profissão/ocupação:

Perguntas:

- 1) Há quanto tempo exerce a função de guia/condutor local?
- 2) Além da atividade de guia/condutor local, tem alguma outra ocupação?
- 3) Como você percebe a importância de atividades turísticas na Serra do Feiticeiro?
- 4) Em média, por semana, sabe quantos visitantes você guia ou conduz na Serra do Feiticeiro?
- 5) Qual o período da semana que você é mais requisitado?
- 6) Os visitantes são moradores da região de Lajes ou residem em outros municípios?
- 7) Quais os atrativos que os visitantes buscam/esperam conhecer quando vão para a Serra?
- 8) Quais os atrativos que podem ser apreciados durante uma trilha na Serra do Feiticeiro?
- 9) A comunidade de Boa Vista interage bem com os guias que residem fora da comunidade?
- 10) Como vocês percebem a paisagem?
- 11) Qual a importância dessa paisagem para a região e para o município?

ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo
Campus Central

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa “ETNOGEOLOGIA NA SERRA DO FEITICEIRO: A TRILHA DA DEVOÇÃO” coordenada pela Professora Dra. Silvana Praxedes de Paiva Gurgel, que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a/o Senhor (a) será submetido ao seguinte procedimento: coleta de dados com realização de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas. As informações coletadas através da entrevista serão organizadas em banco de dados e depois analisadas qualitativamente.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: partindo do estudo da feição geomorfológica Serra do Feiticeiro, pretendemos analisar como a sociedade interage com aquelas paisagens e reproduzem seus símbolos religiosos, bem como a inserção desse lugar como novo georoteiro potiguar.

O benefício desta pesquisa se dá a partir do estudo da feição geomorfológica Serra do Feiticeiro, na qual a questão religiosa merece grande destaque. Não só as pessoas que moram na comunidade de Boa Vista, município de Lajes-RN no pé da serra, mais moradores da própria cidade, e de outras cidades vizinhas, até mesmo de outros estados vão todo dia 03 de maio participar da romaria. Por esta razão, se faz necessário um estudo da manifestação a fim de entender como se dá a propagação desse evento religioso que perdura há mais de um século, como são propagados os milagres e o que levam esses romeiros a enfrentar o difícil acesso até chegarem à capela do divino espírito santo e a pedra do anjo, que está quase no topo da serra.

Além de inserir a Serra do Feiticeiro como roteiro religioso e como um novo georoteiro potiguar, o que permite um reforço na renda da população local.

Os riscos aos quais os participantes da pesquisa estarão expostos são mínimos em razão de expor suas opiniões enquanto comunidade local ou mesmo os que vem de outros locais para participarem da romaria e da subida até a capela e pedra do anjo, bem como passíveis do risco de contaminação pela pandemia do Sars-Cov-2 (coronavírus). Esse risco será minimizado mediante: utilização por parte do participante da máscara de proteção, luvas e distância mínima para a segurança do pesquisador e do entrevistado, ainda a garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo. Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, o discente Everaldo de Oliveira Silva aplicará as entrevistas. O discente e a pesquisadora responsável poderão manusear e guardar os questionários; Sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não serão divulgados dados que identifique o participante; Garantia que o participante se sinta à vontade para responder aos questionários, resguardado o direito de desistência da referida entrevista, caso não esteja se sentindo à vontade e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em CD-ROM e *pen drive* e caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador

responsável. Prof^a. Dra. Silva Praxedes de Paiva Gurgel, Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Natal, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a orientadora prof^a. Dra. Silvana Praxedes de Paiva Gurgel, professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Avançado de Natal, no endereço Av. Dr. João Medeiros Filho, nº 3419, bairro: Potengi. CEP 59110-970 Cidade: Natal/RN. Tel.(84) 3207-8789. Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** da Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte pelo telefone: (84)3312-7032 ou E-mail: cep@uern.br. O comitê está situado no Município de Mossoró/RN, no Endereço: Rua Miguel Antônio da Silva Neto, s/n, Bairro: Aeroporto, CEP: 59.607-360.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

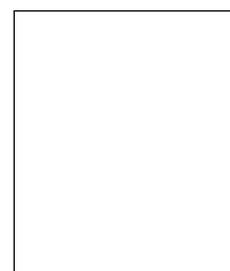
Consentimento Livre

Concordo em participar desta pesquisa “ETNOGEOLOGIA NA SERRA DO FEITICEIRO: A TRILHA DA DEVOÇÃO”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido(a) e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Lajes - RN, ____/____/____.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante



Aluno: Everaldo de Oliveira Silva (**Aluno-pesquisador**) - Aluno do Mestrado em Geografia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço: Campus central, setor III, no endereço rua Prof. Antônio Campos, s/n, bairro, BR 110, Km 8, Bairro Costa e Silva, CEP: 59610-090– Mossoró – RN. Tel. (84) 3315-2193

Prof.^a. Dra. Silvana Praxedes de Paiva Gurgel (**Orientadora da Pesquisa – Pesquisador Responsável**) - Curso de pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus central, setor III, no endereço rua Prof. Antônio Campos, s/n, bairro, BR 110, Km 8, Bairro Costa e Silva, 59610-090– Mossoró – RN. Tel. (84) 3315-2193.

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ETNOGEOMORFOLOGIA, MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE NA SERRA DO

Pesquisador: EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 42854121.6.0000.5294

Instituição Proponente: UERN

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.664.972

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa corresponde a um trabalho final do Mestrado Acadêmico em Geografia e surge a partir da inquietação que se faz com os símbolos religiosos existentes na Serra do Feltioleiro, no município de Lajes-RN. A investigação parte do seguinte questionamento: A topografia de altitude elevada da Serra do Feltioleiro favorece as manifestações religiosas ali existentes? Se trata apenas de um traço da religião cristã? Em busca de respostas esta pesquisa será de cunho bibliográfico tomando por base bibliografias tais como artigos, dissertações e teses, elaboração de um check-list. Além de trabalhar com o instrumento de pesquisa, entrevista, aplicando questionários abertos, buscando na memória e pela oralidade responder aos questionamentos. Busca-se também trazer melhorias para população que reside na área próxima a Serra do Feltioleiro e propor inserção do local como novo georoteiro potiguar. O estudo se debruça sobre os moradores da comunidade de Boa vista, local que está localizado onde antes era a fazenda Boa Vista, mesmo lugar em que se encontra a Serra do Feltioleiro, Moradores da Cidade de Lajes-RN, espaço geográfico onde está nosso objeto de estudo, bem comoromeiros que vem de outros lugares todo dia 03 de maio.

Objetivo da Pesquisa:

Geral

Partindo do estudo da feição geomorfológica Serra do Feltioleiro pretendemos analisar como a sociedade interage com aquelas paisagens e reproduzem seus símbolos religiosos, bem como a

Endereço: Rua Miguel Antonio de Silva Neto, s/n
Bairro: Aeroporto CEP: 59.607-360
UF: RN Município: MOSSORO
Telefone: (84)3312-7052 E-mail: cep@uern.br

Página 01 de 04

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1683533.pdf	01/04/2021 08:29:23		Aceito
Outros	Carta_resposta_as_pendencias1.doc	21/03/2021 19:32:44	EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CORRIGIDO.docx	21/03/2021 19:31:43	EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA	Aceito
Outros	TERMOAUDIO.doc	20/01/2021 23:25:16	EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA	Aceito
Outros	TERMOIMAGEM.doc	20/01/2021 23:25:02	EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA	Aceito
Outros	declaracao_inicio_pesquisa.doc	20/01/2021 23:24:47	EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Everaldo_de_Oliveira_Silva.doc	20/01/2021 23:20:16	EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_digitalizada.pdf	19/01/2021 11:13:26	EVERALDO DE OLIVEIRA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Miguel Antonio de Silva Neto, s/n
Bairro: Aeroporto CEP: 59.607-360
UF: RN Município: MOSSORO
Telefone: (84)3312-7052 E-mail: cep@uern.br

Página 02 de 04



Continuação do Parecer: 4.664.972

MOSSORO, 22 de Abril de 2021

Assinado por:
Ana Clara Soares Palva Tôrres
(Coordenador(a))